

GLAYCIANE COSTA

INCONSEQUENTE

“E QUANDO TUDO O QUE RESTA É LUTAR
PARA SOBREVIVER?”

SÉRIE SILENCE ANGELS - LIVRO 3



INCONSEQUENTE

Glayciane Costa

Glacyane Costa

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Capa: Lune Design

Revisão: Adriana

Revisão final: BM Assessoria

Diagramação Digital: Glacyane Costa

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Dedicatória

Para todos aqueles que já se sentiram abandonados por serem diferentes.



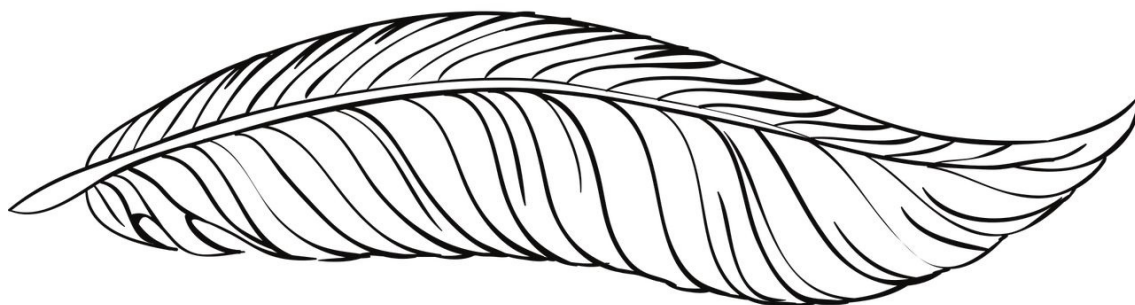
Sinopse

E quando tudo que resta é lutar para sobreviver?

Vivemos em uma inconstância e o único momento em que nos estabilizamos é quando o nosso batimento cardíaco se torna apenas uma linha reta.

Você nunca está preparado para perder alguém, até que essa dor inevitável chega lhe fazendo uma visita. Eu quebrei e me reconstruí quando nossos olhos se encontraram, mas o que não esperava era estar prestes a perdê-lo também. Era como perder a mim mesma.

Duas vidas ligadas por uma linha tênue prestes a se romper. Mas dessa vez farei de tudo para não deixá-lo partir.



Prefácio

Um anjo. Um coração perdido. Um amor inconsequente.

Amy é a garota lutadora pela qual tanto esperei para me apaixonar e não me decepcionou nem um pouco. Em um único capítulo, consegui me apegar a ela de uma forma inacreditável, sua força, sua vontade, suas lutas, tudo isso me envolveram em um só segundo. Suas limitações foram o limiar desse precipício de amor, porque somente isso pode descrever meu relacionamento com esse livro.

Durante três livros, Glayciane apresentou um MC cheio de segredos, aventuras e desentendimentos. E o mais inusitado é que você se pega apaixonado por cada uma dessas pessoas, como diria Frankie, não existe uma pessoa nesse clube que não esteja quebrada.

Nessa jornada, viajamos com Liam e Ally por um amor completamente improvável, onde as raízes dos sentimentos nasceram em meio a escuridão de suas dores e cicatrizes, encontrando esperança em uma pequena sementinha que só traria luz no futuro.

Acompanhamento um soldado cair de joelhos por uma mulher cheia de força e paixão. Colin amou Livie no segundo que a conheceu, com todos os defeitos, problemas, falhas e bagagens, amou duas crianças que não são suas como filhos e imaginou um futuro no mesmo segundo. Não foi amor à primeira vista, foi um infinito em um segundo, talvez um pouco mais.

Nós vimos Silence Angels, cheios de valentões, homens rudes, grandes,

tatuados e assustados, se transformarem na mais doce paixão. Cada um com seu papel de destaque, mas acima de tudo, vimos a justiça prevalecer, com Bennet, por Avery, por Ally, por Liam e por cada pobre alma machucada nessa história. E é claro, não poderia faltar quem estava no centro do furacão, Mark.

Inconsequente, deveria ser só mais um livro onde desvendaríamos os segredos de um loiro cheio de carisma, com cheiro de perigo. Porém, não é bem assim. Ninguém é perfeito e nem feliz todo tempo, muito menos Mark, ou deveríamos chamá-lo de Phillip?

Em um enredo marcante que te encanta a cada página, com humor e lágrimas, Mark nos conta a história de um garoto atormentado pelo passado, pesadelos profundos, danos na alma, a história de uma família desestruturada pelos medos de um pai agressivo e prepotente, a história de um homem que carregou o mundo nas costas só para encontrar paz nos punhos de uma garota sobrevivente.

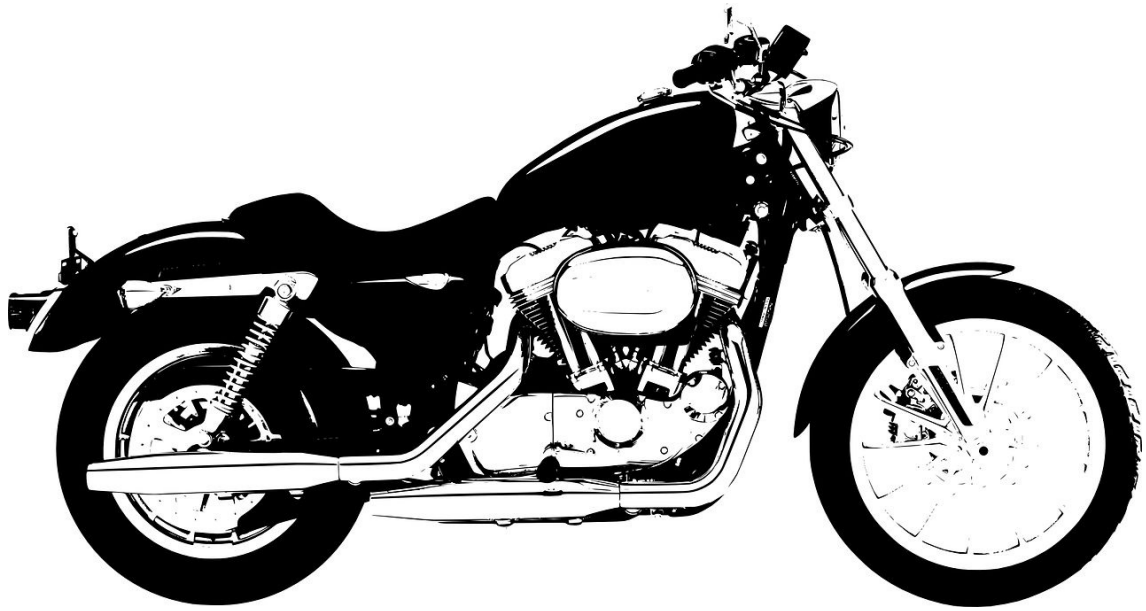
Acho que nessa guerra de dores, eles encontraram um no outro, motivos para se render. Ela não desiste e ele jamais abandonaria aqueles que ama. Ela bate sua raiva com o sangue e suor, ele afaga espinhos em nome do amor. Ele morreria pela família e ela sobreviveu a sua. Dois quebra-cabeças prontos para se encaixar em um encontro avassalador.

Em toda essa aventura, o ensinamento é que você nunca está sozinho suficiente que não possa se reerguer, encontrar seu ponto de paz, sua marca no mundo, seu lugar de pertencimento. Nunca. Embora o sangue que corra em suas veias não possua um lar, seu coração pode escolher um. Mark encontrou uma família em um grupo de motoqueiros e se despedaçou para amar o passado, o presente com crianças fofas e o futuro com uma jovem “ratinha”.

Dizem por aí, que a Disney torna sonhos realidade, eu posso garantir que aqui, em uma jornada tão crua e real, qualquer um pode ser a princesa do dia e ao observar esse casal dançar sob a luz da sala, encontrei a realeza que jamais imaginei, um príncipe rude e uma dama que salvou a si mesma.

Não cale sua voz. Não desista. Ame. Lute. Porque a inexplicável incapacidade de não desistir se deve a esse amor inconsequente pelos seus sonhos. Nunca é um adeus, somente um até logo.

Eline Alvarenga - @asasdecinder



Capítulo 1

Mark

O destino é uma merda e ele sabe disso.

— Olha o que temos aqui. — A voz irritante de Cash faz meus olhos desviarem do corpo inerte e sangrando no chão. Fazer negócios com Cash não é nossa melhor opção, principalmente quando ele não tem o menor problema em deixar seus rastros jogados no chão com um buraco na cabeça. — Vamos lá, porra. Levanta! — Faço um sinal para Frank remover o corpo do chão e ando até Cash, que está apontando uma arma para um garoto magricelo. Seu rosto está coberto por um capuz velho, Cash aperta o cano da arma contra o queixo do garoto. — Quem te mandou aqui? O quanto você viu? — O silêncio dele me surpreende, qualquer pessoa com bom senso estaria gritando por sua vida, mas ele apenas mantém a cabeça erguida.

Cash empurra com mais força e antes que ele possa puxar o gatilho, engatilho a minha arma e aponto em sua direção.

— Solte o garoto e afaste-se.

— O quê? — Cash ironiza com um sorriso, até que todos à sua volta apontam suas armas para ele. Olhando ao redor, pressiona a arma mais uma vez antes de jogar o garoto no chão e se afastar.

— Pronto. Ele está livre. — Guardando a arma na parte de trás da calça, ele caminha até sua moto e o resto do seu grupo o segue.

Meu primeiro pensamento é derrubá-lo com um soco, mas a minha terapeuta não ficaria feliz com isso.

— Vocês podem ir, avisem ao Liam o estrago que Cash fez.

— Tem certeza que não quer ajuda com ele? — Frankie aponta para o pequeno rato que tenta se levantar com uma de suas mãos pressionando suas costelas.

— Eu posso lidar com isso. — Volto minha atenção para o garoto, que se encolhe quando consegue se sentar. — Qual é o seu nome? — Ele não reconhece minha voz e quando estico minha mão para tocá-lo, bloqueia com um golpe. Seus olhos finalmente encontram os meus e me perco nos azuis mais profundos. Antes que eu possa dizer alguma coisa ele sai correndo, enquanto fico parado apenas observando seu corpo sumir nas sombras.

Amy

O acúmulo de dor gerou raiva em vez de impotência, então, quando um gancho de direita atinge meu rosto, sinto-me desnorreada por alguns segundos antes de um sorriso formar em meu rosto e começar a atacar meu agressor. Eles nunca esperam muito de mim, uma garota com um metro e sessenta e quatro de altura e quase cinquenta quilos não assusta muito, até que o rosto dos meus pais aparece na minha frente e tudo o que posso fazer é desferir socos no infeliz diante de mim. Assim que o chão treme aos meus pés após a queda do “Punho de Ferro”, sinto um braço ao redor da minha cintura afastando-me do meu adversário, então sei que a luta está ganha.

Mantenho minha cabeça baixa quando saio do tatame andando em direção ao meu cafetão, ele não prostitui meu corpo, apenas meus punhos.

Desde o momento em que parei na sua casa após o meu último pai me abandonar lá, Carter me obriga a lutar e ser a melhor ou ficarei sem um prato quente de comida e uma cama confortável. Enquanto eu soco a vida fora dos caras, ele fica com oitenta por cento do lucro. Isso quando está bonzinho, mas hoje não é um desses dias. Quando chego à área ^{VIP}, Carter está com uma prostituta em seu colo e seus seguranças ao redor. Seus olhos me fitam com raiva, quando um dos guardas entrega-me um papel.

Você demorou a nocauteá-lo. Vamos ver se seu show vai lhe dar uma cama quente para dormir.

Ele joga algumas notas de dez dólares no chão, faço a leitura labial quando manda um dos seguranças me expulsar. Sei que poderia derrubá-lo facilmente, mas não seria tão forte quanto um cano de uma arma. Engulo o pouco de dignidade que tenho e pego as notas no chão. Trinta dólares. Essa é uma das situações onde preciso escolher entre um local para dormir e algo para comer.

Cubro minha cabeça com o capuz e saio do clube pelo beco, que me leva até meu local seguro. Não é muita coisa, me protege da chuva, mas não do frio. Debaixo de uma escadaria de um prédio velho, deito-me sobre umas caixas de papelão abertas puxando o cobertor sobre meu corpo dolorido. As contusões demoram cerca de duas a três semanas para curarem, no entanto, sempre se renovam às sextas-feiras. Respiro algumas vezes forçando meu corpo a relaxar, mas de repente sou atingida por um chute forte contra minha costela e ofego por ar.

Mãos firmes levantam-me do chão antes de empurrar meu corpo contra a

parede, o cano de uma arma pressiona o meu queixo e sinto meu corpo gelar. Sua boca se abre várias vezes, mas eu não consigo identificar o que ele está falando, a escuridão não me permite fazer leitura labial. Sua expressão corporal indica que ele está com muita raiva. Algo tira a sua atenção e o faz virar, logo depois ele se afasta e me joga de volta no chão.

Minhas costelas reclamam quando levanto, assim que estou me sentando, um homem estende sua mão para mim, recuo com medo do seu toque. Não sei se ele está de alguma forma ligada ao cara que apontou a arma para mim, com certeza não estou a fim de descobrir. Meu corpo está machucado e o idiota conseguiu fazer um ponto com o meu lado esquerdo. Ignorando toda a dor do meu corpo, corro em direção à escuridão sem olhar para trás em nenhum momento.

Mark

Antes que o garoto tome distância, enrolo meu braço ao redor do seu corpo, surpreendo-me com o grito inumano que sai da sua boca. Meu primeiro instinto é soltá-lo, mas a possibilidade de ele voltar a fugir é grande. Eu não posso deixá-lo passar mais uma noite na rua, então o viro na minha direção, o movimento rápido faz com que o capuz saia da sua cabeça, expondo um rabo de cavalo. Olho para seu rosto atentamente e apesar de estar machucado, eu nunca duvidaria que o garoto na verdade é uma garota. Uma machucada e jovem garota.

— Você é uma garota.

Eu a espero responder, mas seus grandes olhos azuis apenas me olham assustada. Antes que possa me preparar, ela volta a se debater. Seu corpo se move em movimentos rápidos e ágeis, tenta socar meu rosto, mas consigo imobilizar seus punhos e pressioná-la contra a parede.

— Qual é o problema com você? — Ela não me responde, mas seu rosto está torcido com raiva, nem um pouco assustadora. A garota é pequena, não tem nem um metro e sessenta, porém ela é mais forte do que deixa transparecer. — Qual é o seu nome? — Seus olhos desviam dos meus para a minha boca, parecendo atenta a cada palavra que sai dela. — Preciso saber seu nome para que possa te ajudar. — Sem falar uma palavra, ela apenas balança a cabeça negativamente. Decidido a testá-la, começo a soltá-la e, assim como imaginei, tenta correr, mas ao enrolar meu braço ao redor da sua cintura, ela uiva de dor e se dobra, cavando suas unhas no meu braço.

Segurando todo o peso do seu corpo com o meu, começo a levantar sua blusa para examinar suas costelas. Seu rosto está torcido de dor, mas sem se opor ao meu toque.

— Suas costelas estão machucadas, preciso levá-la ao hospital. — Nega veemente e antes que comece uma luta, eu a pego pelos braços, levando-a para a minha moto, onde coloco o meu capacete em sua cabeça mesmo com ela lutando contra. — Nem pense em pular da moto, eu já vi mortos demais hoje. — O capacete fica enorme em sua cabeça e seus olhos estão o dobro do tamanho quando olha através dele. Tiro a minha jaqueta para colocar sobre seus ombros, mas dá um passo para trás, negando, o capacete se move na sua cabeça e o segura com as mãos. — Eu não a deixarei morrendo de frio.

Antes que ela volte a negar, avanço em sua direção, cobrindo seu corpo

com a jaqueta. Seus olhos se estreitam para mim, mas acabo ignorando-a quando a coloco montada em cima da moto. Ela parece tão pequena e perdida em cima, que eu temo machucá-la no menor movimento brusco.



Capítulo 2

Amy

Não fale com estranhos.

Não aceite doces de estranhos.

Não entre em carros de estranhos.

Será que o último vale para motos também?

Eu sei que não deveria ter subido em sua moto, mas se levar em consideração, eu não subi. Ele me colocou sobre ela, além de colocar essa peça gigante na minha cabeça. Ela pesa e duvido que possa ser considerada um capacete. Depois de lutar com tudo o que tenho contra ele, por incrível que pareça, nada que eu fizesse seria capaz de afastá-lo de mim. Quando seu braço se chocou contra minhas costelas machucadas pela segunda vez, eu já não tinha mais forças. Ele é o dobro do meu tamanho e só preciso ganhar tempo para pular da moto assim que ele diminuir a velocidade, mas meus planos fracassam quando ele mantém a velocidade alta e a cada curva eu preciso me agarrar ao seu corpo com medo de sermos jogados para fora da estrada. Ele só começa a abrandar quando chegamos em frente a uma grande casa, se é que eu posso chamar assim. Ele desce da moto, deixando-me sobre ela.

— Você já pode descer. — Ainda sem responder, começo a me desenrolar segurando sua mão estendida como apoio, assim que minhas pernas estão em terra firme elas tremem e é preciso apoiar meu corpo na moto para manter o equilíbrio. — Aqui é um lugar legal, você vai gostar...

Suas palavras se perdem quando um carro em alta velocidade passa por nós. Ele continua falando, mas já não consigo me concentrar no que ele diz, olho para o lugar à minha frente onde uma placa com o nome “O Mundo de Carly” cobre a metade da entrada. Depois que completei dezoito anos, finalmente consegui minha carta de alforria, mas o cara que me encontrou não pensa assim. Eu sei o que esse lugar significa. Mas não pertencço a isso. Acabo atrapalhando-me tentando tirar o capacete, quando finalmente consigo eu o jogo contra seu corpo só para sair correndo na direção oposta.

Mark

Putá merda!

Será que eu preciso amarrar essa garota?

Depois que quase acerta o meu queixo com o capacete, ela corre em direção à avenida nem um pouco preocupada em ser atropelada. Grito querendo chamar a sua atenção, mas ela nem parece reconhecer minha voz. No momento que está prestes a virar a esquina, consigo alcançá-la e a coloco sobre meu ombro. Nesse momento, eu esqueço que ela pode estar ferida ou machucada, apenas continuo andando, ignorando seus socos nas minhas costas.

— Que merda é essa? — Collin pergunta assim que abre a porta da instituição.

Depois que Livie, sua esposa, recebeu milhões de seu avô até então desconhecido, ela resolveu investir em um centro de caridade para crianças e jovens que convivem ou conviveram com algum tipo de violência doméstica e não têm para onde ir. Eu não sei se a garota massageando minhas costas se encaixa nesse perfil, mas as contusões em seu rosto não podem significar outra coisa.

— Nós precisamos de um lugar para ficar, quer dizer, ela precisa. — Viro-me de costas para que Collin possa ver a garota, que me bate cada vez mais forte.

— Oh, senhor. — A voz de Livie me faz virar novamente, ela ofega colocando a mão na boca. — O que você fez? Coloque-a no chão.

Faço como Livie diz e logo que coloco a pequena no chão, a coisa leva as mãos à cabeça, olhando ao redor. Pensei que não fosse possível, mas seus olhos aumentam o dobro do tamanho.

— Eu a encontrei em um beco escuro, na verdade, Cash a encontrou.

— Cash? — As sobrancelhas de Collin franzem quando cruza os braços sobre o peito.

— Sim, mas é uma história para outra hora. Ela estava dormindo em um beco e tem ferimentos em todo seu rosto, acredito que suas costelas podem estar quebradas.

— E mesmo assim você a colocou sobre seu ombro — Livie rosna e sorrio para o seu jeito mandão.

— Ela estava tentando fugir desde o momento em que eu a encontrei, a

garota não é normal. — Olho para o pequeno ser, que parece totalmente alheia à nossa conversa.

Seus olhos estão olhando cada canto do lugar e não me surpreende se ela estiver procurando uma saída para fugir.

— Qual é o seu nome? — A garota não responde, Livie me olha com a testa franzida. — Hey. — Livie toca seu braço, chamando sua atenção. A garota olha assustada como se só agora tivesse reconhecido a sua presença. — Você quer subir comigo para trocar de roupa e comer algo quente? — Começa negar, até que seus olhos voam para mim e depois afirma. Livie segura sua mão, levando-a para o corredor, onde desaparecem. Eu me jogo no sofá cobrindo meus olhos com os braços.

— Obrigado por terem me recebido a essa hora.

— Não foi nada. Livie ainda estava aqui para terminar de preencher uma papelada. — Collin se senta ao meu lado. — Você fez a coisa certa ao trazê-la aqui, ela claramente está precisando de ajuda.

— Ela vai ficar bem aqui?

— Livie já fez alguns telefonemas, nós vamos cuidar dela.

Respirando mais aliviado, começo a me levantar.

— Eu preciso ir, Cash fez um estrago com a nossa única testemunha.

— Vocês precisam de ajuda?

— Nós vamos conseguir sobreviver sem o FBI — sorrio e saio do abrigo.



Já é quase meia-noite quando chego ao complexo. O barulho de música alta me cumprimenta, por alguns segundos considero se devo ou não voltar para a minha casa em vez de ficar aqui. Se está tendo uma festa é porque Liam ou Ally não estão aqui. Desde que minha sobrinha nasceu, eles têm evitado passar a noite no complexo. Sinceramente, eu não os culpo, mesmo que o clube esteja passando por uma transição para se tornar legítimo, as festas não são um lugar para uma criança de dois meses de vida. Entro no complexo andando em direção às escadas sem fazer contato visual com ninguém. Subindo as escadas de dois em dois degraus, telefono para Liam, que só atende no terceiro toque.

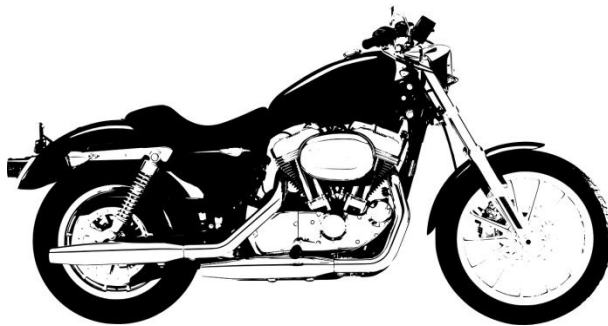
— Que merda aconteceu?

— Cash não é de confiança, eu falei para você. — Coloco o celular no

viva-voz e jogo em cima da cama quando começo a tirar minha roupa. Desde que Michael, o ex-presidente do clube, fugiu, Cash vem andando de forma estranha, mesmo assim Liam resolveu lhe dar mais uma chance, mas ele não está sabendo aproveitar.

— Você precisa voltar lá sozinho. Se o clube tiver alguma ligação com Michael nós corremos perigo.

— Eu só preciso que você cuide da minha irmã e sobrinha, o resto dou conta. — Encerrando a ligação, vou para banheiro, onde tomo um bom e merecido banho.



Capítulo 3

Mark

Você já viu um anjo lutar? Eu também não, até hoje.

Depois da minha conversa com Liam, resolvi voltar ao clube três dias depois. Eu só não esperava encontrar uma garota com um pouco mais de um metro e cinquenta chutando a bunda de um cara com o dobro do seu tamanho. Não é a primeira vez que presencio isso, afinal, Ally e Mandy já conseguiram derrubar metade do moto clube, mas a única diferença é que as lutas lá são legítimas, e não um vale tudo como o desse lugar. O público vai à loucura com cada soco que a garota desfere no homem. O cara consegue se defender, desferindo um soco na barriga na garota. Estremeço só de olhar, mas ela parece nem sentir quando chuta a costela do homem e assim que ele se curva, ela o atinge na orelha e queixo.

O homem cai no chão como uma fruta podre, a garota sobe em cima do cara mesmo com ele já caído e o juiz precisa tirá-la de cima dele. Ela se mexe até que o juiz a solte antes de correr em direção a uma sala de vidro com a cabeça baixa, consigo pegar um relance do seu rosto quando entra e meu coração pula uma batida quando noto que é a mesma garota que encontrei três dias atrás.

O que ela está fazendo aqui?

Pego meu celular para ligar para Collin, mas já tem uma mensagem dele no meu celular.

Collin: *Perdemos a garota.*

Amaldiçoo ao descer da arquibancada. Fico vigiando a porta na espera que saia de lá, e assim que acontece eu a sigo até a saída. Quando chega perto da porta ela se curva, segurando sua barriga, parecendo menor do que da última vez que a vi, mas não tão frágil quanto antes.

— Você está bem? — Ainda curvada, seu corpo começa a tremer. Quando percebo que ela não vai me responder, toco seu ombro e recuo assustado no momento em que seu punho se choca com o meu queixo. Seus olhos estão brilhando com lágrimas, seu rosto vermelho, seu lábio está cortado e um olho está inchando. Massageio meu queixo e ela me olha assustada. — Você precisa de ajuda?

Seus olhos fitam minha boca antes de negar com a cabeça. Não consigo explicar, mas algo nela me atrai mais do que eu posso entender. Tento me aproximar dela novamente, mas seu corpo treme e ela se curva novamente, mas antes que eu possa me preparar seus olhos se fecham e ela desmaia.

Alcanço seu corpo a tempo de evitar que atinja o chão. Minhas mãos seguram sua cintura, sinto algo molhado no seu abdômen, no momento em que olho para baixo, vejo o sangue manchando sua camisa.

Só não imaginaria que a minha vida mudaria para sempre a partir daquele momento.



— Como assim, ela não tem audição no ouvido direito? — Depois de um momento impensável, onde eu trouxe a garota para casa, liguei para George, o padrasto de Ally, porque precisava de alguém para examiná-la e que não fizesse um grande show sobre isso. — Essa garota vivia nas ruas.

— O seu ouvido esquerdo também foi seriamente comprometido, então eu poderia dizer que ela tem no máximo quarenta por cento. Não posso fazer muito sem exames específicos, mas temos uma chance de ela conseguir se adaptar a aparelhos auditivos.

— Você acha?

— Não recuperaria a audição do seu ouvido direito, mas poderíamos balancear com o esquerdo. Talvez noventa por cento, é um valor al...

— Eu pago. Você pode cuidar disso?

George me olha com a boca aberta antes de se recuperar e retirar um bloco de receitas da sua maleta.

— Ela vai se sentir cansada e dolorida, mas nenhum órgão foi afetado. Não deixe que ela volte a repetir essa loucura. — Ele bate no meu ombro quando passa por mim e anda em direção à porta.

Depois que tranco todas as portas e janelas, subo para meu quarto, onde a garota sem nome descansa.

— Como você conseguiu sobreviver tanto tempo?

Ela continua deitada na mesma posição que eu a coloquei quando chegamos, o único sinal de que ela está respirando é a pequena elevação do seu peito. Suas roupas estão sujas e desgastadas e há um pequeno furo no seu tênis. Seu corpo é tão magro que os ossos estão nítidos em sua pele, ela é tão jovem e parece não ter mais de quinze anos. Toco delicadamente o machucado em sua pele antes de fazer meu caminho para o meu escritório.

Amy

Silêncio

1. Ausência de qualquer ruído.

Eu odeio o silêncio. Eu odeio ter que escutar apenas os meus pensamentos. Eu odeio não poder fazê-los parar. Talvez no dia que eu conseguir, eu volte a amar o silêncio.

Acordo sentindo uma superfície confortável debaixo de mim, diferente do papelão e do cobertor velho que uso na maioria das vezes. Um gemido escapa da minha boca quando movo meu corpo. A luta passada foi a pior de todas, estou cada vez mais fraca e meus adversários estão começando a adivinhar meus golpes. Isso porque não tenho mais tempo para treinar, ao contrário dos anos anteriores, onde meu treinador estava sempre no meu pé, ensinando e controlando cada um dos meus golpes. Hoje em dia eu só tenho um velho saco de pancadas, e tudo o que consigo aprender quando assisto outras lutas, o que não é muito. Mas o suficiente para fazer Carter feliz.

Uma luz incômoda atinge meus olhos, que tremulam algumas vezes antes que eu consiga os abrir. O quarto é enorme com tonalidades escuras, totalmente diferente do quarto do abrigo que aquele homem me levou. Meus olhos voltam a fechar novamente, mas se abrem quando sinto uma movimentação na cama. O mesmo cara loiro de algumas noites atrás aparece à minha frente, ele fala algumas coisas, mas não consigo ler seus lábios. Minha visão está embaçada e meu olho esquerdo dolorido, assim como meu torso. Tento me virar para o lado, mas uma dor excruciante atinge meu corpo, fazendo-me soltar um gemido.

— Hey, você não pode fazer esforço físico. O corte não foi profundo, mas os pontos estão sensíveis.

Olho ao redor, atordoada por estar em um lugar fechado com um estranho, um estranho que estava na companhia do homem que apontou a arma para mim. Várias perguntas rodam em minha cabeça, mas a minha deficiência e medo me impedem de falar.

— ...sabe escrever? — É a única parte que eu consigo entender depois de voltar a olhar em sua direção.

Ele me mostra um bloco de papel com uma caneta. Aceno levemente e começo a me levantar da cama, mas meu rosto se transforma em uma careta quando sinto uma dor aguda no meu lado. Pego o bloco de sua mão, demoro um

pouco para entender o que está escrito. Não que eu não saiba ler, mas parei de frequentar a escola quando tinha doze anos, desde então essa a primeira vez que eu pego em um lápis e papel.

Depois do acidente que matou meus pais, onde perdi uma boa parte da minha audição, os médicos disseram que havia duas maneiras de recuperá-la: usando o implante coclear ou um aparelho comum. Mas enquanto era jogada para lares adotivos diferentes, ninguém realmente se importava se eu estava ou não ouvindo. Contanto que eu ficasse de boca fechada, eles estavam felizes. Comecei a parar de falar a partir do momento em que eu não consegui mais identificar o tom da minha voz, era tudo mecânico e isso me deixava constrangida, então apenas aceitei que ficar em silêncio era a melhor opção.

Mark

Olho para a garota por alguns instantes, enquanto ela apenas observa o bloco de papel em suas mãos. Ela não se move e nem sei se respira. Tentei explicar sobre sua condição e o aparelho auditivo, mas apenas me ignorou. Descobrir que sua audição estava comprometida todo esse tempo, enquanto ela andava sozinha pelas ruas pode ser um pouco assustador.

Então, depois de que minhas tentativas de comunicação falham, onde consigo apenas o seu nome, saio do quarto e a deixo sozinha com seus pensamentos, voltando para o meu escritório no andar de baixo sentindo os efeitos que a falta de sono está trazendo para o meu corpo. Aos nove anos fui diagnosticado com insônia, mas o meu tratamento só começou aos vinte e um, quando a minha irmã Amélia me encontrou desmaiado na cozinha.

No momento que seu corpo é privado do sono por longos momentos, ele logo cobrará seu preço e, com certeza, não vai esquecer dos juro. Depois de ter ficado quatro dias sem dormir, no momento que cheguei da faculdade eu não pude mais lutar contra ele, então simplesmente encontrei uma superfície plana e adormeci. Por dezesseis horas sem interrupção, isso com certeza a assustou. Então ela me obriga a fazer terapias, mesmo que eu não tome medicamentos ou sigas as merdas das suas instruções. Espero que hoje seja um desses dias, porque meu corpo está implorando por um descanso. Jogo os papéis espalhados no sofá no chão antes de me deitar sobre ele e me perder no mundo dos sonhos.

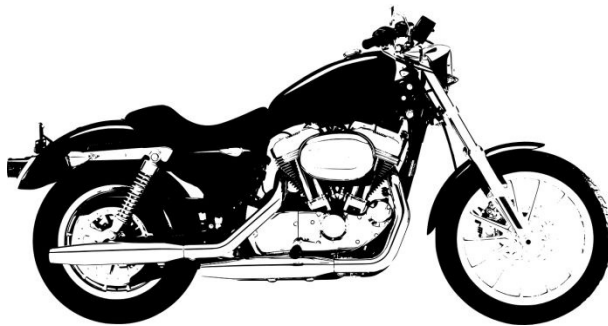
Amy

Silêncio, o meu maior inimigo. São em momentos como esses que eu gostaria de voltar a ouvir novamente, não apenas ruídos a distância sem nenhuma sintonia. Olho para a caixinha que Mark deixou ao meu lado antes de fechar os olhos e rezar para a exaustão me consumir, mas quando ela vem, ela traz lembranças e sensações que odeio sentir.

— *Por que você não pode simplesmente calar a boca?*

Estremeço ao escutar o grito histérico da minha mãe. Coloco meu fone de ouvido e ligo o iPad no volume máximo enquanto desvio meu olhar para a janela. É sempre a mesma coisa. Eles vão gritar como se não houvesse amanhã, e quando chegarmos em casa ambos vão se tratar como se nada tivesse acontecido até a próxima briga. Tiro meu cinto de segurança e deslizo meu corpo até que ele esteja escondido atrás do banco frontal em uma tentativa falha de tentar me esconder dessa gritaria.

Essa é a última coisa que me lembro antes de encarar os rostos inertes dos meus pais.



Capítulo 4

Mark

Escuto um barulho de vidro quebrando, corro para fora do meu escritório, só para encontrar a pequena Amy nas pontas dos pés vasculhando meus armários da cozinha. Ela está vestida apenas com minha camisa social preta, seu cabelo preto está solto em suas costas e eu não acho que ela se deu conta de que acabou de derrubar uma coleção de copos da minha mãe no chão. Meu primeiro instinto é avisá-la do pequeno acidente que acabou de acontecer, mas como ela não corre nenhum risco de se machucar, apenas continuo observando-a. Eu tentei manter uma conversa, mas ela apenas me observava com seus grandes olhos azuis, levei comida para ela, que comeu apenas um pouco da sopa antes de fechar os olhos e me dispensar. Sem querer atormentá-la depois de todos os traumas que aconteceu, simplesmente separei algumas roupas e deixei uma nota em cima delas para que se sentisse à vontade.

Acredito que tenha funcionado, já que ela está de banho tomado e vestindo roupas limpas.

— Que merda você está fazendo? — Collin pergunta quando fica ao meu lado observando a pequena *mouse* andando ao redor.

— Ela está tentando roubar minha comida. — Aponto para a garota antes de perguntar. — Como você entrou aqui?

— Você me deu a chave. — Ele joga o molho de chaves na minha direção antes de cruzar os braços e observar Amy. Quando preciso ficar no clube, Collin e Livie ficam responsáveis pela manutenção da minha casa. — Você vai voltar para o clube? — Antes que eu possa responder, Amy escolhe esse momento para se virar e perceber nossa presença. Ela está abraçada a um pote de pasta de amendoim como se ele fosse seu escudo.

— Olá, Mouse — sorrio com o canto da boca, observando sua reação.

Ela olha para Collin antes de desviar sua atenção para mim. — Então você está se sentindo melhor? — Ela acena mais uma vez antes de desviar o olhar para a bancada, onde há alguns pães de forma espalhados em dois pratos ao lado de um pote de geleia de morango. Sua expressão corporal muda aos poucos, tento observar se o aparelho auditivo está na sua orelha, mas seu cabelo a esconde completamente do meu ponto de vista. Faz dois dias que eu a trouxe para casa e essa é a primeira vez que eu a vejo longe da cama. — Acho que você vai gostar mais da de uva. — Aponto para a geleia antes de sair do cômodo, levando Collin comigo. Assim que entro no escritório jogo meu corpo na cadeira, que nesse momento não parece ser tão confortável.

— Por que você não me avisou que a tinha encontrado? — Collin se senta na cadeira à minha frente. Seus olhos estão sérios e posso chutar que ele está além de chateado.

— Aconteceu um imprevisto. — Desvio o olhar, fugindo da sua análise sobre mim. De todos os meus amigos, nenhum deles realmente sabe sobre meu problema com insônia e eu prefiro continuar assim. Demonstrar fraqueza não é realmente uma escolha, principalmente no mundo em que eu vivo.

— Uma mensagem de texto não atrapalha ninguém. Livie ficou realmente preocupada com a garota.

Sinto um pequeno sorriso se formar no meu rosto com a menção do nome da pequena sereia. Você não precisa passar mais do que quinze segundos ao seu lado para entender o que estou falando.

— Eu a encontrei em um clube de luta, o mesmo clube que Michael está possivelmente escondido.

— Você interrogou a garota? — Sua postura muda de relaxada para policial em ação.

Nego, começando a buscar o laudo médico entre os papéis da minha mesa.

— Eu não sei como interrogar uma garota surda, ou parcialmente surda. — Dou de ombros e entrego os papéis a ele, que analisa antes de olhar para mim.

— Surda e em um clube de lutas. — Um pequeno sorriso nasce em seu rosto. Ele pega o celular, antes que eu esteja preparado, o flash atinge meu rosto.

— Que merda é essa?

— Nada. Eu só quero garantir que você tenha uma foto do seu rosto caso precise de uma cirurgia plástica.

— Eu não vou precisar de uma cirurgia plástica.

— Tem certeza?

Reviro os olhos e estico o braço para a porta.

— Sua bunda não é mais bem-vinda na minha casa. — O meu comentário só faz com que seu sorriso aumente ainda mais.

— Okay, okay. — Levantando suas mãos em sinal de rendição, Collin começa a se levantar. — Eu já estava de saída mesmo, preciso ir a apresentação do pequeno Noah na escola. — O sorriso orgulhoso no seu rosto poderia ser comparado com de um grande pai.

Livie e Collin abdicaram uma boa parte das suas vidas para cuidar de duas lindas crianças e eu não poderia estar mais orgulhoso e feliz por eles. Assim que nos despedimos, começo a sentir uma dor insuportável se formando no centro da minha cabeça, abro a gaveta de analgésicos, mas acabo fechando-a novamente. Não preciso de uma nova assombração no meu pé. Eu me levanto e saio do escritório em busca do pequeno rato.

Amy

Dois dias.

Dois dias se passaram sem a presença do grande homem loiro na casa, desde que me alimentou com sopa e trouxe roupas para mim, ele simplesmente desapareceu. Meu corpo estava muito dolorido, mas meu estômago estava falando mais alto, então simplesmente deixei o medo e a vergonha de lado para sair em busca de comida. Fiz isso por dois dias seguidos. Descia as escadas, pegava o maior número de sanduíches que eu poderia aguentar e voltava o mais rápido para o quarto, que o meu corpo permitiria. Até hoje. Até que o grande homem loiro e seu amigo, tão alto quanto ele, apareceram.

Não que eu nunca tenha visto homens assim, mas tem algo diferente neles. Algo que não estou a fim de descobrir. Então, assim que eles se viraram de costas, fiz os meus sanduíches o mais rápido que pude e terminei de limpar a bagunça antes de seguir para o meu quarto, não necessariamente o meu quarto. Os armários estão cheios de itens masculinos, assim como o banheiro. Da mesma forma que senti alívio ao não encontrar nenhuma peça feminina no local, também fiquei receosa por estar na casa de um desconhecido. Todas portas e janelas da casa são protegidas por um sistema de alarme que eu não tenho a menor ideia de como funciona. Mas o que mais me chamou atenção é que todos os quartos são abertos, menos a porta de um escritório por onde Mark desapareceu. Ou, pelo menos, é o único lugar que ele poderia estar.

Depois que termino de limpar a bagunça, subo as escadas sentindo o local dos meus pontos puxando de uma maneira desconfortável, mas os ignoro até que estou de volta ao meu local seguro. Coloco o prato sobre a cama e ando até o banheiro, onde levanto a camisa, expondo a boxer preta que peguei emprestado, e olho para a pele avermelhada ao redor dos meus pontos. Apesar de não parecerem tão ruins, sinto como se pudessem sair do meu corpo a qualquer momento. Passo a pomada antibiótica que encontrei no armário antes de retornar para o quarto. Meu coração quase sai pela boca quando encontro Mark sentado na cama comendo um dos meus sanduíches, meus sanduíches!

Antes que possa pensar na minha reação, ando até ele e minha mão se choca contra a sua, quando ele faz menção de pegar outro sanduíche. Tiro o prato do seu alcance e seus olhos me observam arregalados.

Eles são meus.

Minha boca forma as palavras, mas não sai nenhum som. Eu não o conheço o suficiente para entregar algo tão precioso para ele. Olho para os

sanduíches sem me importar se ele conseguiu ler meus lábios ou não, dois deles foram devorados por ele. Restando apenas três para mim, levanto meu olhar e o encontro me observando com as sobrancelhas arqueadas.

— Você é ciumenta com sua comida.

Uma pequena sensação de alegria atinge meu corpo, quando escuto sua voz, grossa e forte, meu primeiro instinto é levar minhas mãos até o aparelho. Mas não quero que ele conheça meu ponto fraco e nem que o que ele fez significa algo para mim. A última vez que demonstrei, acabei me transformando em um robô de luta. Ainda sem respondê-lo, dou vários passos para trás antes de me sentar no chão e colocar o prato na minha frente para começar a comer.



Capítulo 5

Amy

— Quem é você, pequeno rato?

Meu nariz enrugou pelo seu comentário, olho na sua direção e o encontro encarando-me fixamente. Seus braços estão cruzados atrás da cabeça, seu corpo está estirado na cama e apenas sua cabeça está virada para mim. Mordo meu sanduíche com mais força do que o necessário, semicerrando os meus olhos para mostrar minha raiva pelo seu apelido.

— Você pode me escutar agora? — Ele muda de posição e apoia a cabeça em suas mãos. Seguro o sanduíche com as duas mãos, mesmo que minha barriga não esteja mais vazia desde que cheguei aqui, gosto de acreditar que posso ser com um camelo e guardar todos os nutrientes necessários para quando conseguir sair. — Okay, você não fala. Isso até pode ser interessante se eu levar em conta que todo mundo gosta de me mandar calar a boca, então se você não pode fazer isso, seremos um casal perfeito. — Olho para ele, que está olhando para o teto, de volta à sua posição inicial. — Falar com você vai ser melhor do que com a minha terapeuta. Você sabia que quando eu tinha oito anos quebrei meu braço pela primeira vez? Nesse mesmo dia, meu pai...

Suas palavras são cortadas quando seu celular toca, ele olha para mim mais uma vez antes de sair do quarto para o atender. Devoro meu último sanduíche antes que esteja de volta. Limpo as migalhas da minha mão, levantando-me do chão, olho para a porta analisando minhas opções para finalmente decidir por descer e encarar o que está me esperando.

Respiro fundo algumas vezes e saio do quarto, o corredor está completamente vazio quando ando até as escadas tomando cuidado para não fazer nenhum barulho, desço as escadas, olho em direção à porta do seu escritório, que se mantém fechada. Olhando ao redor mais uma vez antes de caminhar em direção à cozinha. Lavo a louça e quando estou prestes a guardá-la, um grito no meu lado esquerdo faz meu corpo estremecer.

— Mark! — O som me faz girar e dou de cara com uma mulher. Seus cabelos são castanho-claros, seu rosto parece de uma boneca, assim como seu corpo. Tudo nela é perfeitamente calculado para estar no lugar certo, menos a carranca em seu rosto. — Tem um mendigo na sua casa! — Outro grito.

Levo minhas mãos ao aparelho auditivo abafando os sons. A grande figura de Mark aparece segurando uma arma. Seus olhos percorrem o local antes de cair sobre mim e um suspiro de alívio deixar seu corpo.

— Foda-se, Amélia. — Guarda a arma no cós da sua calça antes de se virar para a garota.

— Não fale essa palavra na minha frente e olhe bem para ela.

Os olhos dele percorrem o meu corpo de cima a baixo antes de se virar para ela.

— O que você está fazendo aqui?

Os olhos da garota estreitam e ela coloca as mãos sobre a cintura.

— Mamãe pediu que eu entregasse o cartão de Natal, já que você o enviou de volta.

O rosto do Mark se transforma em uma carranca assustadora, mas a garota não parece ter medo.

— Eles não parecem tão inteligentes quando não entendem um recado simples.

— Eu sei que você não quer ir, mas eu preciso de você lá, Mark. Por favor, você é o meu irmão.

Continuo parada sem fazer nenhum movimento brusco, eles realmente se parecem como verdadeiros irmãos. A única diferença clara são suas expressões corporais, enquanto Mark é relaxado e despreocupado, a garota parece tensa e

angustiada, os dedos da sua mão, que ela mantém escondida em suas costas, fazem movimentos de abre e fecha, antes de ela esfregar o indicador e o polegar em uma sequência.

— Você precisa parar, é muito mais confortável quando não fica perto deles.

— Eu não consigo. — A troca entre eles parece íntima, sinto-me uma intrusa observando.

— Tudo bem. Estarei lá, mas não prometo que ficarei até o final.

— Obrigada, isso significa muito. — Quando penso que eles vão se abraçar, Amélia dá um passo para trás e alisa a sua saia lápis preta. — Eu preciso ir, então...

— Eu sei. — Um sorriso carinhoso se forma no rosto de Mark quando ele a observa virar e sair da cozinha em direção à saída. Seus olhos ficam fixos no local onde ela estava até que ele se vira para me encarar. Ele não parece mais o homem descontraído que eu conheci, sua boca abre, mas nenhuma palavra sai, então simplesmente se afasta e me deixa sozinha novamente.

Observo sua figura desaparecer e por algum motivo eu o sigo, fico parada do lado de fora da porta, forço a fechadura e a encontro aberta. Deixando-a um pouco entreaberta, observo o homem calmo de segundos atrás destruir tudo que está sobre a sua mesa, ele parece ofegante quando termina, antes de começar a jogar a cadeira contra a janela. Coloco minha mão sobre a boca mesmo sabendo que nenhum som vai sair dela, subo as escadas correndo, ignorando qualquer dor que venha do meu corpo, fecho a porta e me escondo no banheiro, encolhida atrás dela.

Mark

Sentado no sofá, olho para o meu escritório completamente destruído, cubro minha cabeça com as mãos, me odiando novamente por ter perdido a cabeça por algo que jurei ter superado. Voltar para a casa dos meus pais para um maldito jantar de Natal me levou de volta para dez anos atrás, quando tudo o que fazia era em função deles, apesar de ter passado tanto tempo, eu não me sinto muito diferente. Meu celular volta a vibrar e o nome do Collin aparece na tela.

— Péssima hora — respondo, levantando-me para ir em busca das pílulas na minha gaveta quando a dor volta ao centro da minha cabeça.

— Eu sei, mas as notícias não são as melhores.

— Do que você está falando?

— Amy, a garota que está na sua casa. Vamos dizer que o passado dela é maior do que imaginávamos.

Olho para as pílulas na minha mão só para voltar a desistir de tomá-las quando percebo o tamanho da confusão à minha frente.

— Quão grande?

— Do tipo máfia.

Oh porra, não.

— Amy! — grito, quando começo a subir as escadas atrás do pequeno rato traiçoeiro. Encontro o quarto vazio, mas a porta do banheiro está fechada, tento abri-la, mas uma pessoa atrás me impede.

— Amy, preciso falar com você! — Não a espero responder, mas fico satisfeito quando a porta se abre e fica me encarando através da pequena brecha. — Preciso que você tire a roupa. — Seus olhos arregalam o dobro do tamanho. Coloco meu pé impedindo que a porta se feche. Empurro com mais força do que o necessário até que a porta bate contra a parede, Amy se afasta, dando alguns passos para trás e a sua postura muda, como se estivesse preparada para entrar em uma luta a qualquer momento. — Não torne meu trabalho mais difícil do que já é, Mouse. Você precisa me mostrar se há alguma marca no seu corpo indicando que você pertence à máfia. — Ela inclina a cabeça antes de balançá-la em sinal negativo, e agora é a minha vez de inclinar a cabeça. — Não, você não vai tirar a roupa ou não tem nenhuma marca? — Amy levanta dois dedos e eu solto um suspiro aliviado. — Isso é bom. — Encosto minha cabeça contra a porta, voltando a respirar novamente. Mando uma mensagem para o Collin, e ele responde enviando algumas instruções de como proceder com Amy. Olho para

ela, que me encara fixamente, observando cada movimento meu. — Você pode continuar vestida. — Saio do banheiro e abro algumas gavetas até encontrar um bloco de notas e uma caneta.

— Mantenha isso com você. A. Todo. Momento.

Amy segura o bloco de notas junto ao peito, enquanto continua me observando com os olhos arregalados. Sua boca se abre, mas ela logo volta a fechar, passo minhas mãos por meus cabelos, sentindo-me completamente frustrado por estar em uma situação que não conheço, sem a menor ideia por onde começar.

— No terceiro quarto à esquerda tem algumas roupas da Amélia, pegue algo que entre em você e encontre-me no andar de baixo. — Ela volta a negar, mas agora o seu rosto fica sério e decidido. — Só vá até lá e agilize as coisas, não me obrigue a fazer isso por você. — Viro-me de costas para ela, quando estou prestes a sair pela porta, sinto a sua pequena mão apertar meu braço. Sua boca se abre e mesmo que nenhuma palavra saia, consigo entender a palavra “não”. — Sem esse negócio de não, Mouse. Três minutos a partir de agora.



Capítulo 6

Amy

Desço as escadas minutos depois que Mark saiu do quarto, apesar de não querer admitir, troquei sim de roupa, no entanto, não foi para obedecer às suas ordens e sim para fugir. Sua casa é tão grande, nem sei em qual ponto ele pode estar, chegando à sala, faço meu caminho até a porta, pego a presilha que encontrei no quarto e começo a forçar a fechadura. Não sei quando ele se aproximou de mim, mas antes mesmo de notar a sua presença, Mark está com seu corpo pressionado contra o meu e seus lábios colados ao meu ouvido.

— Te peguei, ratinho. — Empurro meu cotovelo para trás, contra sua barriga, mas meu golpe não traz a reação que eu esperava, em vez disso prende meu braço com uma mão e repete o mesmo com o outro, fazendo com que meu rosto bata contra a porta, empurrando o seu corpo ainda mais contra o meu. — Lembro-me de ter dado uma ordem. — Seu hálito quente contra meu rosto me faz rosnar e ele sorrir antes de prender meus pulsos com algo e me soltar. Tento libertá-los, mas algo duro os mantém juntos, começo a forçá-los e os movimentos só fazem com que a ficção os machuque. Eu me viro para ele e meu desespero deve ser notável em meus olhos.

— Três minutos. Você deveria ter me obedecido.

Comigo ainda olhando-o atordoada, ele puxa meu braço e abre a porta, levando-me para fora. Um carro preto está parado na frente da casa, em vez da moto que ele me trouxe, abrindo a porta ele coloca meu corpo dentro do carro com delicadeza, prendendo o cinto de segurança sem olhar para mim. Rosno ainda mais para ele, que apenas ignora e dá a volta no carro antes de entrar e dar a partida. Bato meus pés contra o chão do carro, porque sou medrosa demais para falar algo para ele, como resposta ele apenas liga o som do carro em uma música que não consigo identificar o ritmo por causa do tom e o volume irregular do meu aparelho, pressiono minha orelha contra meu ombro para abafar o som e com o canto do olho, eu o observo cantando a plenos pulmões e em algum momento no meio do seu show, ele olha para mim e franze a testa quando observa minha posição e nota meu desconforto. Mark diminui o volume da música e murmura um pedido de desculpas. O resto do caminho continua em silêncio.

Eu olho ao redor tentando gravar o máximo possível o caminho que estamos fazendo para quando for fugir, no entanto, meu coração fica preso na garganta quando entramos em um bairro de classe baixa. Não sou nenhuma patricinha, mesmo tendo passado uma boa parte da minha vida nas ruas, lugares como esse ainda me assustam. Quando chegamos a uma rua íngreme, Mark diminui a velocidade, estacionando em frente a um estúdio de tatuagem.

— Essa é a nossa parada, ratinha. — Desce do carro e dá a volta para abrir a minha porta, com cuidado para não machucar meu corte recente, ele me coloca no chão. Sinalizo para soltar meus braços. — Oh não, *baby*. Depois que você tiver com o que eu quero, posso pensar na sua liberdade. — Essa são suas últimas palavras antes de entrarmos no estúdio.

O local é escuro e tem algumas luzes de led piscando, e os sons se misturam causando uma dor de cabeça desconfortável. Um pouco atordoada, olho ao redor e a movimentação do local deixa tudo mais confuso. Mark fala com uma mulher de cabelos vermelhos na recepção, ela aponta para uma porta nos fundos, Mark deve ter falado algo engraçado, porque ela ri e joga seu corpo para trás.

O local é totalmente esquisito e as pessoas não estão nem um pouco desconfortáveis em ver uma garota algemada na frente delas. Sem tirar suas mãos de mim, Mark empurra a porta aberta e o cheiro de álcool me cumprimenta. Um cara barbudo com os braços tatuados sorri e troca um aperto de mão com Mark.

— Qual é o pedido pra hoje? — o cara pergunta e esfrega a barba espessa.

Não consigo identificar a resposta de Mark por causa do barulho da música, mas o homem parece feliz, porque seu sorriso aumenta ainda mais. Mark também está sorrindo e se vira na minha direção, ele me levanta por debaixo dos braços e me coloca sentada na maca, meus olhos aumentam de tamanho quando retira as algemas e o tatuador começa a preparar o material.

Em nenhum momento Mark olha para mim, e eu estou atenta a cada movimento dele. Tento descer da mesa, mas Mark me impede e faz um sinal para o homem, que segura meu braço com força, olho para Mark tentando chamar sua atenção, o que não é bem-sucedido.

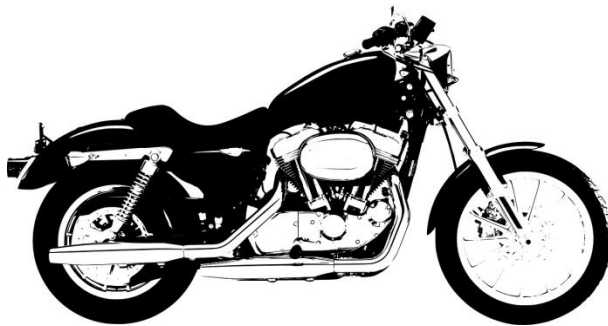
Sentindo todos os pelos do meu corpo se arrepiando, puxo a gola da camisa do Mark com minha mão livre, trazendo o seu rosto para mais perto do meu. Sussurro vários não sem deixar que ele escute minha voz, quando acho que ele vai me soltar, Mark apenas puxa minha cabeça para seu peito, prendendo meu corpo perto do dele, deixando-me sem saída. Sinto uma picada na minha pele e grito de dor pela primeira vez, meu grito deve ter trazido alguma humanidade nele, pois seu corpo fica tenso antes de suas mãos mexerem no meu cabelo como um sinal de conforto. A dor da picada vai desvanecendo, mas a sensação da minha pele sendo arranhada não, meu braço começa a ficar dormente pela posição e arranho as costas do Mark onde meu braço livre está. Não sei quanto tempo a sessão durou, mas quando o homem cobre a parte tatuada do meu braço com um plástico e Mark diminui seu aperto em mim, eu me afasto do seu toque e limpo as lágrimas de raiva do meu rosto. Olho para o meu braço e a minha nova marca me cumprimenta.

Asas de anjo foram desenhadas no pulso ligando as letras cursivas “L” e “A” uma a outra. Mesmo hipnotizada com a tatuagem, o meu pulso continua pinicando, o homem barbudo dá algumas instruções de como cuidar da tatuagem, mas tudo o que sinto é ódio, em um ataque de raiva desço da maca ignorando a mão estendida de Mark e derrubo todo o material da mesinha no chão – tinta, agulha, pistola – espalhando em uma confusão radiante. O cara começa a gritar, enquanto Mark apenas me observa com a mão estendida pedindo que o homem fique quieto, destruo todo o estúdio e jogo um dos quadros da parede em Mark, que desvia sorrindo.

Quando estou me sentindo realmente mais calma e meu braço parece que vai cair de tanta dor, saio da sala sem nem me importar com o que me espera lá fora, assim que o vento se choca contra meu corpo, eu me abraço, mas resmungo

de dor quando meu braço machucado toca a minha blusa. Estou prestes a atravessar a rua, quando uma mão toca meu braço, viro-me para dar um soco, mas desisto ao olhar para Mark, meus olhos estreitam com raiva pelo o que fez e tento socá-lo, mas ele prevê meu ataque, segurando meu punho.

— Desculpe-me ter feito aquilo sem sua permissão, mas você não estaria segura sem essa marca. — Rosno para ele e tento me soltar. — Você gosta de rosnar, mas já lidei com pessoas piores. Agora precisamos sair daqui e cuidar da sua nova tatuagem — ele diz a última palavra com orgulho e chuto a sua canela. — Porra, garota. Que merda eu fiz para você? — Com sua pergunta retórica, ele me pega nos braços no estilo noiva sem me deixar escolha para reagir por causa do corte recente no meu abdômen. Voltamos para dentro do carro, mas agora sem algemas.



Capítulo 7

Mark

A pequena lutadora continua em silêncio e nas poucas vezes que olhei em sua direção ela estava tocando ao redor da nova tatuagem. Eu não sei até que ponto está envolvida com a máfia, mas a partir do momento que a tirei deles, ela passou a ser minha responsabilidade e para isso era necessário marcá-la com o símbolo do _{MC}, e a sigla Little Angels, já que ela parecia um anjo quando a encontrei pela primeira vez. Mas pela reação que teve no estúdio, ela não parecia mais um anjo. Ia demorar um pouco até que Paul perdesse o rancor, mas algumas notas de cem dólares depois e ele já não queria pular no meu pescoço pelo prejuízo.

Estaciono o carro e saio para ajudar Amy a descer, ela me ignora e apoia seu braço no outro como se estivesse quebrado, assim que estamos dentro de casa começo a acender as luzes e acionar o alarme. Amy derruba de propósito um dos enfeites de mesa quando sobe as escadas em silêncio.

— Não esqueça do medicamento! — grito às suas costas, mas ela não demonstra nenhum sinal que escutou. Balanço a cabeça e vou para o meu quarto trocar de roupa antes de ir para a academia em um dos quartos do andar superior.

Amy

Deito-me na cama sem me importar em trocar de roupa, apenas sentindo o desconforto no meu braço. A pele pinica e a vontade de coçá-la é enorme, deixando-me completamente irritada, nesse momento, o arrependimento de não ter dado importância ao que o tatuador falou me atinge em cheio. Rolo na cama procurando uma posição confortável para dormir, mas é impossível. Tudo o que mais quero fazer nesse momento é acabar com Mark, mesmo que ele me expulse dessa confortável casa. Mas se considerar os prós e os contras de ter uma tatuagem e um lugar para dormir, vale a pena o sacrifício. Quando já não consigo mais suportar, saio do quarto em busca do Mark, talvez ele possa me ajudar de alguma forma. Procuro ao redor da casa, mas o local parece completamente vazio, até que sinto a vibração vindo de um dos quartos com meus pés tocando o chão frio, ando com cuidado e abro a porta com calma para não o assustar.

Mark desfere socos contra um saco de areia, todo seu corpo está tenso, deixando as tatuagens mais evidentes. Seu cabelo está preso em um coque e a tatuagem em suas costas chama minha atenção – uma moto está sendo levantada por asas dentro de um círculo feito pelas palavras Silence Angels. Olho para minha nova tatuagem e percebo que as asas são extremamente parecidas. Bato na porta para chamar a sua atenção, mas ele não parece escutar de primeira, repito até que ele olha para trás e fica parado como se esperasse que eu falasse algo, ele parece decepcionado quando continuo calada, apenas o observando.

Mark volta a ficar de costas, só que dessa vez ele pega um pequeno controle e diminui o volume antes de vir até a porta. Sua grande estatura preenche metade do espaço da porta e ele parece ainda maior quando apoia os braços no batente acima da sua cabeça, deixando seu corpo completamente exposto. *Completamente exposto.*

— Do que você precisa, rato?

Desvio o olhar do seu abdômen tatuado e atualmente suado, e olhando em seus olhos, seguro meu braço marcado e mostro para ele.

— Dói? — pergunta com a cabeça inclinada. Aceno concordando ainda mostrando o braço a ele. — Nível da dor de um a dez?

“Dez.” Gesticulo com os lábios e ele inclina a cabeça sorrindo.

— Vamos cuidar dessa monstruosa dor, pequena mentirosa. — Suas palavras me fazem franzir a testa quando passa por mim, me dando as costas. Eu o sigo de perto até que ele entra no quarto onde estou dormindo e vasculha os

armários do banheiro. — Sente-se na cama que vou preparar o curativo.

Faço o que ele pede ainda segurando meu braço contra meu peito como um bebê. Ele volta segurando uma bacia com água e duas toalhas. Primeiro pressiona a toalha molhada sobre o plástico antes retirá-lo com cuidado, estremeço de dor e pressiono minhas unhas contra a palma da minha mão. Depois que retira todo o plástico, o vento frio contra a pele irritada é um alívio passageiro, depois da tatuagem livre, ele passa um pano molhado com água morna, depois que ele parece satisfeito com o que fez, passa uma pomada antibacteriana no local.

— Isso deve aliviar por agora. — Mark recolhe tudo e retorna ao banheiro, trago meu pulso para perto do meu rosto e analiso a tatuagem com cuidado, levo meus dedos para tocar o local, mas voz do Mark me para.

— Não toque a menos que esteja com as mãos devidamente higienizadas.

Aceno, envergonhada por ter sido pega, mordo meu lábio inferior sentindo o desconforto por estar aqui com ele. Não é como se eu tivesse um lugar melhor para ir, no entanto, estar com um desconhecido que me leva para lugares estranhos só para marcar meu corpo não é uma das melhores opções. Já posso imaginar o quanto Carter está chateado comigo por ter perdido uma luta, eu nunca perco, mesmo quando estou completamente destruída, sempre estou por perto. Só assim posso finalmente pagar a minha dívida e viver em paz.

Pego o bloco de notas ao meu lado e escrevo a palavra “Obrigada” para mostrar a ele. Seus olhos demoram um pouco no papel, ele me dispensa com um aceno ao sair do quarto sem olhar para trás. Encaro a porta por alguns minutos, tomando coragem para a minha próxima ação.

Mark

— Você tem certeza disso? — Liam pergunta ao telefone.

Depois de ter ajudado Amy a cuidar da tatuagem, tomei um banho rápido e voltei para o silêncio do meu escritório. Enquanto penso em que fim dar para a garota no andar de cima, acabo ligando para Liam contando as novidades e a nossa provável próxima guerra contra a máfia.

— Foram informações passadas pelo nosso mascote, Collin, ainda não consegui tirar nada da garota, a não ser alguns rosnados. — Coloco meus pés sobre a mesa tentando relaxar um pouco, só conheci Amy há uma semana, no entanto, o estresse causado faz parecer que passamos uma vida juntos.

— Vai querer mantê-la?

— Não posso deixá-la voltar para as ruas, principalmente com a audição prejudicada. O estado em que a encontrei era um tanto degradante — suspiro. — Levá-la até o Mundo de Carly não vai ser uma opção também. Não sabemos o quanto ela é perigosa para as outras crianças, então...

— Quer falar com Ally sobre isso? Talvez ela possa ajudar.

— Ally já tem muito com o que lidar, a única preocupação dela deve ser a Suzan.

— Mark, não precisa lidar com isso sozinho.

— Eu não estou sozinho, o clube está nessa comigo, eu a marquei com o nosso símbolo. Ela é nossa protegida agora.

— Claro que fez. — O rosnado em sua voz é apenas um sinal do quanto ele está chateado. — Traga-a aqui.

— Não sem antes uma reunião.

— Não é como se eu fosse matá-la, Mark.

— Você não, mas o clube precisa aceitá-la. Principalmente quando ela pode ter alguma ligação com Michael.

— Porra, e se ela for uma traidora?

— Ainda não sei, lembra? Não tive tempo de interrogá-la.

— Mas teve tempo o suficiente para marcá-la.

— Ela foi esfaqueada. A porra da menina parecia um cachorro de briga, eu não poderia deixá-la assim. Ally estaria nessa situação se eu não a tivesse salvado. Você gostaria disso?

— Claro que não, Mark. Só que nessa altura, não temos condições de lidar com algo tão grande quanto o que essa menina parece trazer para o clube.

— Eu sei, eu sei. Não vou deixar que nada aconteça com nossa família.

— Espero que não. — Sua voz é dura, mas não me incomoda. — Vou comunicar ao Cash sobre a nossa reunião.

— Ele é um traidor, Liam. Ele matou nossa única testemunha que poderia nos informar sobre o paradeiro de Michael.

— Eu sei, mas não posso explodir a cabeça dele sem provas, você sabe quais seriam as consequências para mim.

Reviro os olhos, jogando meu corpo ainda mais para trás na cadeira.

— Okay, okay. Avise-me quando for o dia. Beijos nas minhas meninas. — Jogo o celular na mesa, quando estou prestes a me levantar, a porta do meu escritório se abre com força, batendo contra a parede.

Amy não expressa nenhuma reação que escutou a batida, mas seus olhos ficam arregalados ao olhar para porta antes fechá-la com mais cuidado para se aproximar da mesa. Seu cabelo agora está levemente molhado, escorrendo pelos ombros, a camiseta de mangas fica solta no seu corpo magro, escondendo uma boa parte da calça jeans. Olhando diretamente nos meus olhos, ela joga o bloco notas em cima da mesa e aponta para que eu leia.

Quando levanto os olhos para ela, sua camisa está levantada expondo a cicatriz no seu estômago.

— Você está dizendo que está pronta para ir embora. — Cruzo minhas mãos sobre a mesa, analisando atentamente seu rosto. Balançando a cabeça em afirmação, aponta para os pontos quase cicatrizados em sua barriga. — Por que você quer ir embora?

Ela puxa o bloco das minhas mãos e começa a escrever. Ela desliza em algumas palavras, mas a escrita é legível.

— Você quer ir para casa, mas quando eu a encontrei, você estava dormindo em um beco úmido e escuro.

Lá é a minha casa.

Demora um pouco mais de um minuto para controlar minhas emoções para não descontar nela. Não é possível que uma garota tão pequena estivesse morando nas ruas, enquanto lutava em um clube ilegal. Ao contrário do esperado, sua vontade de ir embora só faz com que eu a queira ainda mais por perto. Algo me diz que a pequena *mouse* está escondendo muito mais do que deixa transparecer.

Relaxando de volta na cadeira, encaro seu rosto franzido, fazendo questão de falar claramente as próximas palavras.

Amy

— Você pertence a mim agora.

Encaro sua boca por alguns segundos, querendo ter certeza de que escutei claramente o que ele disse. Apesar do aparelho auditivo ter recuperado uma boa parte da minha audição, ainda não estou completamente adaptada a ele. É um mundo completamente novo.

Quando um sorriso prepotente aparece no seu rosto, tenho a confirmação que eu precisava. Escrevo as palavras “não posso ficar aqui” em letras maiúsculas, mostrando a ele o bloco de notas.

O sorriso desaparece, olhando-me agora com a expressão desconfiada.

— Não sei em que merda você está metida, mas não pode sair daqui assim. Você precisa se recuperar dos ferimentos, também preciso ter certeza que pode se comunicar com as pessoas. Não vou deixar você voltar para aquela situação novamente.

Suas palavras, em vez de conforto, só trazem agonia, fazendo que com meu corpo balance sobre os meus pés. Se fosse alguns anos atrás eu daria minha vida para encontrar alguém que me tirasse daquele clube, mas a última coisa que preciso nesse momento é pertencer a mais alguém. Com Carter, pelo menos sei o que esperar, mas esse homem à minha frente é uma caixinha de surpresas. A tatuagem no meu pulso é apenas um indício do que ele pode fazer.

Você não entende!

— Então explique!

Eu me sento na cadeira em frente à mesa, cruzando os braços sobre meu peito. Tentando encontrar uma forma de explicar toda a situação, olho para seu rosto sereno com olhos fixos em mim. Mordo o canto inferior da minha boca, considerando o quanto de informação posso passar para ele sem parecer vulnerável.

Quem era o homem que apontou a arma para mim naquele beco?

— Um dos membros do clube, mas por pouco tempo. Se essa é a sua única preocupação sobre ficar aqui, posso te garantir que ele não será um incômodo.

Considero suas palavras. Ter cama, comida e um lugar quente para ficar não é o fim do mundo. Aqui é bastante confortável, talvez ficar nesse lugar não seja uma má ideia. Ganhar minha liberdade de Carter sempre foi meu sonho, no entanto, só preciso encontrar uma forma de conseguir dinheiro para os próximos

meses, assim que completar vinte e um anos posso finalmente ir para bem longe do país.

Ainda preciso ir embora.

Peço uma última vez.

— Você não vai para lugar algum. — Sua voz é firme.

Sou uma refém?

O riso borbulha do seu corpo, que inclina para atrás antes de ele bater a mão repetidas vezes contra a mesa.

— Não, eu estou protegendo a sua bunda de ser morta pela máfia. De nada.

Máfia. Eu já tinha lido essa palavra nos lábios de Carter, mas não consegui descobrir muita coisa, já que ele percebeu meu olhar fixo nele. De repente, saber que eles estão atrás de mim traz um sentimento desesperador no meu peito. Lidar com Carter é fácil, com a máfia não. Pego o bloco, abraçando contra o meu peito e dou um último olhar para ele antes de sair do escritório.

Mark

Quando me tornei um idiota?

Corro atrás de Amy, grito por seu nome, mas não parece notar minha voz. Seguro seu braço, chamando a sua atenção antes que consiga subir as escadas.

— Pedi pizza. — Seu rosto franze em uma pequena carranca quando olha para minhas mãos em seu braço. — Sei que não tenho sido um bom anfitrião, mas talvez possamos comer algo enquanto assistimos a um filme. Então?

Deixá-la ir para o quarto seria a melhor opção, mas não posso fazer isso quando o olhar que ela me deu no escritório é tão parecido com o de Amélia ao ter uma crise de pânico. Apesar de considerar Amy mais forte, eu não a conheço bem o suficiente para interpretar suas expressões.

Aos poucos, seu rosto ameniza e me dá um leve aceno em concordância. Solto seu braço com relutância para indicar o caminho para a cozinha. Ela puxa um dos banquinhos para se sentar, seu olhar fica preso no bloco de notas, enquanto faço a ligação.

— Algum sabor da sua preferência? — pergunto, mas só depois eu me lembro da sua dificuldade para ouvir. Toco seu braço repetindo a pergunta e a espero escrever, sorrio ao ler a sua resposta.

Pizza.

— Pizza, então.

Minutos depois os nossos pedidos chegam, vamos para a sala de televisão. Amy se mexe várias vezes até encontrar uma posição confortável antes de colocar o prato com três fatias no colo e começar a comer. Jogo meu corpo no sofá ao lado do seu, procurando por um filme que possa chamar a sua atenção. Só então percebo que a sua atenção está mais focada em seu prato do que na televisão, então decido colocar o último filme que assisti com a Ally, *Para todos os garotos que já amei*. Quem diz que drama de adolescente não é bom não sabe o que está falando.

Amy

Não me lembro bem da última vez que assisti a um filme, mas me lembro das tentativas falhas de assistir. Lembro de me sentar em frente à televisão no último abrigo de adoção com as outras crianças e tentar entender o que as pessoas estavam falando. Lembro-me de pedir para colocarem a legenda, mas ser ignorada pelas demais crianças, também de algumas que diziam se desconcentrar com a legenda, então, em vez me humilhar ainda mais por isso, aprendi a me retirar do local ficando apenas na companhia do silêncio. Às vezes arriscava na leitura labial, foi assim que consegui sobreviver durante todo esse tempo.

As pessoas nunca se preocupavam se eu estava confortável ou não. Quando Mark me convidou para assistir a um filme, a minha única intenção era comer a pizza. Minha cabeça estava dolorida demais para tentar leitura labial e mesmo com o aparelho auditivo, a minha audição nunca será cem por cento de novo. Mas quando levantei o olhar para pegar outro pedaço e encontrei o filme legendado, algo se acendeu dentro de mim. O filme estava no nosso idioma e mesmo assim ele se preocupou com a minha deficiência.

Eu não sabia o que fazer para agradecer, também não queria que ele se sentisse, por isso fiquei quieta prestando atenção no filme. Até que Mark se joga no meu lado esquerdo no sofá, quase se deitando sobre meu corpo. Recuo alguns centímetros para o lado, o que o faz deitar sobre minhas pernas. Dou um tapa no seu peito e a única reação que recebo é um sorriso convencido.

— Insônia, sabe? Não escolho os lugares para dormir, eles me escolhem. — Quando estou prestes a tentar empurrá-lo para o chão, a cena na televisão chama minha atenção. Lara Jean e Peter estão na jacuzzi e...

— Eu gosto dessa cena. Minha irmã normalmente chora, não sei por que...

Tampo sua boca com minha mão para impedi-lo de falar. Suspiro fundo, completamente apaixonada pelo casal, estou tão encantada com o filme, que mal me dou conta que a minha mão continua na sua boca, enquanto seus olhos permanecem nos meus.

— Acho que você encontrou uma forma de me mandar calar boca. — Não sei por que, mas o sorriso no seu rosto acabou sendo um reflexo do meu. O meu primeiro sorriso real em um bom tempo. Ele se vira para a televisão ainda deitado em meu colo, não passa nem dez minutos calado antes de começar a divagar. — Não sei qual é o papel desse Josh no filme.

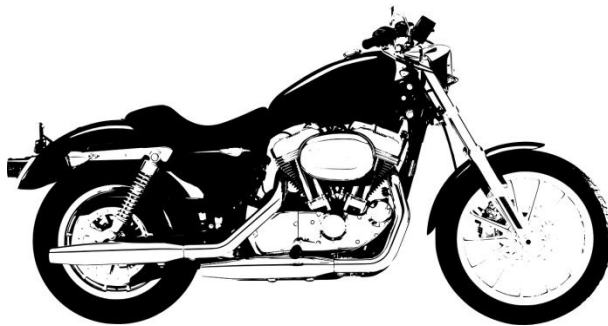
Escrevo no meu bloquinho e mostro para ele.

— Ele não é tão bonito assim. Peter dá de dez a zero nele. Sem contar que no livro ele tinha mais função.

É um livro? Escrevo.

— Sim, ao todo, três. Você quer lê-los? — Considero sua pergunta, enquanto encaro a tela da televisão. É aquele tipo de filme que nos deixa ansiando por mais, como se você também quisesse fazer parte deles. Aceno concordando, porque é algo que gostaria de fazer. Ter de volta um gostinho da minha vida antes dos meus pais morrerem. — Okay.

Voltando a sua atenção para televisão, Mark continua seu monólogo sobre o filme. Desvio meu olhar para seu rosto, olhando-o atentamente pela primeira vez. Sua postura leve e descontraída não condiz com a escuridão que seus olhos transmitem.



Capítulo 8

Mark

Acordo com a cabeça apoiada em uma superfície confortável e quente. Há um leve peso sobre minhas costas quando me movo, abro meus olhos lentamente sentindo a ardência pelo contato com a luz. Na televisão ligada está passando *Velozes e Furiosos 7*, levanto-me com cuidado quando percebo que estava dormindo em cima do corpo de Amy. Sua cabeça está apoiada no braço de sofá e minha cabeça sobre sua coxa. Não sei como fui parar sobre seu corpo, mas de alguma maneira essa posição me fez relaxado o suficiente para ter algumas horas de sono.

Com cuidado, levanto-me pegando-a no colo para a levar até o quarto antes de descer as escadas em direção à cozinha, preparo uma caneca de café para mim, abrindo meu notebook em um site de pesquisas sobre *American Sign Language*, ASL.

Não sei quanto tempo Amy passou nas ruas, mas acredito que ela não tenha aprendido a se comunicar. Sua dificuldade em escrever algumas palavras me faz pensar que talvez ela não tenha terminado a escola também. Fazê-la escrever sempre que precisar se comunicar deve ser desconfortável para ela, por essa razão quero que aprenda um pouco sobre a linguagem de sinais antes de ir embora. Gostaria que alguém fizesse isso por minhas irmãs, talvez Amy seja a irmã de alguém também.



— Você está em algum caso de caridade? — Amélia bate a bolsa de grife sobre o balcão, caminhando até a geladeira e fazendo uma verificação dos meus

hábitos alimentares.

Amélia tem apenas vinte e quatro anos, está começando sua vida após a faculdade. Ela sempre foi a garota prodígio, orgulho dos nossos pais fazendo sempre todas as vontades deles. Eu não posso culpá-la quando, até pouco tempo, eu era como ela, no entanto, eu me culpo por fazê-la carregar esse fardo sozinha. Ser o filho renegado fez com que ela precisasse assumir as responsabilidades por nós dois.

Ela terminou o ensino médio com apenas treze anos, dedicando o resto da sua vida para a graduação para entrar no curso de direito. Tudo isso apenas para agradar o nosso pai, quer dizer, meu pai não. Meu verdadeiro pai está morto em alguma cova rasa por aí, mas o homem que passei dezoito anos da minha vida admirando como pai, que era, na verdade, uma farsa. O primo rico do meu verdadeiro pai. Toda essa confusão não afetou só a mim, mas a Amélia também. Eles não queriam que Amélia se tornasse uma pessoa como eu. O advogado do diabo. Trabalhando para uma gangue de criminosos, tirando seus rabos da cadeia. O que eles nunca tentaram entender é que eles são mais minha família do que eles, eu sangraria por eles. Perderia. Cada. Maldita. Gota. Do. Meu. Sangue. Isso sim é uma família. Não um quarteto de pessoas sentado ao redor de uma mesa com as figuras que deveriam nos apoiar humilhando e nos degradando a cada passo em falso.

Gostaria muito que Amélia conseguisse se libertar deles, mas no fundo ela ainda mantém a esperança de nos ver unidos. O meu medo é que a percepção de que isso nunca vá acontecer a quebre. Porque é essa esperança que a mantém viva e sã. É por essa esperança que ainda continuo sustentando meu pesadelo calado.

Amélia tem apenas vinte e quatro anos e a nunca vi viver, não posso deixá-la continuar assim. O medo da rejeição não deve ser maior do que a vontade de viver. Nem sempre a nossa família é o melhor para nós.

— A minha única caridade é você, docinho. — O barulho dos vidros dentro da geladeira faz com que eu levante a cabeça para olhá-la em sua pose de irmã madura.

— Você não foi ao consultório esses dias.

— Estive ocupado — sorrio. Volto a minha atenção para o artigo à minha frente, querendo ignorar esse assunto.

Amélia não é a única com problemas, confesso. No entanto, eu prefiro continuar com os meus, eles me fazem ser quem eu sou, mesmo que isso me mate um dia.

— A sua terapeuta atende on-line, você sabe disso.

— Você foi à sua? — Mudo a atenção para ela. — Ou se eu levantar sua camiseta vou encontrar algum corte fresco? — Seu olho esquerdo começa a tremer, Amélia esconde suas mãos nas costas para que eu não veja a contração das unhas sobre as palmas.

— Foi... uma... semana difícil. — Sua voz está trêmula, mas ela permanece com a sua pose.

— Foi o senador?

— Ele é seu pai também. — Uma lágrima escorre pelo seu rosto, apenas mais um sinal de que ela está quebrando rapidamente.

— Você sabe que não, docinho. — Levanto-me da cadeira, abrindo meus braços para recebê-la. Ela odeia qualquer contato humano, o seu transtorno de ansiedade a impede de qualquer interação, mas apenas algumas vezes eu consigo tê-la em meus braços e peço fielmente que hoje seja esse dia.

— Ele está se candidatando a reeleição, as campanhas estão o deixando transtornado. A mamãe está cada dia mais perturbada, sendo controlada apenas por medicação, eu... eu... preciso lidar com muita coisa.

— Você está bem com isso?

— É o que eu faço de melhor. — O sorriso profissional volta para seu rosto, e sei que o senador deve estar torturando-a.

— Há algo que eu possa fazer para amenizar?

— Ir ao jantar de Natal ajudaria muito. — Ela alisa a saia lápis em busca de imperfeições.

— É o meu aniversário. Você sabe que reservo essa data para as strippers.

O riso borbulha da sua garganta, porque ela sabe que estou mentindo. Esse é o nosso dia do sorvete. Nós nos trancamos dentro do apartamento dela sem qualquer contato com o mundo exterior e maratonamos Sex and the City, escolha dela, não minha. Só para que fique claro, faço de tudo para agradar minhas meninas.

— Tenho certeza que as strippers são maleáveis.

— Elas têm garras, mas a tequila pode me fazer ignorar a dor.

— Tequila para você, então. — Ela me abraça rapidamente antes de tomar vários passos de distância em direção ao meu notebook.

— Linguagem de sinais?

— Você não gostaria de sentar-se para escutar uma longa história? — Seu

cenho franze e a “Amélia mãe” entra para o show.

— Isso tem ligação com a garota do outro dia?

— Por isso que você é uma boa advogada. — Pego uma cadeira para ela se sentar sem tocar em seu corpo. — Eu a encontrei em um clube, o mesmo que encontraram aquele homem morto, o pai de Livie. Cash tem tido alguns encontros nesse lugar, estamos assumindo que Michael pode estar lá.

— A garota é alguma testemunha?

— Podemos rotulá-la assim. Quando a encontrei, ela estava em um octógono, lutando contra um homem com quase o dobro de seu tamanho. Sabe o pior de tudo? Ela o derrotou.

— Senhor.

— Não sei se ela tem alguma ligação com ele, mas a garota luta muito bem, bem o suficiente para ser a ganhadora de todas as apostas, mas eu a encontrei dormindo em um beco. Suja, ferida e surda.

— Se ela tivesse ligação com Michael, ele deveria protegê-la, certo? A menina de ouro?

— É o que todos esperariam, mas com Michael nada nunca é simples. Você sabe no que ele transformou Liam, certo? O jogo dele é mais psicológico e algo me diz que essa garota pode ser a peça final do quebra-cabeça. Só preciso saber até que ponto ela está disposta a falar.

— Posso tentar falar com ela, as pessoas não te levam muito a sério. Você sabe.

— Sou blindado contra suas palavras, *baby*.

— Apenas evidências — ela brinca. É bom vê-la se divertindo à minha custa.

— Falando em evidências, Collin também encontrou o envolvimento da máfia no clube. O que quer que eles estejam metidos não é coisa simples.

— E você pretende mantê-la aqui? Não é perigoso?

— Eu a marquei antes deles, eles não podem reivindicá-la mais. Assassinato só traria uma guerra onde sairiam em desvantagem. Sem contar que temos uma carta na manga desde do roubo no cartel.

— Se a máfia está controlada, o nosso problema é o Michael e como encontraremos. — Escondo meu sorriso com o punho ao perceber que ela fala sobre o clube como se também fizesse parte. Não é o local mais seguro para ela, mas é confortável para a sua mente. Eu até a vejo administrando o clube de

stripper comigo. Não, isso a mataria. — Você vai usar a linguagem de sinais para fazê-la confessar?

— Em certa parte sim. A expressão corporal é a parte mais verdadeira do ser humano. Suas palavras podem mentir, mas seu corpo não.

— Você me assusta. — Seu olhar percorre todo o artigo em uma leitura rápida. — Você descobriu alguma coisa sobre ela?

— Apenas o nome, ainda não encontrei uma abordagem certa com ela. No entanto, a nossa comunicação está evoluindo, já que ela não rosna mais para mim. Josh está pesquisando mais.

— É compreensível. Bom, preciso ir. Mamãe está escolhendo o cardápio para o jantar, as coisas podem ficar feias. — Ela se levanta da cadeira pegando a bolsa sobre o balcão. — Você sabe que pode me ligar sempre que precisar e se quiser mantê-la — ela levanta o polegar indicando o andar de cima —, avise com antecedência para que eu possa adicioná-la à lista de Natal.

Sem dizer mais nenhuma palavra, ela sai do cômodo sem se despedir. Esfrego meu rosto com as mãos, sentindo-me exausto. Abaixo a tela do notebook para só então ir em direção às escadas em busca de um banho para tirar a tensão do meu corpo.

Amy

Sonho

substantivo masculino

1. ato ou efeito de sonhar.

2. conjunto de imagens, de pensamentos ou de fantasias que se apresentam à mente durante o sono.

Dizem que é durante o sonho que o nosso inconsciente busca se libertar de todas as amarras reprimidas pelo véu da consciência. É nesse momento de inconsciência que somos apresentados aos nossos maiores medos, desejos e angústias.

Não sei bem o quanto a minha inconsciência está buscando desesperadamente se libertar do dia que perdi meus pais, mas os meus sonhos sobre esse dia passaram a se tornar cada vez mais frequentes. Apesar de ter o mesmo final, o sonho nunca é o mesmo. Depois de acordar do coma, uma parte da minha memória ficou prejudicada por causa do trauma, a psicóloga disse que era uma forma da minha mente se proteger do que aconteceu naquele dia. Talvez ela esteja certa, já que os pesadelos que tenho constantemente parecem querer me contar algo, mas eu prefiro nunca lembrar sobre isso.

— Eu não aguento mais você! Suas atitudes vão acabar matando a mim e a Amy. Quando chegarmos em casa nós iremos embora. — Aumento o volume da música até o último nível. Eles não param nunca, nem mesmo depois da morte da minha avó os dois não conseguem parar de discutir. Será que não percebem o quanto isso está me afetando? Não seria tão mais fácil apenas conversar? Odeio assistir aos meus pais brigando, meu corpo começa a tremer descontroladamente e preciso fechar os olhos com força para que as lágrimas não caiam. Minha avó disse que preciso ser uma menina forte, meninas fortes não choram.

— Você não pode se livrar de mim, sua vagabunda!

O grito do meu pai me faz estremecer. Mordo o canto da minha boca até sentir o gosto metálico em minha língua.

— Você vai nos matar!

É nessa hora que acordo.

Os policiais que investigavam encerraram o caso como um infeliz acidente, mas o meu inconsciente insiste em me dizer que meu pai tentou nos matar.



— Bom dia, coisa.

Suspiro, frustrada ao perceber que o meu esforço em descer as escadas na ponta dos pés foi em vão, já que Mark está bem acordado e disposto. Juro que é como se esse homem não dormisse nunca. Levanto o polegar em um joinha sentando-me do outro do balcão. Ainda não são nem sete horas da manhã, normalmente eu nunca durmo até tarde, mas essa cama parece ter uma substância mágica.

— Tem café na cafeteira.

Dou uma olhada ao redor até que eu a encontro em cima da pia, pulo do banquinho e encho uma caneca com o líquido, respirando fundo ao sentir o aroma. Então me lembro que não estou sozinha e a minha atitude não deve parecer de uma pessoa normal.

— Costuma fazer mais efeito quando é ingerido.

Reviro os olhos pela sua ironia, voltando a sentar no balcão. Tomo um gole do líquido olhando atentamente cada movimento de Mark. Ele parece bastante entretido fazendo anotações em um bloco de notas ao lado do notebook. Tento olhar o que ele está escrevendo, mas só vejo vários símbolos e letras misturadas, sentindo-me frustrada volto a me recostar contra o banquinho, admirando a cozinha ao redor em busca de alguma pista sobre esse homem.

Tudo o que sei sobre ele é a tatuagem de MC em suas costas, o que não me diz nada por causa do meu pouco contato com o mundo exterior. O meu único contato foi realmente com o mundo dos ringues, isso se deve em grande parte ao homem que me resgatou do sistema de adoção. Um sistema de adoção fadado ao fracasso. Quando completei treze anos, após ser chutada como um cachorro sarnento do meu último lar, um velho senhor abriu as portas da sua casa, ou melhor, da sua academia de luta. Ele me ensinou a enfrentar a minha deficiência e aprender a conviver com as minhas limitações.

Há um momento em que tudo para. Tudo fica inerte, e existe apenas o tão odiado silêncio. Quando isso acontece, é porque a morte com certeza fez a sua visita. Naquela tarde ela resolveu me visitar, mas por alguma razão consegui escapar. Apenas eu. Quando me puxaram de dentro de um carro submerso com os batimentos cardíacos fracos, por muito tempo fui considerada um milagre da medicina, mas costumo apenas me chamar de caos. Ver o rosto dos meus pais

inertes debaixo d'água não é algo que eu queira conviver, principalmente quando o silêncio me acompanha. Perdi noventa por cento da audição do lado direito e sessenta do lado esquerdo depois de uma infecção gerada pelo acúmulo de água. Com apenas dez anos, tive que começar a conviver com as limitações, minha vida foi tirada de mim, meus pais morreram e precisava aprender a conviver com uma deficiência.

Ser resgatada pelo velho Andy foi o meu tiro de sorte, tudo o que sou hoje devo a ele, é por essa razão que continuei indo e vindo para as lutas mesmo depois da sua saída repentina. Ele tinha uma dívida a pagar e eu era a sua garantia. Em breve conseguirei escapar das mãos de Carter e poderei abraçá-lo novamente.

— ...escutando? — Volto a focar minha atenção em Mark, que me encara com o olhar curioso. — Onde você estava? — Procuro o bloco de notas para responder sua pergunta, mas então me lembro que o deixei na sala enquanto assistíamos ao filme, essa percepção acende uma luz na minha cabeça, porque não lembro de como parei no quarto depois do filme.

Começo a me levantar para pegar o bloco de papel, quando a mão estendida de Mark me para.

— Você sabe se comunicar com a linguagem de sinais?

Nego, porque não é realmente uma comunicação. No tempo em que fiquei com Andy na academia, nós fazíamos o máximo para não falarmos um com outro, apenas na hora da aula. Então não era necessário falar ou ouvir para entender os gestos de luta. Tudo o que ele fazia era ensinar, enquanto eu dava tudo de mim para aprender. Andy era um homem calado e cheio de segredos, mesmo assim eu estava feliz com ele por não precisar falar sobre mim também.

— Onde você esteve esse tempo todo?

Dou de ombros, mas Mark parece querer mais do que essa resposta. Empurrando o bloco na minha direção, suas mãos cruzam sobre a mesa, focando toda a sua atenção em mim.

— *Por aí.* — Escrevo.

Apesar de Mark nunca ter dado motivos para desconfiar dele, a minha natureza me impede de confiar em qualquer pessoa. É preciso muito mais para desmoronar os muros que construí ao meu redor.

— Quem é você, Amy?

— *Quem é você, Mark?* — rebato. Olhando fixamente em seus olhos. Ficamos nos encarando por alguns minutos até que Mark desvia o olhar.

— Por que a máfia está atrás de você?

Engulo em seco, porque realmente eu não tenho a menor ideia dos motivos da máfia querer algo comigo. Até cinco dias atrás, a minha única preocupação era Carter e a sua obsessão pela dívida de Andy. Toco a tatuagem no meu pulso, lembrando da razão de ela estar aqui.

— *Não conheço ninguém da máfia.* — Escrevo

— Então o que estava fazendo naquele clube, Amy?

— *Eu trabalho lá.*

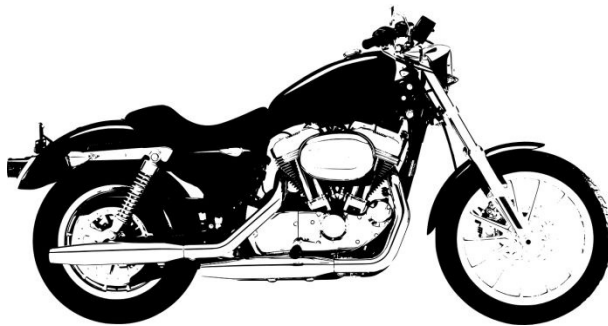
Seu sorriso atrevido me faz revirar os olhos em desgosto. Há algo em Mark que me atrai, algo por trás dessa sua fachada divertida. Não consigo esquecer o dia que o encontrei destruindo todo o seu escritório.

— Você quer que eu acredite nisso?

— *É a verdade!* — Minhas mãos começam a tremer com irritação por suas perguntas invasivas. Falar não é o meu forte, prefiro quando as pessoas me ignoram. É mais fácil manter o silêncio.

— Você é viciada em drogas? — Levanto a cabeça rapidamente, minha mão continua parada no bloco de notas. — Porque essa é a única explicação plausível para que você tenha que dormir em um beco. Eu sei que lutadores de lutas ilegais costumam ganhar até seis mil dólares, dependendo do quão bom ele é. Posso dizer que você é muito melhor do que muitos homens que já vi lutar. Então, por que ficar naquele beco em vez de pelo menos um apartamento na parte baixa da cidade?

Quando a realidade me atinge, o medo e a dúvida tomam conta de mim. Se Mark está certo sobre os valores das lutas, a minha dívida com Carter já está paga, então por que ele continua me mantendo presa em seu clube?



Capítulo 9

Mark

Bato minha cabeça contra o balcão da cozinha depois que Amy saiu correndo, deixando-me sozinho e sem respostas. Talvez Amélia esteja certa e eu precise deixar que ela resolva toda essa situação. Não sei que tipo de merda aconteceu com Amy, mas ela não vai me deixar entrar tão cedo.

Olho para meu celular tentando a ligar para Amélia, mas acabo deixando para depois. Ainda não esgotei todas as minhas armas com ela. Recolho todo o material que preparei para ela antes de subir as escadas em direção ao seu quarto, que está com a porta destrancada e nenhum sinal da pequena coisa. Ao contrário do que eu imaginava, ela não veio para quarto se esconder. Volto para o corredor olhando as portas, então vejo um feixe de luz saindo por baixo da porta do lugar sagrado da casa – a minha academia.

Ao abrir a porta, encontro o pequeno rato socando violentamente o saco de areia sem luvas ou qualquer material de proteção. Um vinco nasce entre minhas sobrancelhas, enquanto observo, intrigado, a cena à minha frente. Amy é completamente diferente de qualquer pessoa que já conheci. Ela está tão entretida em seu ataque de raiva, que nem nota minha presença ao puxá-la do saco de pancadas. Suas pernas balançam tentando escapar de mim, mas consigo fazer um trabalho bem-feito em afastá-la da sua vítima.

Seus cabelos estão uma confusão de fios em seu rosto, sua respiração é arfante e seu olhar é mortal. Tão escuro quanto seus cabelos pretos. Ela poderia ser a Branca de Neve, se não fosse tão quebrada.

Antes que eu possa me preparar, o seu punho atinge o meu rosto em um soco, fazendo meus olhos aumentarem de tamanho ao ser surpreendido com a pequena à minha frente. Ela tenta me atingir novamente, mas consigo desviar, o que faz com que seu pequeno rosto se contorça de raiva. Avançando em minha direção, consigo bloquear alguns golpes antes do seu punho atingir o meu

estômago, fazendo seu ponto.

— Porra! — Dou vários passos de distância para recuperar o fôlego. — Que merda você está fazendo?

Ela nem se preocupa em responder antes de voltar a me atacar, mas consigo me defender jogando-a no chão. Tento imobilizá-la, no entanto, Amy é mais forte do que parece. Seus golpes são centrados e sua pequena figura facilita na fuga. A nossa respiração está arfante, mas não vejo nenhum indício de que ela vá parar agora. Depois de ser atingido por alguns golpes nas costelas, consigo imobilizá-la com seu rosto contra o chão, enquanto meu quadril fica um pouco acima da sua bunda.

— Se soltar você, ainda vai tentar me matar? — pergunto no seu ouvido. Ela assente, o que faz com que meu corpo trema em um sorriso. Apesar de estar cansado e dolorido, fico feliz em saber que Amy sabe se defender. — Então vamos continuar aqui até que eu sinta que a minha vida está em segurança.

Nesse momento, sou surpreendido pelo seu riso rouco e grave. Seu corpo todo treme antes de endurecer e voltar a ficar em silêncio. Saio de cima do seu corpo, me jogando no chão ao seu lado, assim que percebe que está livre, ela se deita na mesma posição que a minha. Encaramos o teto em silêncio até que ela levanta uma das mãos em *high five*. Um pequeno sorriso brinca em seu rosto, quando seus dentes afundam em seu lábio inferior.

O silêncio sempre me assustou, mas ao seu lado ele se tornou confortável. Aos poucos, Amy está me ensinando que falar não é necessário.

Amy

Garotas fortes não choram.

Garotas como você não podem ter medo.

Use a sua raiva contra todas as emoções, Amy. Ela é a emoção fácil de lidar.

Não me lembro de como terminei na academia de Mark socando várias vezes o saco de areia, mas era a única forma que consegui colocar todas as minhas emoções para fora. Até que Mark chegou, tirando-me do meu ponto de conforto, meu corpo e minha mente gritavam por alívio e vi nele a oportunidade de aliviar toda a raiva acumulada em meu corpo. Talvez tenha exagerado um pouco, pois o olhar assustado de Mark me causou um pouco de culpa, mas logo foi revertida em raiva e eu não conseguia parar. Talvez eu tenha algum problema de raiva, no entanto, ela é a melhor emoção que já senti. Não me ensinaram a lidar com qualquer outro tipo de emoção, apenas com a raiva.

Ficar deitada ao lado de Mark no chão sujo da academia, causou um certo conforto em mim, que até me permiti sorrir pela primeira vez, mas eu me lembrei que ele estava aqui e eu não quero que ele escute a minha voz, ainda não, pelo menos.

— Quero te mostrar uma coisa.

Viro-me em direção à voz de Mark, encarando seu perfil. Uma fina barba está nascendo em seu rosto e a minha vontade é de tocá-la para sentir a textura. A pequena cicatriz em cima da sua sobrancelha lembra um pouco a que esconde debaixo do cabelo. A cicatriz que me permitiu viver quando a minha cabeça bateu contra o vidro do carro, causando uma rachadura e facilitando o meu resgate.

— Volto já — ele diz.

Acompanho sua grande figura se movendo ao redor da academia, quando para em frente à porta, recolhendo alguns papéis, ele volta e se senta ao meu lado. Imito sua posição, olhando atentamente seus movimentos.

— Passei a noite estudando linguagem de sinais para tentar encontrar um meio de fazer a nossa comunicação melhorar. Você fica um pouco irritada quando precisa escrever em um pedaço de papel, acredito que você pode gostar disso. Precisa de alguns ajustes, mas acho podemos adaptar com o tempo.

Tiro os papéis de suas mãos e olho os símbolos e significados, eles não são muito diferentes da linguagem padrão, mas tem alguns símbolos que

parecem mais fáceis e divertidos. A última vez que tentei aprender sozinha foi totalmente frustrante, então Andy disse para ignorar porque não fazia sentido, uma vez que as pessoas não iriam querer falar comigo.

— *Por quê?* — Escrevo em um pedaço de papel qualquer. Seus olhos me observam como se procurassem a minha alma.

— Quero ter certeza de que você pode se comunicar quando não estiver mais aqui.

Pelo menos ele não vai querer me manter para sempre. Dou um leve aceno em concordância, então ele começa a sinalizar.

— *Amy é uma boa garota.* — Ele sinaliza ao falar com um sorriso idiota no rosto.

— *Eu não sou um cachorro.* — Escrevo, irritada pela escolha das suas palavras.

— Não, você está mais para o canguru Jack.

Arqueio minha sobrancelha. O seu sorriso aumenta, transformando-se em uma gargalhada, inclinando a cabeça para trás, deixando todo o seu pescoço à mostra. Jogo a caneta nele, o que o faz desequilibrar com o susto.

— Eu disse que você era o canguru Jack.

Procuro nos papéis as palavras, antes de começar a sinalizar.

— *Mark idiota.*

— Mark é um gostoso. Até que você admitiu rápido. — Volto a olhar para os papéis, mas as palavras que sinalizei estão corretas, ele só está sendo mais idiota que o normal. — Okay, agora é minha vez. — Sua atenção fica alguns minutos nos papéis antes de começar a sinalizar. — *Quantos anos você tem?*

— *Vinte.* — Em poucos meses completo vinte e um, mas é uma informação que prefiro guardar.

Passamos o resto do dia nos comunicando por sinais, até que Mark se cansa de ficar calado e volta a falar rapidamente coisas completamente sem nexos. No entanto, ele parece mais aliviado em falar. Não posso deixar de admitir que a sua ideia é boa, não ter que escrever sempre que precisar falar alguma coisa é bem relaxante, e poder insultá-lo por gestos é muito mais divertido.

Mark

Duas semanas se passaram desde que trouxe Amy para a minha casa, nosso relacionamento melhorou bastante depois que parei de receber apenas rosnados dela. Gestos como uma faca cortando pescoço e armas apontadas contra a cabeça se tornaram frequentes em nossos diálogos. Ela não voltou a pedir para ir embora, nem eu toquei no assunto. Ainda não descobrimos sua ligação com o clube, muito menos com o Michael. Talvez estejamos seguindo as pistas erradas, mas se isso for verdade, não existem motivos para que Cash continue indo ao clube disfarçado.

Ao sair, Michael deixou dívidas de drogas com a máfia, mais uma razão para desconfiarmos do seu paradeiro no clube. Ele não poderia ir muito longe sem ser morto, a não ser que tenha feito algum acordo. Precisamos descobrir que acordo foi esse, se é que ele existe, para enfim terminarmos esse maldito quebra-cabeça.

Do meu lugar no sofá, olho mais uma vez para Amy sentada no parapeito da janela observando a entrada da casa. Desde que chegou aqui, a única vez que colocou os pés para fora de casa foi quando a levei ao estúdio de tatuagem, depois disso ela nunca mais fez menção de sair. Normalmente, quando preciso ir para o clube ou ao escritório, deixo as portas trancadas enquanto ela permanece em casa. Quando retorno, ela sempre tem preparado algo para comermos. Depois que limpa a casa, Amy costuma assistir a um filme ou ler um livro em frente à janela. Na última vez que ofereci chamar uma faxineira para fazer o trabalho pesado, ela ameaçou atirar na minha cara depois que me mandou calar a boca. A garota pode ser um pouco violenta, o bom é que eu gosto disso nela.

Esfrego meus olhos, sentindo a exaustão mostrando seu sinal. As letras no computador começam a ficar confusas e embaralhadas diante de mim, e em vez de insistir em continuar nesse caso, fecho a tela do notebook e o jogo na mesinha de centro antes de fazer o mesmo com o meu corpo no sofá.

Só acordo horas depois com os gritos desesperados de Amélia.



— Porra, Mark! — Amélia despenca no chão, passando as mãos pelos cabelos emaranhados.

Olho ao redor, assustado por não ser mais dia. Amélia está

completamente bagunçada, enquanto Amy está abraçada ao próprio corpo com os olhos cheios de lágrimas olhando para nós, balanço a cabeça para afastar o sono, sentindo-me tonto pela medicação que tomei mais cedo.

— O que está acontecendo? — Minha voz está rouca pelas longas horas de sono, a nuvem da medicação me causa desconforto.

— Achávamos que você estava morto — Amélia explica, levantando-se do chão. Sua saia lápis está enrugada, assim como a blusa de seda. O cabelo, que normalmente fica em um coque alto, está solto em suas costas, deixando-a com um ar mais leve.

— Como você chegou aqui?

— Amy me ligou quando não consegui acordar você. Adivinha? Eu também não, então fui para o escritório e encontrei os seus comprimidos misturados e espalhados em uma confusão gaveta. Como você não acordava, assumi que poderia ter tido algum tipo de overdose, mas Amy sentiu a respiração no seu peito, então tentamos uma massagem cardíaca. Eu gritei com você e você voltou. — Seu olhar está repleto de desprezo, mas sua armadura está prestes a quebrar em lágrimas. Amy tem os olhos molhados como se já tivesse chorado, mas o olhar perdido ainda continua. Olhando-as assim faz com que eu me sinta um grande poço de merda.

— Não foi minha intenção — falo, observando Amélia colocar os sapatos.

— Eu sei que não, mas quando não for apenas um sono profundo? E se o seu coração um dia parar?

— Amélia...

— Você quer vir comigo? — Amélia pergunta à Amy, o que me surpreende ainda mais é que ela aceita.

Levanto-me do sofá, sentindo-me um pouco tonto no processo, mas consigo segui-las até a porta e segurar o braço de Amy.

— Você vai embora, não é? — De repente, eu me sinto traído e sozinho, sendo abandonado mais uma vez.

Amy continua inerte, encarando meus olhos até que uma lágrima escorre e ela se afasta e segue para o carro de Amélia, deixando-me sozinho. Observo o carro desaparecer entre as árvores antes de voltar para a sala. Sentando-me no sofá, encaro a mesa fixamente, tentando entender o que aconteceu.

Eu só queria dormir.

Amy

Amélia dirige em alta velocidade em direção a um complexo de apartamentos. Não sei o que estava passando pela na minha cabeça ao aceitar vir com ela, mas naquele momento tudo o que eu queria fazer era sair correndo daquela casa. A primeira vez que olhei para Mark eram treze horas e ele parecia uma pessoa normal dormindo, mas o tempo foi passando e ele continuava na mesma posição e aquilo foi fazendo o seu ponto em mim, no entanto, decidi relevar, só que ao terminar de fazer o jantar, eu tentei acordá-lo, e como tentei. Quanto mais batia em seu peito, mais ele continuava inerte, o medo era tão grande que até gritei com ele, gritei com minha voz, mas continuava sem respostas.

Sem pensar duas vezes, peguei o celular dele procurando na agenda o contato de alguém conhecido, foi quando vi o número de Amélia. Tentei falar com ela, mas com o nervosismo e a minha audição prejudicada, não tive muito sucesso. Ela chegou na casa com os olhos preocupados, mas dizendo para manter a calma, pois aquele episódio já tinha acontecido. Tentamos acordá-lo mais uma vez, e nada. Amélia retornou do escritório com os olhos arregalados e cheios de lágrimas falando algo sobre remédios, nada do que ela falava fazia sentido. Eu estava muito atordoada para entender o que ela estava falando, então ela começou a chorar quando nada do que fazíamos dava certo.

Naquele momento, eu me encontrei chorando com ela, a última vez que chorei foi ao saber da morte dos meus pais, e ao pensar que Mark poderia estar morto mexeu comigo de alguma forma, foi então que percebi que Mark significava muito para mim, mais do que qualquer pessoa. As duas semanas que passamos juntos deixou uma marca em mim, uma que eu não sabia que existia até hoje. Talvez por ele ter sido a primeira pessoa que me tratou como um ser humano desde que meus pais morreram. Na verdade, não tenho a menor ideia o que isso significa, mas me assusta.

— Aquele desgraçado pode não morrer, mas vai me matar um dia — Amélia comenta. Aceno como resposta, porque agora não me sinto mais confiante em falar. — Não vou julgar você por sua voz, Amy. Todos nós temos nossas imperfeições, infelizmente as minhas são internas.

Encaro o perfil do seu rosto, voltando a desviar o olhar para a janela quando passamos perto de uma rua que liga ao clube. Eu poderia pedir a ela para parar o carro, mas em vez disso a deixo dirigir em direção à sua casa.

Quando chegamos ao seu prédio, sinto-me um pedaço de sujeira no seu

sapato por estar em um lugar tão luxuoso como esse. Nem quando meus pais estavam vivos eu tinha pisado em um local assim. Amélia fala com os seguranças na entrada do prédio e seguimos em direção ao elevador. Tudo é tão perfeitamente brilhante, que consigo olhar para o meu reflexo em quase todos os lugares.

— Essa calça fica melhor em você. — Olho para seu rosto, tentando encontrar alguma nota de sarcasmo, mas ela parece bem verdadeira. — Se um dia Mark a levar para a casa da nossa avó, nunca o deixe levá-la para o meu antigo quarto. Nunca vou me recuperar da minha fase rosa.

Sorrio para ela, porque também já tive minha fase rosa. As portas do elevador se abrem em um grande corredor iluminado, seguimos em direção a uma grande porta de madeira, que Amélia demora alguns minutos para abrir. Depois que estamos dentro do apartamento, ela tira os sapatos e os coloca em uma mesinha ao lado da porta com a bolsa e casaco. — Vou buscar algo para comermos, assim podemos falar mal daquele imbecil.



Capítulo 10

Amy

Amélia retorna com dois potes de sorvete Ben & Jerry's e colheres. Ela me entrega uma colher e um pote e se senta no sofá com as mãos no colo quando ela fala.

— Não toque em mim, okay? — Só quando seu corpo começa a tremer em um choro profundo é que começo a entender o significado das suas palavras. Seu choro é tão forte e parece tão doloroso, que dou tudo de mim para não tocá-la, completamente angustiada com a cena à minha frente. Demora alguns minutos para que ela se acalme e eu volte a relaxar.— Eu não posso perdê-lo. Ele a única coisa importante na minha vida. — Gordas lágrimas descem pelo seu rosto, borrando sua maquiagem. — Quando o encontrei pela primeira vez, ele parecia morto deitado naquele chão, então o levei para o médico e pedi para que ele se tratasse. Meu medo é que um dia ele tenha um ataque cardíaco ou esteja confuso demais e não saiba separar a medicação.

— Ele vai ficar bem — sussurro, mas estremeço ao escutar minha voz monótona, no entanto, isso não parece incomodá-la.

— Você já sentiu a dor de perder alguém? Eu não quero sentir isso.

morte substantivo feminino

1. *interrupção definitiva da vida de um organismo.*

2. *fim da vida humana.*

A morte pode significar tanta coisa, mas para mim só significa o fim. Não temos a menor ideia do que acontece no final, talvez seja isso que mais me assuste. Se tivéssemos consciência do que acontece após a morte, teria uma pequena chance de não nos assustarmos com isso, mas a ideia que do nada você pode deixar de existir ou que alguém que você ame pode desaparecer é agonizante. Não poder falar, não poder tocar, não poder olhar tudo isso, porque uma pequena linha foi cortada no final. Mas por que ela precisa ser cortada? Por que não vivermos para sempre? Por quê?

Quando recebi a notícia da morte dos meus pais, a única pergunta que permaneceu comigo era “para onde eles foram?”. Eles não poderiam desaparecer assim, do nada, eles acordaram comigo, brigaram pela música alta no meu fone de ouvido, meu pai reclamou dos cálculos preguiçosos na minha lição, minha mãe reclamou do tamanho errado da minha camiseta, eles discutiram todo o caminho, como sempre faziam, então como simplesmente deixaram de existir?

Eles não vão voltar, Amy.

Eles nunca vão voltar.

Essa não é uma frase que uma criança de dez anos deve ouvir. As palavras causaram uma ferida tão horrível, que eu não acredito que ela possa se fechar um dia.

— Por que você ficou tão quieta de repente? — pergunta, enxugando as lágrimas no seu rosto.

— A morte é uma visita que ninguém quer receber. — Limpo minha garganta, sentindo-a dolorida pela falta de uso. — Perdi meus pais aos dez anos, no mesmo acidente em que perdi parte da minha audição.

— Você não nasceu assim? — Nego. — Mark acredita que você é muda, eu também pensava isso até você me ligar.

— Não é fácil mostrar para os outros algo que não gosta em si mesma.

— Verdade. Eu não sou um bom exemplo para falar sobre isso. — Amélia coloca mais uma colher de sorvete na boca antes de mudar de assunto. — Você pretende contar ao meu irmão?

— Não pretendo ficar muito tempo para ele saber.

— Pensei que você gostasse dele.

— Só o conheço há duas semanas, passamos mais tempo tentando não nos matar do que conversando.

Ela parece cética com minhas palavras, mas muda a atenção para o sorvete em suas mãos, colocando uma colherada em sua boca.

— Já me apaixonei em uma semana e, por incrível que pareça, durou anos, mas ainda estou muito sóbria para falar sobre Josh. — Com isso, ela encerra a nossa conversa ao comer mais uma colher de sorvete e colocando um seriado sobre mulheres ricas na televisão.

— Mark fez essa tatuagem em você? — Desvio a atenção da televisão, olhando para a marca no meu braço, quase nem noto a presença dela, como se já tivesse nascido comigo. — Posso não saber muito sobre o ^{MC}, mas isso deve significar algo muito grande. Nem a outra irmã do Mark teve uma dessa.

— Outra irmã?

— Sim, é uma longa história. — Ela não faz menção de que vai continuar, o que só me deixa ainda mais curiosa sobre eles. Quando Amélia está distraída, traço a tatuagem com cuidado, tentando interpretar o significado dela. Se Mark falava sério e eu pertencço realmente a ele, então por que ele me deixou sair?

Mark

— O que você aprontou? — Liam pergunta quando me deixa entrar em sua casa. Passa um pouco da meia-noite, eu não queria ficar em casa sozinho, então vim atrás de Ally e Liam.

— Ally está dormindo?

— Acabou de colocar a Suzan para dormir. — Coloca uma xícara de café na minha frente e me encara, desconfiado.

Observo o vapor saindo da xícara, deixando minha mente viajar para horas antes. Depois que as meninas saíram, tentei ligar para a Amélia, mas a ligação caía na caixa postal. Tudo aconteceu tão rápido, que a ficha ainda não caiu. Meu problema de insônia se torna cada vez mais grave e sempre que coloco a terapia em segundo plano, o estresse aumenta e meu corpo parece que vai parar a qualquer momento.

— Por que você está tão calado hoje?

— Posso ficar aqui hoje? — peço e seus olhos estreitam em desconfiança, analisando-me por alguns minutos.

— Você vai estar aqui quando a Ally acordar?

— Vou me despedir antes de sair.

— O quarto ao lado de Suzan está vago — Assim ele sai da cozinha, deixando-me sozinho em silêncio.



— Você dormiu.

Viro a cabeça em direção à voz de Ally ao acordar. Ela está com as mãos cruzadas no abdômen olhando para o texto, seus óculos empoleirados no seu nariz.

— Alguém precisa fazer, não é mesmo? — brinco, empurrando levemente meus cotovelos em suas costelas. — Suzan ainda está sugando a vida fora de você?

— Ela já chegou à minha alma — sussurra antes de rir alto.

Coloco meus braços ao redor do seu corpo, puxando-a para um abraço.

— Senti sua falta — confesso. Sua respiração acelera e ela me abraça

mais apertado. Há uma grande chance de os genes da minha família terem nascido defeituosos. — Liam já foi para o clube?

— Da última vez que o vi, ele estava parado em frente ao berço certificando-se que Suzan estava respirando.

Esse seria o momento perfeito para uma boa piada se eu não estivesse me sentindo dormente e exausto. O relógio no pulso de Ally marca seis e meia da manhã, o que significa que dormi um pouco mais que quatro horas, um bom avanço comparado à última semana.

Amélia costuma acordar às sete para a caminhada matinal sem falta, enquanto Amy só desperta às sete e meia, se ela ainda quiser voltar para a casa, provavelmente vai aproveitar a carona de Amélia para o trabalho às oito. Ou seja, tenho uma hora para aproveitar minha sobrinha.

— Mark.

— Hum?

— Você sabe que pode me contar qualquer coisa, não sabe?

— Vou me lembrar disso, pequena.

— Não pode fugir para sempre, Mark.

— Eu não estou fugindo, apenas me escondendo.



— Vista uma roupa, homem.

Liam está vestindo apenas uma calça de moletom, segurando a pequena Suzan e uma caneca com café. Ally vai até eles, beijando seu marido e pegando sua filha nos braços.

— Você se lembra do seu tio Hulk, *baby*?

Como mágica, toda a ansiedade e desconforto desaparecem quando minha pequena dá um sorriso desdentado e babado para mim.

— Venha com o titio, princesa.

Amy

Olhar da janela para a cidade nos faz perceber que somos apenas pequenos pontos em meio ao mar de pessoas. Nós nos perguntamos se nossos medos e angústias são tão grandes quanto parecem ou se somos insensíveis por lamentar por algo que pode ser comparado a nada? Talvez todos nós temos direito de sofrer à nossa maneira?

Depois que meus pais faleceram, fui encaminhada para um lar adotivo onde passei seis meses com outras crianças que possuíam alguma deficiência até ser encaminhada para uma casa normal, quando o governo parou de enviar verbas para a instituição. O tratamento com a fonoaudióloga parou, assim como as visitas ao otorrino para uma possível cirurgia, como a minha única parente viva estava sendo enterrada no mesmo dia do acidente, acabei por me tornar apenas mais um número em um lar adotivo, enquanto o tempo passava, comecei a perceber que meu destino era ficar sozinha.

As outras crianças costumavam brincar, conversar, enquanto eu ficava em algum canto tentando entender o que estava acontecendo. Às vezes, quando chovia, a responsável pela casa permitia que as crianças brincassem na chuva, eu até tentei algumas vezes, mas sempre era excluída de todos os jogos. Então aprendi a ficar no parapeito da janela observando-as, em várias ocasiões eu me perguntava se elas sentiam a mesma dor que a minha. Se elas tinham medo como eu ou se estavam desesperadas por ajuda. A dor no meu peito era horrível, angustiante, sufocante. Eu não conseguia respirar, comer, brincar ou viver. Eu me sentia morta. Apenas um fantoche sendo comandado por alguém maior. Não queria sentir aquela dor sozinha, alguém mais tinha que estar sofrendo ou eu fui a única castigada com o sofrimento?

Como as respostas nunca chegavam, acabei me tornado ainda mais isolada. Eu tinha que ter feito algo errado para merecer isso, a culpa era minha e precisava viver com ela. Seria o meu carma até que a minha vida se tornasse uma linha reta. Quando o Andy chegou na minha vida, ele me ensinou que nem sempre temos controle sobre a vida, apenas como queremos que ela nos afete. Então parei de querer desistir e passei a lutar, não só dentro dos ringues, mas dentro de mim mesma. A vida parece ser tão grande quando paramos de olhar para nós mesmos. Nem sempre desistir significa que a dor vai acabar, ela vai continuar ali, mas se lutarmos podemos fazê-la parar. Tudo depende de nós e a forma como enxergamos a vida. Muitas vezes a cura está naquela ferida que não deixamos cicatrizar corretamente.

Amélia dormiu uma hora depois que chegamos ao apartamento, a forma como ela andava se batendo ao redor parecia que tinha ingerido bebida alcoólica e não apenas dois potes de sorvete. Depois que ela desapareceu no seu quarto, andei até a grande janela de vidro observando a movimentação das pessoas indo e voltando. Assim como fazia quando era mais nova, comecei a imaginar qual seria o drama delas. Dentro do táxi, estaria um homem indo atrás do grande amor no aeroporto? Ou uma mãe desesperada em busca do filho? Em algum desses prédios alguém estaria gritando descontroladamente após a notícia da morte de um ente querido? Não importa as respostas. A vida continuará indo e vindo, enquanto serei apenas uma telespectadora.

Mark

Sabia que tinha algo errado no momento que entrei em casa. Os alarmes estavam ativados da maneira correta, mas tinha algo diferente. Tiro a arma do cós da minha calça, tentando fazer o mínimo de barulho possível, olhando em todos os cantos da casa. A cozinha está vazia e nenhum barulho está vindo do andar de cima. Ando com cuidado até o meu escritório só para encontrar um pequeno rato mexendo nas minhas coisas. O barulho da porta se abrindo não parece ter sinalizado a presença de alguém, apesar de desconfiado, guardo a arma no cós da minha calça, cruzando os braços no peito, deixo meu ombro encostado contra o batente da porta esperando-a olhar para mim.

Sua bunda está coberta por um jeans preto e justo, seus braços estão expostos com a regata preta que cobre uma boa parte do cós da calça. O cabelo preto e longo está preso em um rabo de cavalo, assim como no primeiro dia que a conheci. Tentando alcançar uma pasta em cima da prateleira, ela acaba desistindo e se virando em minha direção, quando nossos olhos se encontram, Amy congela completamente no lugar, antes de levar as mãos às orelhas, mexendo no aparelho auditivo.

— *Oi.* — Ela sinaliza, parecendo um pouco envergonhada de ter sido pega.

— Encontrou o que procurava? — Continuo parado ao lado da porta, lendo atentamente a sua expressão corporal.

— *Não encontrei o seu livro.*

— Eu o coloquei no seu quarto ontem à noite, trouxe mais alguns que estão no carro. — No início, desconfiei que seu interesse no meu escritório não fossem os livros, mas o sorriso que nasce em seu rosto me diz que estou errado. Ela começa a sair do escritório, mas antes que possa ir muito longe seguro seu braço, puxando-a para mim. — Sobre ontem à noite — seus olhos focam na minha boca como se tentasse ler o que estou falando —, não vai mais acontecer.

— *Eu sei.*

— Você sabe?

Um pequeno sorriso brinca em seus lábios. De repente, estou curioso para saber o que ela está aprontando, mas não tenho tempo de perguntar, porque ela corre de volta para o seu quarto.

Amy

Encaro meu reflexo no espelho depois de muito tempo, as marcas das lutas começaram a desaparecer, ficando apenas uma sombra amarelada onde antes era roxo profundo. O lugar da facada é apenas uma pequena cicatriz ao lado do meu umbigo. Os ossos, antes à mostra, estão preenchidos por carne e a calça não precisa mais de cinto para se manter no meu corpo. Meu estômago está cheio com alimentos variados, não sinto mais frio na hora de dormir, posso tomar um banho quente sempre que tenho vontade, meus músculos não estão mais doloridos e nem tenho mais ossos quebrados depois da luta. Minha preocupação não é mais se vou morrer em alguma luta ou se vou estar fraca demais para lutar por minha vida. Eu nem tenho mais uma preocupação.

Mark garantiu que durante essas duas semanas a minha vida voltasse ao eixo depois de dez anos, eu até posso ouvir novamente. Foi por essa razão que voltei para casa de Mark quando Amélia acordou para sua caminhada matinal, ela me perguntou se eu tinha outro lugar para ir e eu disse que não. Porque realmente não tenho. Agora só preciso encontrar uma forma de pagar o resto da minha dívida com Carter, se ainda tiver uma dívida, e finalmente poder ser livre.

Quem sabe eu até possa voltar a estudar. As escolas não estavam preparadas para receber alguém como eu, então decidiram me deixar fora do radar da assistente social, já que eu não seria uma boa contribuição para o estado. Sem nenhuma qualificação é quase impossível entrar no mercado de trabalho, mas estou disposta a fazer qualquer coisa antes de voltar para o clube de luta.



Capítulo 11

Amy

Desço as escadas de dois em dois degraus, decidida a falar com Mark, mas a cena diante de mim me faz tropeçar em um dos degraus, precisando me segurar na parede para não cair.

Uma pequena garota usando grandes óculos de grau está abraçada a Mark, que tem um pequeno bebê em seu colo. A garota olha com admiração para eles como se fosse a cena mais linda que ela já viu. Uma pequena pontada aperta meu peito com a cena diante de mim, eles parecem uma bela família e, de repente, eu me sinto uma intrusa.

Respirando fundo, crio coragem para terminar de descer as escadas, Mark olha para mim com os olhos sérios e acusadores, então abraça a garota, virando-a de costas para mim antes de saírem em direção ao seu escritório. Nem precisa ser muito inteligente para entender os sinais que ele está passando. Não importa quem aquela garota seja, Mark não a quer perto de mim e mais uma vez, eu volto a me sentir excluída depois de me sentir acolhida. Subo as escadas correndo em direção à academia e, de repente, as emoções que senti minutos atrás são transformadas em raiva.

— *Você é minha amiga, Amy? — Mark sinaliza depois que terminamos de comer. Os papéis ainda estão à nossa frente, enquanto tentamos adivinhar o que o outro está falando.*

— *Sim — sorrio.*

Soco o boneco à minha frente repetidas vezes, quando as memórias de alguns dias atrás retornam. O Mark naquele dia não parecia o cara que afastou sua garota com vergonha de mim ou medo de que eu fosse estragar sua família perfeita. Olho para o boneco imaginando os olhos de Mark, quando a queimação no meu peito quer se tornar lágrimas.

— *Não chore, criança. Você precisa ser forte para seus pais. — Minha avó beija o topo da minha cabeça, quando minha pequena figura se espreme em seu colo.*

— *Ela não pode chorar, ela nem pode ouvir — Joanna fala, olhando diretamente para mim, a garota ao seu lado me olha assustada, acreditando em suas palavras.*

— *As emoções nos deixam fraca, Amy. Grite, sinta a raiva dentro de você. Só ela vai te salvar — Andy grita, segurando o saco de areia na minha frente.*

Soco. Soco. Soco. Soco. Chute. Soco. Chute. Soco. Chute. Chute. Soco.

— *Nós sempre estamos sozinhos, Amy. Acreditar no contrário é o caminho para a morte, onde você vai estar sozinha novamente.*

Desabo no chão, exausta, quando as palavras de Andy retornam como um soco no estômago depois da cena que vi no andar de baixo. Enxugo o suor do meu rosto com a blusa, meus membros estão fracos demais para me levantar. Saio da academia com cuidado para deixar tudo no lugar, voltando para meu quarto onde tomo um longo e quente banho. Provavelmente o último, já que Mark não vai querer mais minha presença.

Ele disse que só ficaria comigo até que eu tivesse condições de me virar sozinha. Acho que esse momento chegou.

Mark

— Por que você está escondendo aquela garota? — Ally observa os livros no meu escritório, enquanto seguro Suzan no colo. Ela balbucia na sua língua de bebê tentando puxar meu cabelo do coque.

— Quando você começou a enxergar bem?

Ally olha para mim por cima da armação dos óculos, antes de voltar a atenção para os livros.

— Ela é bonita.

— Amy estava a metros de distância e você conseguiu enxergar, mas não consegue desviar de uma mesa à sua frente?

— Então ela tem um nome — Ally fala, me ignorando. Ela finalmente pega um livro que chamou sua atenção, voltando a se sentar na frente da minha mesa.

— Você não pode ficar sem um livro nas mãos?

— Não é sempre que eu tenho essa pequena garota silenciosa e distraída com outra coisa que não sejam os meus peitos.

— Peitos... okay. Vamos mudar de assunto.

— Quem é a garota, Mark?

— Você não pode saber.

— Tem algo relacionado ao nosso pai? — insiste.

— Bennet está morto, ele não nos preocupa mais.

— Então é Michael. — Um pequeno vinco nasce entre suas sobrancelhas e o mesmo olhar assombrado de meses atrás volta ao seu rosto.

— Ainda não sabemos. Até onde sei, ela pode ser uma vítima disso tudo, mas não vou arriscar deixando minha família perto dela. Já fui negligente demais deixando-a com a Amélia.

— Você não está sendo um pouco paranoico?

— Apenas precavido. Eu só tenho vocês e não estou a fim de perdê-las. — Somos distraídos pelo sorriso de Suzan, que mais uma vez consegue nos manter longe de assuntos sérios.

Depois que Amy subiu para o quarto, Collin ligou contando mais novidades sobre o clube. Amy é uma das lutadoras principais, mas ninguém sabe realmente a verdadeira história da garota que luta com chefes de gangues e ex-

presidiários. O único que tem contato com ela é o dono do clube, mas ninguém o conhece muito bem para dar pistas sobre ele. Depois do desaparecimento de Amy, as apostas começaram a cair e há uma recompensa muito alta pela sua cabeça. Uma recompensa feita por Cash.

Posso estar errado, mas tem algo muito grande que Amy está me escondendo. Talvez assumir que ela era a vítima tenha sido meu erro, afinal, sempre conseguiu se manter muito bem sozinha. Ninguém aprende a lutar daquela forma sem ter sido treinada para isso. Talvez Cash tenha razão e ela não passe de uma espiã, uma espiã que coloquei na minha casa e que estava à procura de algo no meu escritório. Ou talvez Cash esteja querendo nos convencer disso.

Nas últimas semanas, Amy conseguiu deixar seu ponto em mim, seu jeito atrevido e ignorante fez com que eu me aproximasse mais dela, mas saber que tudo pode ser um jogo me faz querer odiá-la. Mesmo depois do olhar partido que ela me deu, quando tentou se aproximar de Ally.

— Se ela for uma traidora, o que vão fazer com ela?

Dizer que seu destino é a morte é um pouco cruel para a minha irmã viciada em livros de romance. Liam acredita que ela não precisa saber tudo o que acontece no clube. Eu concordo com isso.

— Ela vai precisar lutar pela própria vida. — Minha resposta não parece convencê-la, mas ela parece bem o suficiente para sair da minha casa sem mais perguntas.

Observo seu carro sair com dois dos membros do clube fazendo a guarda. Volto para casa, ligando todos os alarmes quando um pequeno ponto preto escondido no topo das escadas chama a minha atenção. O cabelo de Amy está cobrindo todo seu rosto, enquanto ela abraça o próprio corpo. Não sei se ela pode me ver olhando para ela, mas a cena é bastante triste para ignorar. Subo as escadas com cuidado, não sei como ela percebe a minha presença, mas assim que nossos olhos se encontram, ela volta para o quarto correndo como uma pequena fumaça.

Não quero acreditar que ela é culpada, mas não posso deixar minhas emoções me dominarem. Já passaram duas semanas e até agora não tive uma resposta coerente. Sento-me nos degraus, apoiando minhas costas contra a parede antes de fazer uma ligação.

— Josh, eu preciso de todas as informações sobre Amy, a garota do clube de lutas.

Chegou a hora de fazer o que faço de melhor, arriscar.

Mark

— Onde ela está? — Collin pergunta ao entrar na minha casa e observar todos os cantos em busca de alguém.

— No quarto ou na academia socando a vida fora do Roger.

— Roger?

— Meu saco de areia.

— Você deu o nome do seu pai? Eu poderia fazer isso, mas seria preso por querer bater na minha mãe.

— Ele não é meu pai, apenas o marido da minha mãe. Amy é quase um robô de luta, se você quiser, posso convencê-la a acabar com sua velha.

— Vou deixar essa ideia para mais tarde. — Collin pega uma garrafa de água da geladeira antes de servir em um copo. — Você já falou com ela?

— Meio que estraguei meu trabalho da última semana quando Ally chegou aqui.

— Como você conseguiu isso?

— Você me ligou avisando sobre o clube, Ally chegou minutos depois para uma visita surpresa, justo na hora que Amy estava descendo as escadas para se juntar a nós. Então eu meio que dei a entender que não queria a presença dela com a gente.

Collin fica um bom tempo em silêncio antes do seu corpo se dobrar em uma crise de riso.

— Porra, cara. Como você perdeu seu jeito com mulheres? Será que você finalmente encontrou a sua pequena?

— Eu não perdi meu jeito com as mulheres, elas me amam. Apenas Amy que é um pouco mais difícil de lidar.

— Você não me respondeu se ela é sua...

— Ela não é, não vai ser nada minha. Meu destino é ser solteiro e feliz, em breve abrirei uma creche para ficar com os meus lindos afilhados. — Mordo um pedaço da maçã que estava sobre a mesa. — Até onde sabemos, ela pode ser uma traidora.

— Você tem razão, mas até lá poderia levá-la para um encontro.

— Assim como você fez com Livie antes do ataque contra ela?

— Okay, péssima ideia. — Collin fica em silêncio, olhando para o seu

copo e me pegando de surpresa quando volta a falar. — Você pediu para Josh investigá-la?

— Sim, ele disse que a qualquer momento entra em contato.

— O que você vai fazer se ela realmente for culpada?

— Ela tem a marca do clube no braço, você sabe o que acontece com traidores. As meninas não podem saber disso, já basta Amélia, que parece ter criado um vínculo.

— Vamos torcer para esse barco não afundar.

— Não quero acreditar que ela é uma traidora.

— Talvez ela tenha seus motivos para ser. — Collin pode estar certo, mas no nosso mundo não damos uma segunda chance.

Collin sai horas depois para voltar ao trabalho. Todo o tempo que ficamos na cozinha, Amy não apareceu nem uma vez, o que me deixou preocupado, pois desde que chegou aqui ela não pulou nenhuma refeição.

Verifiquei meu e-mail três vezes na esperança de Josh ter encontrado uma resposta que prove que estou errado sobre minha desconfiança, mas até agora nada. Algo me diz para subir até o quarto e tirar dela a verdade, mas a outra parte que zela pela minha vida diz para recuar. Ninguém sabe se o ódio dela foi descontado o suficiente na academia.

Como não tenho nenhum trabalho importante para fazer no momento, reúno alguns ingredientes para macarronada sobre a mesa antes de colocar a mão na massa. Assim que o molho está quase pronto, o alarme do meu celular avisa a chegada de uma nova mensagem.

Josh enviou o dossiê de Amy com uma mensagem de boa sorte no final. Estranho? Sim. Preocupante? Mais ainda. Termino de preparar a macarronada, levando um prato para meu escritório, ao passar pelas escadas, olho rapidamente para o topo esperando encontrar Amy, mas o lugar está vazio. Uma sensação de mal-estar passa por mim, mas o empurro para longe.

No momento em que sento a minha bunda na cadeira ligando o computador, o meu telefone toca com uma ligação do Josh.

— Você já leu o arquivo?

— Você está ficando lento, Josh.

— Não é tão fácil encontrar uma pessoa sem sobrenome, cunhado.

Balanço a cabeça, sorrindo ao imaginar o prazer que Amélia sentiria ao arrancar a dele se ela souber o que ele está falando.

— Estou abrindo agora. Há algo que eu deva me preocupar?

— Tem um tal de Andy, que parece ser mais do que um simples velho bêbado. Ele fazia parte do Silence Angels, mas saiu após a morte dos pais do Liam. Apesar de todo o seu histórico fodido, ele conseguiu a guarda de Amy aos dezesseis anos. Talvez por ela ser um fardo para o sistema, não sei, mas há algo que não bate. Meses antes do Liam sequestrar Ally, Michael comprou o clube desse homem, mas ele se tornou um fantasma desde o atentado ao South.

— Então Amy pode estar realmente ligada ao Michael?

— Só ela pode responder essa pergunta. Se minha intuição ainda funciona, ela pode ser apenas mais uma vítima em meio a isso tudo. Esse tal de Andy tinha uma dívida e pegaram sua academia como garantia.

— Amy lutava lá.

— Há uma chance de ela fazer parte do pacote para quitar a dívida, a fama dela é muito boa entre os apostadores.

— Você conseguiu isso tudo em três horas?

— Eu não estou tão mal assim, Mark — brinca —, mas, na verdade, você não era o único atrás dela.

— Liam?

— Podemos começar por aí. — Massageio minha têmpora, levemente sentindo uma pressão se formar atrás dos meus olhos. — Você precisa que eu esconda alguma informação dele?

— Prefiro contar pessoalmente a ele na reunião.

— Tudo bem. Tem mais uma coisa.

— Hum?

— Amanhã completa dez anos do acidente que matou os pais de Amy, achei importante você saber, apenas no caso.

— Obrigado pela informação. — Termino a ligação começando a prestar atenção no arquivo à minha frente.

A primeira imagem que aparece é de uma Amy muito mais nova com o rosto coberto de sangue, seus olhos estão alarmados e assustados. Na próxima página tem o *link* de uma notícia de dez anos atrás.

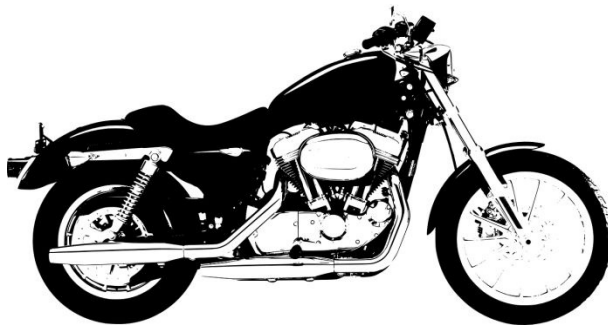
Amy Russell, a única sobrevivente do acidente que vitimou seus pais, deixando-a órfã. A família Russell voltava do enterro da avó paterna da garota, quando Rob Russell perdeu o controle do veículo, jogando o carro diretamente no rio. Com o impacto, Justine Russell, de 32 anos, sofreu uma fratura no

pescoço, tendo morte imediata. Rob Russell, de 39 anos, ficou preso ao cinto e morreu por afogamento. A única sobrevivente estava sem cinto na hora do acidente, o que facilitou o resgate.

Logo abaixo tem um vídeo amador que mostra o momento exato em que dois homens carregam Amy para a estrada, sua pequena cabeça vira em direção ao rio de onde acabou de sair antes desmaiar. Os gritos desesperados preenchem o ambiente, quando as pessoas ligam chamando a ambulância e uma mulher loira começa a fazer massagem cardíaca na garota.

O caso foi encerrado como acidente, mas um policial abriu uma investigação de um possível suicídio/homicídio, mas nunca chegaram a concluir o inquérito.

No final da reportagem, tem uma foto da família com todos sorridentes e felizes. Volto para o arquivo que Josh enviou, lendo as informações sobre os lares adotivos que Amy ficou, mas um fato sobre seu pai chama minha atenção. A empresa de contabilidade dele trabalhava para o clube muito antes do assassinato do pai do Liam. Leio mais a fundo os arquivos, essa história está ficando cada vez mais interessante.



Capítulo 12

Mark

Dizem que nosso corpo sente quando algo ruim está prestes a acontecer. É como se nossas terminações nervosas enviassem sinais para nosso corpo entrar em alerta. Deitado no sofá e observando a tempestade pela janela, algo me leva a levantar da minha posição e caminhar até o quarto de Amy. Mas não preciso ir muito longe para perceber que algo está errado. A porta da frente está aberta sem nenhum sinal de arrombamento, sem pensar duas vezes, entro no meu carro no meio da tempestade em busca do pequeno corpo de Amy. Com a chuva grossa e os ventos fortes, ela não pode ter ido muito longe, a luz do farol ilumina um pequeno corpo andando no meio da estrada vestindo apenas um moletom preto e uma calça jeans. Não muito diferente do dia que a encontrei, freio o carro, o que a faz virar para mim com os olhos arregalados.

— Entre no carro! — grito sob os pingos fortes da chuva ainda sem sair do carro. — Amy, entre no carro!

Ela está completamente molhada e parece que vai ser levada a qualquer momento pela força da chuva. Ainda me ignorando, ela volta a correr no meio da tempestade. Completamente irritado, desço do carro, correndo atrás dela, assim que a alcanço, eu a pego nos braços, levando-a até o carro sob os seus protestos. É então que escuto pela primeira vez o som pelo qual acabo me apaixonando.

— Me solte! — O tom da sua voz é um pouco monótono, com uma entonação diferente do que costumamos ouvir, mas há uma parte delicada. Amy continua se debatendo contra mim, mas as suas roupas estão pesadas demais para deixá-la ágil. O seu cabelo está preso em um rabo de cavalo, deixando sua orelha à mostra e sem nenhum sinal do aparelho, o que faz completamente inútil a minha intenção de gritar com ela de volta. — Me solte! — ela volta a gritar, quando abro a porta do carro colocando-a dentro, ensopando completamente o

banco. Amy não olha para mim quando bate nas minhas mãos durante uma tentativa de colocar o cinto de segurança. Depois que a fivela está no lugar certo, seguro seu rosto entre as minhas mãos e sinto o seu corpo completamente frio. A luz não está muito forte, mas é o suficiente para que ela possa ler meus lábios.

— Nós estamos indo para a casa.

Seu corpo começa a tremer, ela o abraça em busca de calor, enquanto dou a volta no carro antes de ligar o aquecedor e dirigir para casa.

Seu corpo treme violentamente quando a tiro de dentro do carro e a levo para dentro da casa. Ligo todos os alarmes e a aperto mais forte contra meu peito ao subir as escadas de dois em dois degraus. Eu a levo para o banheiro do meu quarto, onde a deixo sentada em cima da pia, enquanto ligo a água da banheira e tiro minha roupa molhada, ficando apenas de boxer.

Começo a fazer o mesmo com suas roupas e seus olhos, que até então estavam fechados, se abrem em protesto. Ela tenta falar alguma coisa, mas todo seu corpo treme, deixando suas palavras ininteligíveis. Entro dentro d'água quente com ela vestindo apenas uma calcinha e sutiã preto, esperando seu corpo voltar a temperatura normal. Inconsciente, seu corpo se agarra ao meu quando sou sua única fonte de calor. Uma ereção cresce entre minhas pernas ao sentir sua pele macia contra a minha, mas sou grato por ela estar inconsciente demais para sentir.

Deixo a água do chuveiro molhar um pouco sua cabeça antes de desligá-lo e esperar a água esfriar para tirá-la da banheira. Enrolo nossos corpos em uma toalha e a levo até a minha cama, então visto uma calça de moletom cinza e procuro uma parecida para ela e uma camisa de grandes dimensões. Com cuidado, começo a enxugar seu corpo e tirar o resto de roupa molhada antes de vesti-la com algo limpo e seco. Coloco seu corpo debaixo das cobertas, quando faço menção de me afastar, a sua pequena mão fria segura meu braço, pedindo para ficar. Desligo a luz do banheiro, jogo as toalhas molhadas no chão antes de me deitar sobre a cama e puxar seu corpo frio para o meu. Fazendo minha missão mantê-la aquecida.



— Não, não, não.

Durante toda a tempestade, Amy teve um sono agitado. Ela murmurava algumas palavras incoerentes antes de se debater contra meu corpo. Aos poucos,

sua pele foi esquentando, o que foi um alívio até sentir seu corpo queimando contra o meu, não importa o quão quente o seu corpo estava, ela ainda tinha calafrios.

— Shhh. — Suas pálpebras tremem, mas seus olhos continuam fechados. Quando amanheceu, eu mandei uma mensagem para George vir examiná-la, então eu a deixo sozinha na cama para atender a porta. George só me olha tempo suficiente para que eu indique onde ela está antes de subir as escadas correndo.

Parece que sou o odiado no momento.

— Ela vai ficar bem, por enquanto é apenas um resfriado, mas precisa ser tratado para que algo pior não aconteça. O tempo que ela passou nas ruas pode ter afetado o seu sistema imunológico, por isso o corpo dela se abateu mais rápido que o seu. Onde está o aparelho auditivo?

— Não tive tempo de procurar depois que a tirei da chuva, mas deve ter deixado no seu quarto ou jogado fora. — Cruzo os braços sobre o peito, observando a figura frágil de Amy sobre a cama.

— Ela murmurou algumas palavras durante o sono, você não me disse que ela conseguia falar.

— Eu também não sabia até ontem à noite, tenho quase certeza que ela não queria que eu descobrisse.

Ficamos em silêncio enquanto George termina de examinar Amy, ele começa a escrever. Aproveito esse momento para andar até a cama e arrumar a blusa e os cobertores de Amy, deixando seu corpo protegido do frio. Ela resmunga levemente quando toco seu rosto com os dedos para afastar os fios de cabelo rebelde.

— Ela não gosta muito de você — George brinca.

— Amy tem um gênio forte.

George bate no meu ombro, entregando o receituário.

— Receitei alguns anti-inflamatórios, caso ela venha sentir alguma dor ou a febre persistir. Os anti-histamínicos são para tosse ou qualquer reação alérgica que ela venha a apresentar. Ela precisa ingerir muito líquido, sucos e sopas são bem-vindos nesse momento.

Faço uma nota mental, tentando guardar tudo o que ele está dizendo. Quando parece satisfeito, George vai embora e me deixa com a minha paciente.



— Por que você está sussurrando? — Amélia pergunta do outro lado da linha.

Estou sentado no pequeno sofá do quarto, enquanto leio mais informações do documento que Josh enviou ontem. Saber que o pai de Amy trabalhou com as documentações do clube trouxe um pouco mais de alívio, já que eles não são completos desconhecidos para o clube. Amy continua presa em seu sono profundo, no entanto, a febre começou a diminuir. Algo me diz que seu sono não está só ligado ao resfriado, mas ao fato que de hoje completa dez anos do seu acidente.

— Amy está no quarto, não quero acordá-la.

— Oh, meu Deus, vocês estão juntos?

— Não, só estou cuidando dela. Amy está resfriada.

— Ah. — A decepção é notável em sua voz. — Bem, você quer minha ajuda para cuidar dela?

— Não será necessário, posso mantê-la viva por um tempo.

O silêncio que segue é apenas um indicativo de que não vou gostar do que ela tem a falar.

— Papai quer que você ligue para ele.

— Por que eu deveria fazer isso? — Tento amenizar meu tom para não assustá-la.

— É sério, Mark. As coisas podem ficar feias para você.

Passo as mãos pelo meu cabelo, tendo uma ideia básica do que ele quer falar.

— É sobre o clube?

— Ele não quis entrar em detalhes.

— Eu vou falar com ele — suspiro

— Antes do Natal? — brinca.

— Antes do Natal, *baby*.

— Obrigada. — Escuto o barulho de frascos caindo no chão ao fundo. Há uma pequena interferência antes de ela voltar a falar. — Você vai ao clube esses dias?

— Pedi para Josh ficar no meu lugar. — Fecho meus olhos, esperando sua reação.

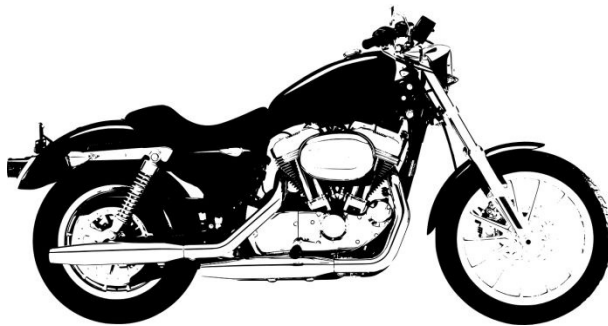
— Okay, preciso desligar... — ela diz apressadamente.

— Não é só porque você deixa de falar de um problema que ele vai deixar de existir, Amélia.

— Josh nunca foi o problema.

Ele era a solução, mas foi burro demais para perceber.

A linha fica muda quando ela desliga sem se despedir.



Capítulo 13

Mark

Bato meu celular repetidas vezes contra meu rosto ao mesmo tempo que observo a figura adormecida de Amy sobre a cama. A elevação do seu peito está mais forte, mas sua pele continua pálida em contraste com o cobertor vermelho.

As palavras de Amélia continuam martelando na minha cabeça, enquanto considero minhas opções. Eu não sou mais o garoto de oito anos que levou uma surra após ter quebrado o braço e estragado os planos para uma posse perfeita do futuro prefeito.

Ligar para Roger significa voltar para a mesma posição que eu tinha aos oito anos, mas se não ligar posso colocar o clube em uma linha reta para uma investigação. Suspirando, disco o número do seu telefone, torcendo interiormente para que não atenda, mas mais uma vez minhas preces não são atendidas.

— Philip? — Sua voz me leva de volta para vinte anos atrás.

— *Papai, Papai!*

— *Agora não, Philip.*

— *Mas, papai... — Levanto o desenho que fiz da nossa família para que ele possa ver. Papai está sempre viajando, quero que ele tenha algo da nossa família para que não nos esqueça.*

— *Eu já disse que não quero falar com você agora! — ele berra. — Estou falando com a minha filha.*

Minha irmãzinha começa a se mexer em seus braços, assustada. Recuo alguns passos, observando meus pais sentados no sofá com Amélia no colo. Eu não consigo entender o que ele está falando, mas o olhar que minha mãe me dá sinaliza que fiz algo muito grave. Ela só olha assim para mim quando papai está

muito chateado e me leva para o seu escritório, onde me bate com o cinto. Mamãe disse que ele faz isso porque me ama muito, mas meus amigos da escola falam coisas diferentes. Mas é a minha mãe, ela não mentiria para mim. Mães não mentem.

— É Mark — respondo.

Ele zomba com desgosto ao ouvir meu apelido no clube.

— Quando você vai parar com essa infantilidade e voltar para casa? Amélia não pode lidar com tudo isso sozinha, quando eu me reeleger.

— Essa é a minha casa, Roger.

— Vamos parar de drama, Philip. Sua casa sempre vai ser aqui, com a sua mãe.

— Que casa? Aquela que você me expulsou? Se não me engano, você disse algo como “saia da minha casa, seu bastardo inconsequente”. — Faço uma imitação barata da sua voz na última frase.

Ainda sinto a dor da picada ao descobrir que a minha família me rejeitava por ser o filho bastardo do seu primo. Enquanto todos esses anos procurei de todas as formas convencê-lo de que eu poderia ser um bom garoto, que ele poderia ter orgulho. Ele zombava nas minhas costas sabendo que eu nunca chegaria ao nível que ele almejava. Afinal, seu sangue não corria em minhas veias.

— Se você quer ir por esse ponto, então por que não me disse que Bennet estava morto durante todo esse tempo?

— Roger, Bennett está morto. Feliz agora? — Aperto os braços da cadeira até que os nós dos meus dedos ficam brancos. Ironizar uma situação sempre foi o meu forte para escapar de um diálogo com Roger, ele nunca ficou por muito tempo.

— Como ele morreu?

— Você não descobriu isso na sua pesquisa de campo?

— Nós dois sabemos que se eu for mais a fundo nessa investigação, o seu clubinho acaba e todos vão presos, inclusive aquela sua irmã bastarda.

— Não fale assim da Ally, porra! — Meu grito faz com que Amy se mexa na cama, prendo minha respiração, torcendo para que ela não acorde.

— Você é igualzinho ao seu pai.

Suas palavras me fazem estremecer, porque eu nunca serei como Bennet.

— Jamais vou espancar meus filhos só porque meu ego está ferido. Oh,

espere, você faz isso, mas não sou seu filho. Então não conta se o amor de uma criança vai ser destruído, não é verdade? Acho que o mau caráter também corre nas suas veias. — Desligo o telefone sem que ele possa responder. Amélia teria um ataque se soubesse o nível da nossa conversa.

Jogo meu celular no criado-mudo, desviando o olhar para Amy só para encontrá-la acordada. O sorriso cresce no meu rosto ao vê-la assim.

Amy

Jamais vou espancar meus filhos só porque meu ego está ferido. Oh, espere, você faz isso, mas não sou seu filho.

As palavras que saíram dos lábios de Mark foram meio confusas, e por causa da minha nuvem de sono, foi difícil fazer leitura labial, mas consegui compreender algumas que deixaram sua marca em mim. Só espero profundamente que eu esteja enganada, porque o sorriso no seu rosto não condiz com o mesmo homem que estava conversando perigosamente ao telefone. Ele se aproxima da cama com cautela, mas não entendo a sua reação, já que essa palavra nunca esteve no seu vocabulário.

Minha mente está confusa e meu corpo dolorido, muito mais do que depois de uma noite de luta. As cobertas sobre meu corpo me esquentam, no entanto, não é o suficiente para mim.

— ...sentindo? — A luz no quarto faz meus olhos arderem e olhar muito tempo para um ponto só é uma tortura.

Mark pega algo no criado-mudo ao meu lado, colocando o objeto na minha orelha. Meu corpo está pesado demais para reagir, então apenas fecho meus olhos, mas o arrependimento me bate quando o seu cheiro fica preso em mim.

Ele deve ter ligado o aparelho, porque logo escuto um ruído e depois sua voz. O que é um alívio, já que não preciso fazer esforço para ler seus lábios.

— Está confortável aí dentro? — pergunta quando cubro meu corpo ainda mais com o cobertor. Aceno levemente, porque tudo está dolorido demais para responder aos estímulos. — Você quer comer alguma coisa?

Nego, não sei se conseguiria ingerir algo nesse momento. Parece que um caminhão passou sobre o meu corpo e deu a ré só para garantir que tinha feito um bom trabalho. Ele fica em silêncio sem se mover do seu lugar ao meu lado. Abro um dos meus olhos, reunindo todas as minhas forças só para o encontrar com o olhar perdido em algum ponto no chão, com seus ombros caídos.

Uma postura que comecei a notar que ele assume quando pensa não estar sendo observado. Minha mente está muito nebulosa para tentar me lembrar o que aconteceu, então apenas empurro essa parte para o fundo da minha mente, colocando-a como prioridade para uma próxima hora. Empurro meu corpo um pouco para o lado, levantando as cobertas, suas sobrancelhas franzem ao observar as minhas ações, demora alguns minutos para ele entender o recado.

— Quer companhia? — pergunta, mas começa a se mover para debaixo das cobertas. O lugar está quente e aconchegante, esticando o braço sobre mim, desliga os abajures, deixando o quarto em uma escuridão confortável. Mark puxa minha cabeça para seu peito, deixando nossos corpos colados um ao outro. Eu poderia me afastar se quisesse, mas meu corpo está implorando para descansar.



— Você não podia ter aceitado esse emprego! — Desço as escadas nas pontas dos pés agarrada ao meu novo kit de desenho, enquanto escuto meus pais brigarem. Hoje é meu aniversário e meu pai trouxe um lindo kit para artistas iniciantes, que era o meu sonho, mas se for fazer meus pais pararem de brigar, eu não me importo em devolvê-lo.

Acordo sobressaltada sentindo-me sufocada pelas cobertas. Meu corpo está encharcado de suor, as roupas pinicam meu corpo, causando-me desconforto. O quarto está escuro, meus olhos demoram para se acostumar com o ambiente novo, então eu me levanto da cama com cuidado, seguindo a luz até o banheiro.

Minha mente ainda está nebulosa pelo sono quando começo a retirar minhas roupas e o aparelho em busca de um banho gelado. A água é um alívio imediato para meus músculos doloridos, lavo meu cabelo rapidamente antes de desligar o chuveiro, só depois de enrolar meu corpo em uma toalha que percebo que estou em um banheiro diferente. Quando começo a enxugar meu corpo, coloco o aparelho auditivo de volta, mas um item no espelho é diferente, então percebo que o lugar é mais amplo, os azulejos são uma mistura de cinza e preto, há loções pós-barba espalhadas pela pia do banheiro e o *shampoo* que usei é masculino. Arrepios percorrem meu corpo ao sentir o cheiro de Mark sobre mim.

Balanço a cabeça rapidamente, afastando os pensamentos, querendo sair o mais rápido possível em busca de roupas. Abro a porta do quarto, mas meu corpo acaba se chocando contra algo, a colisão é tão forte que acabamos caindo no chão e o impacto do meu corpo é recebido pela grande estrutura de Mark.

— Minha mente está pensando em várias coisas nesse momento, mas algo me diz que é mais seguro ficar calado.

Tento me levantar, no entanto, meu corpo está muito molhado para conseguir equilíbrio, a toalha começa a soltar a cada movimento, meu corpo se une ainda mais ao dele, fazendo com que minhas pernas nuas esfreguem contra o

seu jeans.

— Okay, okay. Você não está fazendo um bom trabalho, se você me permitir...

Após o meu aceno, Mark segura meus ombros levemente e se equilibra para se levantar e nos impulsionar para cima. Agarro a toalha como se a minha vida dependesse disso, mas ela acaba expondo um dos meus seios. Seus olhos permanecem no meu corpo antes de desviar para o chão. Sinto o meu rosto queimar ao mesmo tempo que uma sensação diferente percorre meu corpo. Olho para seu rosto uma última vez antes de dar a volta pelo seu corpo para ir em direção ao meu quarto, mas sua mão segura meu braço no meio do caminho.

— Gostei de sentir meu cheiro em você.

Por alguma razão que não consigo explicar, tudo que consigo fazer é correr para o meu quarto, onde me permito respirar novamente, controlando os batimentos cardíacos que estão cada vez mais acelerados.

Eu não deveria, mas acho que acabei gostando do seu toque.



Meu estômago está gritando comigo desde que entrei no meu quarto. O silêncio permaneceu na casa, o que me deixou agradecida por Mark não ter vindo até mim. Ainda não estou pronta para o enfrentar depois do que aconteceu, principalmente ao me lembrar do motivo que me fez sair de casa no meio da chuva.

Permanecer em um lugar onde você não é desejada é pior do que ser expulsa. Aos poucos, minha mente foi clareando sobre o que aconteceu, o que só piorou os meus sentimentos, porque me senti ainda mais suja por ter dormido com um homem comprometido e com filho. Agora, para fechar, ele me viu nua. Não sei quais as intenções do Mark comigo ao me trazer para essa casa, cuidar de mim e dizer ser meu amigo. Talvez ele vá querer fazer como Carter, cobrando sua dívida me aprisionando a ele.

São tantas opções que minha mente está quase explodindo por possíveis situações que podem acontecer. Pensar só alimenta a minha ansiedade, o que me faz tomar decisões horríveis. Com certeza, não estava pensando corretamente quando sai de casa no meio da tempestade imaginando que Mark não iria notar. Eu poderia ter morrido no caminho ou, se isso não tivesse acontecido, o que eu iria fazer? Voltar para o clube? Dormir em becos, porque o dinheiro é muito

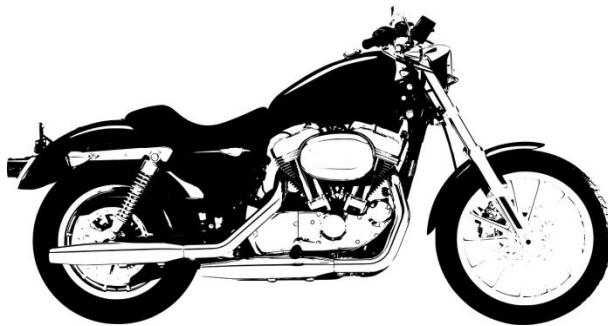
pouco para ter um lugar confortável para dormir? Voltar a ficar escondida entre as sombras fugindo das ameaças dos adversários? Ou lutar até a exaustão na expectativa de pagar uma dívida que talvez não exista mais?

Eu me precipitei ao sair daquela forma, fui inconsequente e imatura. Mas estava sentindo-me sufocada, assim como há dez anos ao ver meu pai lutar por um último sopro de ar. Não quero terminar como ele. Morta por dentro.

Meu estômago grita comigo novamente querendo chamar minha atenção, mas curvo meu corpo, ignorando-o. Nada vai ser forte o suficiente para me fazer descer aquelas escadas, principalmente depois que meu corpo reagiu ao Mark.

Até hoje, nunca tinha sentindo o toque masculino a não ser durante as lutas, onde minha intenção era de pura violência. A única vez que tentei me aproximar de um garoto ele fugiu de mim chamando-me de esquisita só porque olhava fixamente para seus lábios tentando entender o que estava dizendo. Logo depois, Andy proibiu qualquer tipo de relacionamento com outros homens da academia, mas não é como se fosse me relacionar, quando não tinha como me comunicar. A primeira vez que sinto algo diferente por um cara, ele não está disponível. Mark está mais para um cubo mágico, onde você não consegue desvendar o segredo.

Só de pensar em voltar a encará-lo sinto vontade de morrer.



Capítulo 14

Mark

O destino é uma merda.



Capítulo 15

Mark

Encaro a porta de Amy durante quinze minutos tentando decidir o que fazer. Ela desapareceu em seu quarto desde o nosso pequeno encontro no corredor. Minha intenção era verificar se ela estava bem, já que estava a quase dez horas dormindo, em vez de encontrá-la deitada, eu a encontrei no meio do corredor. Molhada e sem roupa. Toda vez que seu corpo esfregava contra o meu, o grande cara aqui embaixo se mexia, querendo cumprimentar sua colega. Ele não era bem-vindo naquele momento, como vingança a grande criatura decidiu que a melhor opção era ficar ereto, forçando o zíper da minha calça jeans.

Até hoje, nunca tinha olhado para Amy de um jeito sexual, ela era apenas uma pequena garota que encontrei em um beco e precisava de ajuda. Pensar nela dessa forma é errado, não quero tirar proveito da situação. Ela merece alguém livre, que mostre a ela como a vida pode ser linda quando você se permite viver. Alguém que apresente os melhores sons, as melhores viagens e que juntos façam os melhores momentos. Eu não sou esse tipo cara. Philip nasceu para ficar sozinho, Mark foi criado para fazer companhia a ele.

Bato na porta esperando que responda, ela está sem comer há quase vinte e duas horas. O seu organismo deve estar fraco, principalmente depois da luta contra o resfriado. Quando não responde, bato novamente até que sou obrigado a abrir a porta. Amy está sentada na cama lendo ps.: *Ainda amo você*. Seu aparelho auditivo está ao lado da cama, ela deve perceber a movimentação no quarto, porque seus olhos voam para mim. Há algo diferente nela, como se estivesse receosa.

— *Você precisa comer.* — Sinalizo. Amy responde apenas balançando a cabeça em negativa, voltando a sua atenção para o livro. Sento-me ao seu lado na cama, roçando sua perna para chamar a sua atenção. — *Por que retirou o*

aparelho?

— *Minha orelha pesa.*

— Quero me desculpar por ter agido daquela maneira estranha quando a minha irmã veio me visitar. Eu só estava querendo proteger minha família. — Amy continua calada, seus olhos pousam no meu rosto estudando minha expressão. — *Por que você não fala comigo?* — Suas sobrancelhas franzem como se estivesse confusa, mas aos poucos seu rosto acende em compreensão. Amy tenta se levantar, mas eu a seguro no lugar, torcendo para que ela não me soque. — Não precisa ter vergonha de algo que é seu. — Sua atenção fica completamente concentrada em meus lábios, lendo cada palavra.

— *Você vai achar horrível.*

— Eu já ouvi, quando te encontrei na chuva. — Amy me encara com o olhar cético, deixando-me desconfortável, balanço a cabeça, soltando seu braço no processo. — Tome seu tempo.

Desço as escadas, deixando-a sozinha no quarto.

Amy

Estou tentando me convencer que fiz a escolha certa. Minha voz não é mais um segredo, no entanto, continua sendo minha vergonha. Mark saiu sem olhar para trás, parecendo completamente contrariado, eu podia ter falado com ele, mas hoje não é o momento certo. As memórias do que aconteceu há algumas noites ainda estão cruas. Ele disse que estava tentando proteger sua família, mas não entendo como sou uma ameaça para eles.

Talvez ele acredite que estou ligada à máfia, lembro de ele ter comentado algo sobre uma tatuagem antes de me levar ao estúdio. No entanto, isso não faz o menor sentido. Eu nunca tive contato com a máfia ou com qualquer pessoa naquele clube além de Carter. Só não entendo como posso ser uma ameaça, mas ter sua marca no meu braço.

Toco a tatuagem, sentindo a textura áspera contra minha pele como se ela fosse responder todas as minhas perguntas. Perguntas que aumentam cada vez mais, desencadeando um pico de ansiedade, onde não consigo controlar. Mark disse que os valores que ganho nas lutas são o suficiente para me manter com um estilo de vida elevado, se isso for verdade, então por que Carter ainda me mantém com ele? Andy me prometeu que com a dívida paga, eu poderia me libertar e a academia poderia voltar a ser dele.

Dois anos. Estou lutando violentamente sem a menor ideia de quando isso vai acabar, agora descubro que tudo pode ser uma ilusão. É a palavra de Carter contra Mark, qual deles mentiria para mim?

Coloco meu aparelho auditivo de volta na orelha, sem me preocupar em calçar os sapatos, desço as escadas em direção ao escritório de Mark sem me preocupar em bater. Seus olhos se levantam para mim com um pequeno vinco entre as suas sobrancelhas.

— *Por que eu sou uma ameaça?* — Não conseguiria falar nem se eu quisesse, minha respiração está ofegante, enquanto sinto uma pressão insuportável no meu cérebro.

— Por que você é uma ameaça? — Mark repete depois que ler a cartilha que fez para nós. Ele ainda não se acostumou com algumas palavras.

— *Sim.*

— Eu não sei...

— *Você disse que eu era uma ameaça, uma ameaça para sua família. Por isso as escondeu de mim, então, que tipo de ameaça eu represento?*

Bato-me interiormente quando sinto meus olhos pinicando pelas lágrimas não derramadas. Voltar a me sentir como uma inútil é o pior sentimento do mundo, quantas vezes chorei escondida enquanto falavam que eu era um perigo para as outras crianças, que eu não poderia assumir uma responsabilidade tão grande por ser incapaz.

— *Você é uma dinamite prestes a explodir, Amy.* — Eles repetiam sempre que eu me oferecia para ajudá-los.

Mark também pode pensar assim, afinal, sua irmã estava com uma criança e ele não quis que tivéssemos contato, porque, talvez, eu pudesse machucá-las.

— Você está indo rápido demais. Por que você não se senta um pouco? Já comeu alguma coisa?

— *Eu quero respostas.*

— Tudo bem. Venha aqui.

Ando com relutância até ele quando me pede para me sentar na sua cadeira. Olho nos seus olhos, tentando descobrir se ele realmente quer que eu me sente na grande cadeira de couro de onde ele se levantou. Ela é enorme e minhas pernas ficam balançando, estou me sentindo uma criança.

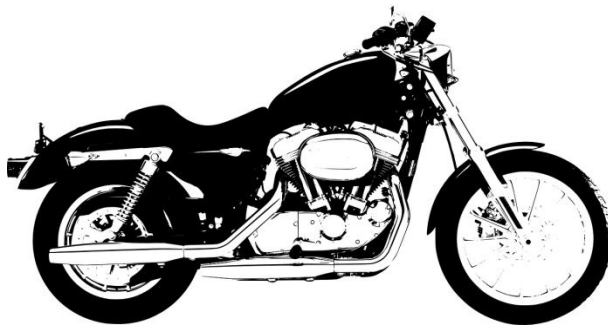
Mark prende o cabelo em um coque no alto da cabeça antes de se aproximar de mim, o cheiro da sua colônia atinge meu nariz, trazendo de volta as memórias de horas atrás. Ele coloca seus braços, um em cada lado do meu corpo, para poder ter acesso ao computador. Vejo seus músculos enrijecerem, deixando-me completamente distraída. Mark aproxima sua boca da minha orelha quando começa a falar.

— O clube que você estava está sendo alvo de investigação tanto do FBI como do MC.

— MC?

— Sim, o símbolo no seu braço é a marca do MC Silence Angels. Somos um clube legal de motoqueiros, onde lidamos com algumas situações criminosas, às vezes. Antes do novo presidente assumir, Michael era o responsável por todos os negócios, mas acabou se envolvendo com algumas coisas perigosas. A sua dívida com a máfia foi aumentando cada vez mais, para tentar se livrar, ele convenceu seu sobrinho a sequestrar a filha do presidente rival ao clube Silence Angels. Liam é o seu sobrinho, ele entrou imaginando que estaria vingando a morte dos pais, mas na verdade era apenas um pião em meio aos jogos. A garota que Liam sequestrou é a minha irmã, Ally, que estava aqui com a minha

sobrinha. Nosso pai estava tão perturbado pela morte da mãe dela, que acabou esquecendo a filha. A obsessão dele era tão doentia, que acabou sequestrando a irmã gêmea da mãe de Ally, Avery. Depois que descobrimos que Michael matou os pais de Liam, quando começaram a descobrir a corrupção, as verdades sobre o verdadeiro motivo do sequestro foram aparecendo. Michael nunca se interessou pela vingança ou por Avery, foi ficando claro que tudo sempre foi por dinheiro. Todo o plano para o sequestro era, na verdade, um plano de extorsão que falhou. Quando o clube do meu pai explodiu, Michael ficou foragido por todo esse tempo, até que te encontrei naquele clube. E adivinha? Você nos liga ao nosso inimigo. — No seu computador, Mark mostra a foto do homem que tornou a minha vida um pesadelo.



Capítulo 16

Mark

— Qual é a sua ligação com Michael, Amy?

Ela pega uma das folhas sobre a mesa e começa a escrever.

— *Nenhuma. Carter. Carter é o único que conheço, ele comprou o clube do meu pai adotivo por causa de uma dívida antiga. Eu luto para recuperar o clube. Pagar a dívida. Não Michael. Carter.*

— Carter? — Mostro a foto de Michael alguns anos mais jovem, pouco tempo depois que entrei no clube. A respiração de Amy começa a acelerar, toco seu ombro em sinal de conforto. Suas mãos começam a movimentar rapidamente.

— *Carter.* — Ela sinaliza.

— Não, esse é o Michael.

Sua cabeça balança em negativa, enquanto continua sinalizando o nome Carter.

— Ele é o Carter. — Suas palavras saem desesperadas quando deixam a sua boca. Apesar de toda confusão, um pequeno sorriso cresce no canto da minha boca ao ouvir sua voz novamente. — Carter.

Seus grandes olhos ficam em mim como se estivesse esperando minha reação.

— Carter. — Olho para a imagem no computador e tudo começa a fazer sentido. Liam Carter. Michael está usando o sobrenome de Liam para se esconder. Seguro os braços da cadeira, virando Amy e abaixando meu corpo até que nossos olhos estejam no mesmo nível. — Preciso que você me escute.

— Okay. — Seus olhos ficam na minha boca, olhando atentamente meus lábios.

— Micha... Carter é uma pessoa perigosa. Nós estamos falando de um assassino, ele matou o próprio irmão, porque não queria ser preso em uma investigação de tráfico humano. Ele desapareceu há um ano, agora sabemos que ele estava fazendo de você uma nova vítima. Há quanto tempo você o conhece?

— *Dois anos.*

Aceno, concordando. Faz sentido, provavelmente na mesma época em que Liam sequestrou Ally ele queria um plano ^B, e Amy era perfeita para esse papel. Aquele desgraçado filho da puta. Toco uma pequena cicatriz no seu supercílio, quando a encontrei estava sangrando muito, agora é apenas uma marca para lembrar. Olhando-a assim, fico me perguntando se ela tem outras cicatrizes em seu corpo.

— O que... — Sua voz falha, ela me olha constrangida e volta a gesticular. — *O que acontece agora?*

— Preciso avisar ao ^{MC}. Eu não posso te deixar sozinha aqui, vou te levar para casa da minha avó até resolver tudo com o clube. — Começo a guardar todos os papéis dentro das pastas, preparando-me para sair. Amy continua parada no lugar com sua atenção focada na tela do computador. — *Baby, precisamos ir.*

Amy segue no meu encalço, abraçada ao próprio corpo. Em vez de ir para a moto, vou para o carro querendo que Amy esteja confortável, principalmente depois do resfriado. Suas mãos batem compulsivamente contra sua perna. Mesmo não sabendo, Amy é uma testemunha. Uma testemunha que pode destruir tudo o que Michael construiu, se ela cair nas mãos erradas a sua vida estará em perigo. Ninguém vai acreditar que ela não sabe de nada, nem mesmo eu acreditei. Mas ela parece tão perdida quanto Ally ao chegar ao clube.

Paro em um restaurante *drive-thru* e peço um lanche rápido para Amy, já que ela não comeu nada hoje. Recebo um pequeno sorriso em agradecimento, ligo o rádio em uma música dos anos 80, enquanto ela come. Mas ela parece incomodada com o som, desligo o aparelho querendo deixá-la confortável. Temos uma longa viagem de quatro horas até a casa da minha avó. Amy come toda a comida ao mesmo tempo em que seus olhos observam a paisagem.

Quando chegamos ao nosso destino, ela parece cansada, mas a ansiedade parece ser maior do que a exaustão. Saio do carro, sentindo o cheiro de areia molhada e mato, *flashs* da minha infância passam pela minha mente quando olho para casa que foi meu lar por muito tempo.

Estou tão distraído com a cena à minha frente, que não noto quando Amy desce do carro até que sinto seu toque na bainha da minha camisa.

— Vamos entrar, você precisa conhecer Daphne. — Seguro o braço de

Amy, puxando-a atrás de mim, usando a chave reserva para entrar na casa, grito pela minha avó. — Estou em casa!

Ao fundo, escuto o barulho do liquidificador parando, então ela aparece vestindo um avental florido, o cabelo com mechas brancas preso em um coque apertado e o mesmo sorriso presente no rosto.

— Só não me diga que você sequestrou essa garota também — ela diz com uma sobrancelha erguida.

Amy olha para mim, desconfiada, sorrio para as duas antes de começar as apresentações.



Depois que Daphne está convencida de que Amy não foi sequestrada para o clube, ela me permite sair de casa, mas não antes de me levar para o jardim. A pequena coisa está na cozinha comendo um pedaço de bolo, por incrível que pareça, ela não protestou nem uma vez sobre nada desde que chegou aqui.

Minha avó observa meu rosto, com certeza em busca de alguma informação, no entanto, eu o mantenho sereno. Apoio meu cotovelo no teto do carro, observando a paisagem.

— Vocês fariam bons bebês.

— Oh, pelo amor de Deus. — Mais uma vez ela insiste nessa história de bebês.

Bato minha cabeça contra o teto, desistindo complementarmente da minha avó. Quem convive comigo está no céu comparado ao que minha avó é capaz de fazer.

— Isso nunca vai acontecer.

— Por que não? Vocês são jovens e bonitos...

— Vó, já tivemos essa conversa. — Pego as chaves do carro, querendo sair o mais rápido possível daqui.

— Você precisa viver mais um pouco, filho.

— Já tenho tudo o que preciso: uma carreira de sucesso, um trabalho que me diverte, amigos verdadeiros e minha família saudável.

— Isso não é o que Philip queria, quando você vai permitir que ele faça as próprias escolhas? O Philip, não o Mark. Ele também precisa lidar com as

consequências da vida, você não pode lidar com tudo sempre.

— Nós somos a mesma pessoa.

— Então, por que nunca mais o vi?

Suas palavras ficam ecoando em minha mente, enquanto ela beija meu rosto, despedindo-se, voltando para dentro da casa. Deixando-me sozinho com meus pensamentos. Chuto o pneu do carro, sentindo-me sufocado.

Amy

Daphne está sentada em uma cadeira de sol me observando regar as flores. Ela pode ser uma senhora um pouco exigente às vezes, igual minha avó quando estava viva. O bolo de laranja não ajudou muito a controlar minhas lembranças, apesar de estar desconfortável na casa de uma desconhecida.

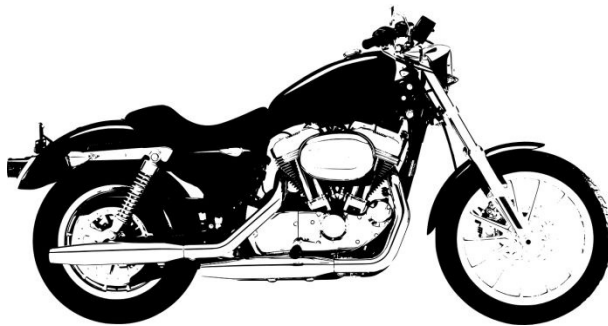
Depois que parece satisfeita com meu trabalho no jardim, ela me chama para sentar-me ao seu lado.

— Philip é o meu menino de ouro, ou Mark, como ele prefere ser chamado. Ele ainda não encontrou alguém forte o suficiente para segurá-lo enquanto ele quebra, mas um dia ele vai. Todos nós vamos, na verdade, não podemos ter medo disso, porque é um passo para cura. Uma ferida infectada não cura com pus, é preciso remover, fazer sangrar, assim acontece conosco. Precisamos sangrar para voltarmos a viver. Mark é frágil por pensar em ser forte demais.

Fico perplexa encarando seu rosto enrugado. Com os olhos fechados, ela inclina a cabeça para trás sentindo a luz do sol contra seu rosto. Desvio meu olhar para as flores, continuando em silêncio. Eu sabia que Mark tinha algo a esconder desde que o encontrei destruindo todo o seu escritório. Ele parece ser uma pessoa calma, controlada, mas uma aura escura está sobre ele como se estivesse prestes a explodir.

— Você consegue ouvir isso? — ela fala depois de alguns minutos. Olho com o cenho franzido, tentando descobrir se sua pergunta é uma brincadeira de mau gosto. — Nem sempre o silêncio significa solidão ou paz. Às vezes, ele só está querendo te dizer que você ainda pode sentir seu coração batendo, que ainda está viva.

Mordo meu lábio inferior sentindo a força das suas palavras, levo minha mão para o lado esquerdo do meu peito, sentindo a batida incessante do meu coração.



Capítulo 17

Mark

— A reunião é agora? — Aceno, entregando Suzan de volta para Ally. Estou na cozinha com elas desde que cheguei da casa da minha avó, estamos esperando Cash chegar. Mas ele parece satisfeito em atrasar o quanto puder. — Você confia nessa garota para mantê-la aqui?

— Ela esteve lutando pela vida nos últimos dez anos, acredito que mereça um voto confiança. — Começo a vestir meu colete, fugindo do seu olhar avaliativo.

— Liam está esperando você — Mandy anuncia.

Passo por elas beijando o topo da cabeça delas, sabendo que uma guerra está prestes a começar.



— Amy pode ficar no clube, mas você sabe como são as regras — Liam anuncia depois que expliquei a situação de Amy, onde Cash foi o único a votar contra.

— Ela não vai ser uma prostituta para vocês — rebato.

— Regras são regras — Cash ironiza.

— Você sabe que todas as meninas que estão protegidas pelo clube precisam trabalhar para nós, certo? — Franklin completa.

— Mandy não precisou “nos servir”. Amy também pode ficar na mesma posição que ela.

— Ally já cuida dessa parte. — Dex nos lembra.

— Cara, nós estamos precisando de bundas novas. Essa tal de Amy parece ser muito boa. — O idiota do Spiker sorri, então me pergunto por que esse idiota está aqui.

— Cale a boca, Spiker! — Liam grita. — Se você quer tanto proteger essa garota, por que não a assume como *old lady*?

— Ela não é minha *old lady*.

— Então ela vai ser uma prostituta do clube.

— Amy é diferente, ela não pode ser uma prostituta!

— Por que não, Mark? — Liam indaga.

— Ela não ouve, okay? Sua audição está prejudicada e não seria justo colocá-la nessa situação, quando não está cem por cento completa.

— Isso não é um problema nosso, Mark — Dex entra na conversa, tentando manter os ânimos.

Eu o ignoro, voltando a falar com Liam.

— Por que essa implicância toda com Amy, Liam? Ally e Mandy tiveram mais escolhas do que se vender em troca de segurança.

— Talvez porque ela estava confraternizando com um traidor?

— O sangue do inimigo corre nas minhas veias e nas de Ally, você tem algum problema com isso? — Sem esperar ele responder, saio batendo a porta atrás de mim com mais força do que necessário.

Ally, que está sentada na sala com Suzan deitada em um colchonete, olha assustada para mim. Beijo o topo da cabeça delas ao passar sem dizer uma palavra. Estou quase entrando no carro, quando Liam chama meu nome. Seu olhar está nervoso quando se aproxima de mim.

— Você confia nessa garota? — pergunta.

— Você pode apagar minha tatuagem com fogo se eu estiver errado.

Quando algum membro trai o clube, a tatuagem é queimada para fora do seu corpo. Dando exemplo para os demais permanecerem na linha.

— Traga-a aqui.

— Cash foi o único a votar contra. Sabe o que significa?

— Ele não vai participar da nossa conversa. Vou mandá-lo embora agora mesmo.

— Okay. — Volto para o carro, mas ele segura a porta antes que eu possa fechá-la.

— Como você consegue?

— O quê?

— Saber que sua irmã está entre nós e que podemos perdê-la a qualquer momento.

— Há dois tipos de pessoas no mundo, aqueles que te fazem sangrar e os que sangram por você. Adivinha em qual lado estamos? — Bato a porta do carro fechada, deixando-o sozinho.

Amy

— Não vai acontecer nada de mais. Só precisa responder algumas perguntas.

— Não. — Olho assustada para Mark, porque a última coisa que quero nesse momento é enfrentar um bando de motoqueiros furiosos que me consideram uma traidora. Não é ser covarde, apenas questão de sobrevivência. Nesse momento, minha vida está gritando para que eu corra o mais rápido possível. Mark volta a olhar para dentro do clube, provavelmente perdendo a paciência comigo. Eu também perderia, desde que chegamos no clube, tudo o que tenho falado é não. Ele não pode me culpar, já que fez questão de esconder essa informação importante quando saímos da casa da sua avó.

— Ratinha, por favor. É para o seu bem.

Semicerro meus olhos para o apelido. Olho por cima do seu ombro para o clube, até que de perto não parece ser muito assustador. Há várias motos na entrada e as janelas são cobertas por um vidro escuro. Mordo meu polegar, analisando minhas opções, se as pessoas que me esperam lá dentro são como Mark, eu poderei derrubar dois antes de ser contida se as coisas ficarem muito feias. No entanto, se estiverem armados, um tiro na minha cabeça eliminaria todas as minhas chances.

Os olhos de Mark parecem verdadeiros quando pedem para confiar nele. Ele não tem nenhuma obrigação de me proteger, mas em quatro semanas ele fez mais para mim do que alguém fez nos últimos dez anos.

— Não vou falar com ninguém. — Seu rosto parece aliviado quando respondo.

— Você só precisa acenar.



Homens. Homens de todos os tipos e tamanhos. Altos, magros, fortes, musculosos, sérios, sorridentes. No entanto, apenas um chamou a minha atenção, ele está sentado na cabeceira da mesa, seus cabelos pretos como carvão, a pele bronzeada e seus olhos analisavam cada movimento meu como se estivesse em busca da minha alma.

Eu não queria parecer fraca diante dele, então apenas o encarei até que seus lábios se curvaram em um sorriso. Ele comentou algo com o cara ao lado,

mas não consegui ouvir por causa do burburinho que gerou com a minha presença. Eram muitas vozes falando ao mesmo tempo, eu não conseguia identificar de onde vinham. Minha cabeça começou a doer e minha orelha a pesar, causando uma sensação de desconforto e ansiedade. Minha pele começou a pinicar em uma ardência, como se quisesse pegar fogo.

Inconscientemente, aperto a mão de Mark com força quando a sensação de sufocamento tenta me impedir de respirar. Ele deve sentir meu desespero, pois sua voz reverbera pela sala em um grito forte pedindo silêncio a todos. O cara que chamou minha atenção ergue uma sobrancelha para Mark antes de cobrir o sorriso com um punho.

Mark me guia para uma cadeira na ponta da mesa, onde fico de frente para o cara de cabelos escuros. O silêncio é reconfortante, mas nem um pouco calmante quando meia dúzia de homens a encaram como se você fosse um pedaço de carne. Olho para minha calça jeans preta, regata cinza e a jaqueta de Mark tentando entender o que está os deixando tão “animados”.

— Ela não pode ouvir completamente. — Levanto o olhar das minhas roupas para encarar Mark, que está encarando o homem na outra ponta da mesa. Ele coça o queixo, olhando-me com os olhos semicerrados.

— Quantos anos ela tem?

— Vinte.

— Onde estão seus pais?

Cerro meus dentes quando me lembro que esqueci, pela primeira vez, o aniversário de morte dos meus pais. Eu esqueci dos meus pais.

— Nós já passamos por essa pergunta. Mostre logo o tablet para acabarmos com isso, Liam.

Enxugo a lágrima solitária que escorre disfarçadamente quando o cara que está interrogando se levanta e vem até mim. Seus olhos escuros ficam nos meus, mas eles não parecem mais acusatórios. A imagem do mesmo homem que Mark mostrou horas atrás aparece na tela.

— Você trabalhava pra ele?

— Ela *paga* uma dívida pra ele — Mark diz depois que escrevo minha resposta.

— Qual valor dessa dívida?

— O valor do imóvel. Amy precisava lutar para garantir o imóvel de volta para seu pai adotivo.

— Onde ele está?

— Desapareceu depois de ter dado o imóvel como garantia. — Os dois começam a se encarar em silêncio, enquanto aperto minhas mãos fechadas querendo controlar minha respiração.

— Quantas lutas você ganhou? — Liam volta a perguntar.

— Todas.

— Como posso saber se você não está mentindo?

— *Eu estaria morta se tivesse perdido.*

Mark demora um pouco para interpretar, o que faz com que Liam nos olhe com curiosidade. A sala fica extremamente silenciosa que chego a me perguntar se meu aparelho parou de funcionar. Não estou mentindo quando disse que se perdesse uma luta eu morreria. Essa regra não valia para todos, apenas para mim, porque Carter era o meu chefe. Suas palavras eram: *perca um centavo meu, que arrancarei pessoalmente suas vísceras*. A facada que recebi na última luta foi apenas um lembrete de que eu estava enfraquecendo e ele estava de olho.

Eu literalmente lutava pela minha vida todos os dias.

Mark

Demorei a aceitar que Amy estava falando sério sobre ser morta caso perdesse uma luta. Mas o estado que a encontrei só comprovou suas palavras. Ainda não consigo entender como ela conseguiu sobreviver tanto tempo em meio a isso sozinha.

— Nós vamos pagar sua dívida, mas você vai lutar para o clube.

— Não — protesto, mas sou cortado pela mão erguida de Liam, que olha diretamente para Amy quando volta a falar.

— Você vai ser responsável por ensinar nossas meninas a lutarem. Acha que dá conta disso?

Olho para Amy, preocupado que estejamos forçando algo, mas um grande sorriso nasce em rosto enquanto acena repetidas vezes, concordando. Apesar de preocupado, respiro aliviado por vê-la feliz, no final de tudo, talvez não seja uma má ideia. Ela vai ter contato com outras garotas, o que pode ajudá-la a se comunicar.

Amy olha para mim empolgada, mas se repreende ao notar os membros presentes na sala a observando.

— Será que existe alguém no clube que não tenha uma história fodida?
— Frank pergunta, quebrando o silêncio.

Todos riem da sua encenação de limpar uma lágrima falsa no seu rosto. Nós sabemos que no fundo está falando sério, nossas histórias são dramas perfeitos dignos do Nicholas Sparks, no entanto, alguns tiveram um final feliz.

— Todos estão dispensados, menos Amy e Mark. Temos alguns assuntos para resolvermos.

Os membros começam a se retirar, arrastando as cadeiras no piso ao se moverem para sair. O barulho irritante parece ser angustiante para Amy, que leva uma das mãos à orelha, fechando os olhos. É preciso tudo de mim para não gritar com eles, mas transformar Amy no meu ponto fraco não é uma escolha sábia.

Quando a sala volta a ficar em silêncio, Liam nos chama para nos sentarmos na parte lateral da mesa com ele ao nosso lado. Amy parece mais confiante observando toda a mobília com cuidado.

— Por que ela está usando seu *patch*? — Liam sussurra.

Ele deve ter notado o aparelho auditivo na orelha esquerda de Amy, o que significa que a direita está prejudicada. Liam teve o cuidado de perguntar

apenas quando a orelha direita dela está virada para nós para que ela não escute algo que não deva.

— Ela estava com frio. — Não é uma mentira, saímos de casa muito rápido, o que não ajudou muito quando o clima resolveu mudar de repente. Sem tempo para procurarmos algo no quarto de Amélia, apenas entreguei meu *patch*. Talvez a minha mente estivesse querendo deixar um recado para os integrantes do clube, marcando-a como minha. Ela não precisa de mais confusão na sua vida com os membros do clube.

Liam volta a fazer perguntas sobre sua vida, mas sem citar a ligação do seu pai com o clube. É a forma dele de testar se Amy está falando a verdade. Muitos podem não gostar da atitude de Liam, mas ele só está exercendo seu papel como presidente. Não estamos falando de uma pessoa que lida só com produtos ou mercadorias, há pessoas que dependem dele. Vidas estão em suas mãos, um passo errado e todos estarão condenados a algo pior do que a morte.

Com os braços cruzados sobre o peito, observo a interação dos dois. A postura de Amy é muito mais relaxada do que quando chegamos aqui, o que me faz perceber que minha avó infelizmente pode estar certa.

— *Se ela não é importante para você, então por que a trouxe aqui?*

Mesmo sem eu querer, Amy parece estar se tornando uma parte da minha vida, só espero que minha avó esteja errada quanto a isso.

Amy

— Você está bem em ensinar? — Mark pergunta quando entramos no carro.

Começo a sinalizar, mas paro ao notar que Mark não está prestando atenção em mim. Toco seu ombro, querendo chamar sua atenção, no entanto, continuo sendo ignorada. Repito várias vezes até que escuto sua voz.

— Se quer falar comigo, você precisa falar.

Meu sangue começa a ferver dentro do meu corpo, o que faço a seguir é completamente idiota, no momento em que o carro para no sinal, meu punho se choca com toda força contra seu ombro.

— Porra, garota! Isso dói.

Sorrio satisfeita enquanto o observo massagear seu ombro, voltando minha atenção para o para-brisa. Seguimos nossa viagem em silêncio, em determinado ponto acabo dormindo, quando acordo a lua já está no céu e Mark fora do carro. Desço, caminhando distraída atrás dele, por isso sou surpreendida quando ele se vira para mim, jogando meu corpo sobre seu ombro, batendo com toda força em minha bunda. Tento reprimir meu grito, mas é impossível com a dor latejante no lado esquerdo da bunda.

— Foda-se, Mark!

Ao contrário do que eu imaginava, a reação dele é completamente diferente. Seu corpo treme tanto com riso, que ele precisa se curvar comigo ainda em seu ombro. O aperto é forte contra minhas coxas, o que me deixa mais segura na minha posição. Fico imóvel com medo que qualquer movimento que faça nos desequilibre, jogando-nos no chão. Eu o espero abrir a porta, imaginando que vá me deixar no chão, mas ele começa a andar pela casa comigo em seu ombro. Começo a bater em suas costas quando para em frente a geladeira, tento olhar por cima do ombro para ver o que ele está fazendo enquanto fecha a geladeira novamente, andando até o balcão.

— Mark! — grito, ignorando qualquer desconforto que minha voz possa trazer.

Ele é um cara grande, apesar de eu não pesar muito, acredito que nenhuma pessoa consegue ficar tanto tempo carregando outra.

— Só vou te soltar quando você falar comigo em palavras. — Ele deve estar falando muito alto para que eu possa ouvir.

— Mark!

— A vista daqui é muito boa. — Ele bate delicadamente na minha bunda quando termina de falar. O sangue corre para o meu rosto, não só pela minha posição, mas por seu toque e palavras. — Quer sanduíche?

Nunca perdi nenhuma luta, mas já estou à beira de um ataque se continuar nessa posição por mais tempo.

— Eu falo com você!

Satisfeito, Mark escorrega meu corpo com cuidado pelo seu até que meus pés estejam firmes no chão. Assim que isso acontece, avanço em sua direção decidida a tirar o sorriso no seu rosto com um soco. Suas mãos interceptam meus golpes e algo inesperado acontece.

Mark puxa meu corpo para o seu, trazendo sua boca até a minha em um beijo profundo. Demoro alguns segundos a corresponder pela falta de experiência, mas Mark não parece ligar para isso, pois seu beijo se transforma em algo calmo e tranquilo, como se me dissesse sem palavras como beijá-lo. Levanto-me na ponta dos pés, puxando seu pescoço, querendo que o beijo continue para sempre.

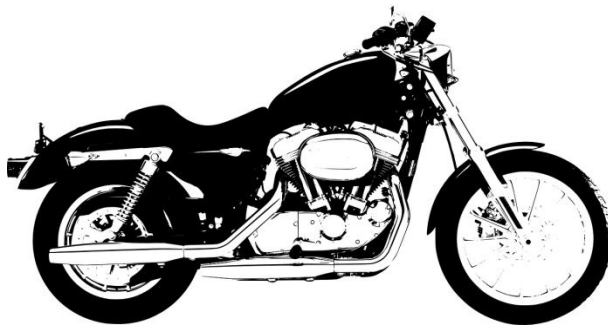
Ele deve ter entendido meus sinais, pois levanta meu corpo pela cintura, colocando-me em cima do balcão. Seu corpo entre minhas pernas, suas mãos correndo pela minha cintura, puxando-me ainda mais perto dele. Em um momento de desespero, continuamos nos beijando sem parar para respirar ou para lidar com as consequências. Apenas ligados pelo desejo. Corro minhas mãos por debaixo da sua camisa, arranhando suas costas quando seus dentes afundam em meus lábios, causando um choque elétrico pelo corpo, que clama por algum tipo de atrito.

Há vários sinais dizendo o quanto isso é errado, mas meu corpo só está em busca de alívio. Levanto sua camisa, ele me ajuda a tirá-la, deixando seu torso completamente livre, corro minhas mãos por sua pele quente e reconfortante. Mark segue o exemplo, começando a tirar minha camisa, mas ele congela quando olha para algo atrás de mim.

Mark começa a abaixar minha blusa, cobrindo meu corpo, tento olhar para o invasor, mas ele me abraça, impedindo meus movimentos, apontando para algo atrás de mim, sua expressão se torna mais relaxada quando me desce do balcão. Seus lábios beijam os meus uma última vez antes de voltar a falar.

— Preciso que você fique no andar de cima e não desça até que eu vá te buscar. Okay? — Aceno sem questionar, não confiando na minha voz para falar. Meus lábios estão inchados e meu corpo trêmulo. — Aqui, caso você sinta fome. — Pegue o prato com sanduíches e um copo de suco que estava no balcão antes

de correr de volta para o quarto.



Capítulo 18

Mark

Observo Amy subir as escadas para garantir que ela não vai escutar nada do que acontecer aqui embaixo, quando desaparece, invado meu escritório batendo a porta com mais força do que o necessário.

— Como você conseguiu entrar aqui?

Roger está em pé observando os livros na estante como se estivesse em uma exposição de arte. Não tenho a menor ideia de como conseguiu invadir, olhar para seu rosto marcado pelo desprezo observando-me com Amy foi a mesma sensação de quando mostrava meu boletim escolar e era ignorado por causa de um B. Ele nunca foi convidado a entrar na minha casa, a única pessoa que possui a cópia da chave é Amélia, ela não seria capaz de uma traição dessas.

— Sua mãe teve um ataque de pânico na hora do jantar, aproveitei a distração de Amélia para pegar a chave. Você sabe como sua irmã gosta de destacar tudo.

— E o código?

— Você parecia muito distraído na cozinha para ter se lembrado de ativar o alarme. — Falha minha. — Você não perguntou por que sua mãe teve um ataque de pânico, mas vou dizer mesmo assim. As ex-prostitutas de Bennet foram até a boutique ameaçá-la, acusando-a pela morte dele. Sua mãe não sabia que ele estava morto.

— Não sei como isso tem ligação comigo. — Cruzo os braços sobre o peito, sentindo-me consciente da minha nudez.

— Sua mãe quer um enterro digno para aquela pobre alma.

— Vai permitir que sua esposa enterre o homem que a deflorou, deixando um filho bastardo para cuidar?

— Fazemos coisas que duvidamos pela mulher que amamos.

Não vou mentir que essa frase não me pegou de surpresa. Nunca imaginei que Roger seria capaz de amar alguém, muito menos minha mãe.

— Como isso me envolve?

— Preciso que você me diga onde está o corpo.

— Em alguma cova rasa ou soterrado debaixo dos escombros do seu clube. — Dou de ombros. — São muitas opções.

Sim, eu não ligo para a morte do meu pai. Uma vez me importei com ele, foi muito antes de saber da existência de Ally e todas as atrocidades que ele cometeu. Estava planejando sair do Silence Angels para assumir o poder ao seu lado. Bennett estava orgulhoso que seu filho estava de volta ao lugar que pertencia, no entanto, ele não imaginava que eu seria contra todas as suas ações. Principalmente da existência de Avery presa em um cativeiro e seu interesse na fortuna de Ally. Retirar Ally de lá foi mais fácil, mas Avery precisava de um pouco mais de cuidado, não podia alarmar para que não a tirassem do esconderijo, por isso esperei alguns anos para envolver Liam nessa história. Não posso ganhar crédito sozinho, Michael meio que deu o pontapé inicial quando criou Liam para se vingar do Bennet e do clube, eu apenas modelei a situação.

Nenhum dos envolvidos sabem realmente da minha ligação com o sequestro, Liam sabe que facilitei sua aproximação com Ally. Nunca deixaria ninguém se aproximar dela se não fosse de confiança. Mas há muito mais por trás disso, coisas que estou disposto a esquecer a qualquer custo.

— Sua mãe está sofrendo, estão culpando-a pela morte dele. Elas a ameaçaram ontem, você consegue ver a gravidade?

— Ele está morto há um ano, não tem razão para demorarem tanto para se vingarem.

— Você é o filho que traiu o clube. Eles encontraram uma maneira de te atingir.

Cerro minha mandíbula quando sua acusação me atinge. Roger pode estar certo, apesar do clube ter sido destruído e novas pessoas assumirem, existem muitos membros que foram expulsos quando não aceitaram o acordo de serem legítimos com Liam. Eles nunca passaram pela minha cabeça, até hoje.

— Mais alguma coisa? — Tento parecer indiferente.

Roger olha ao redor do meu escritório como se estivesse analisando o ambiente.

— O lugar é mais decente do que imaginava. Pensando bem, você não

foi uma total perda de tempo assim.

Ainda parado no lugar, escuto seus passos desaparecendo pelo corredor. Quero dizer que suas palavras não me atingem ou que cresci tornando-me um homem forte, que sua opinião é irrelevante para mim. Mas não, eu não sou assim. Mark pode ser livre, sem amarras, onde nem mesmo as palavras o atingem, mas Philip não é assim. Ainda somos aquele garoto de dezenove anos com o coração quebrado após ter o mundo puxado dos seus pés.

— Só uma moto? Você com certeza não é meu filho. — Meu pai explode no meio do jantar.

Não era a minha intenção deixá-lo irritado, na verdade, pensei que ficaria orgulhoso por ter comprando algo para mim com o dinheiro que consegui economizar durante o verão. Observo as mãos da minha mãe começarem a tremer, enquanto abaixa a cabeça, colocando o guardanapo ao lado do prato. Minha irmãzinha Amélia se retrai, observando a cena à sua frente. Está cada vez mais comum meu pai demonstrar seu desgosto por mim nas reuniões de família, só não consigo entender o porquê, principalmente quando faço tudo para ser aceito por ele.

— Roger... — Minha mãe tenta intervir.

— O quê? Já está na hora de ele saber de quem é filho, não aguento mais esse bastardo me chamando de pai.

Dizem que você não pode sentir seu coração quebrar, então, por que a sensação era como se estivessem partindo-o ao meio? Por que senti como se estivesse morrendo?

— Mãe? — A esperança de que tudo fosse uma mentira foi perdida no momento que as palavras começam a sair da sua boca.

— Me desculpe, filho. Me perdoe, por favor.

Não consigo mover meu corpo, meu olhar continua no rosto molhado da minha mãe, observando seu corpo curvar pelos soluços. Olho para meu pai, que tem o sorriso satisfeito no rosto.

— O que está acontecendo aqui? — Amélia representa muito bem minhas palavras, assim como ela, eu não tenho a menor ideia do que está acontecendo. Minha mente está completamente nublada, meu peito está acelerado e minha respiração pesada.

— Eu não sou seu pai, Mark. Meu primo Bennet que é. — O motoqueiro criminoso que todos evitam falar, a escória da família. Aos poucos, tudo vai fazendo sentido. Seu desprezo, sua raiva por mim, e como nunca me tratou como

um filho de verdade. Levanto-me da mesa com cuidado, sentindo-me um pouco atordoado por toda essa comoção. — Aonde você vai?

— Para o meu quarto...

— Eu quero você e aquela moto longe da minha casa, seu bastardo inconsequente!

Amy

Caio na minha bunda, assustada, quando Mark se levanta de uma vez do sofá. Estive nas últimas oito horas sentada ao seu lado, no sofá, observando sua respiração. Amélia disse que em longos períodos de estresse, Mark pode dormir profundamente, uma forma do seu corpo tentar se recuperar da insônia e estresse. Nunca conseguiram um diagnóstico verdadeiro para o seu problema, apenas o tratam como uma insônia profunda. O uso de medicamentos diminuiu os sintomas se ele os tomar corretamente.

Ontem à noite, depois que fui para o quarto, esperei por várias horas até descer, só para encontrá-lo deitado no sofá do seu escritório. Terminei de fechar toda casa antes de voltar e me sentar ao seu lado. Minha vontade era de ligar para Amélia, mas não queria fazer nenhum alarde. Então me sentei e esperei, até que adormeci, acordando sobressaltada. Agarro o braço do sofá para me levantar, olhando para ele com cuidado. Mark passa as mãos no cabelo, parecendo um pouco atordoado, nossos olhos se encontram e suas sobrancelhas franzem.

— O que você está fazendo aqui?

— Você estava dormindo, queria saber se estava bem.

— Pode vir aqui? — Levanto-me com cuidado do meu lugar no chão, caminhando até ele, fico em frente a ele e sou surpreendida quando puxa meu corpo para sentar no seu colo, prendendo-me em um abraço profundo. — Só me abraça, por favor.

Mark

Comprimo meus olhos fechados, esperando o desconforto após meu sonho desaparecer, dormir já não é uma tarefa fácil e quando isso acontece sempre vem acompanhado de algum pesadelo ou lembranças que prefiro esquecer, mas que sempre voltam. Elas sempre voltam. Abraço o corpo de Amy mais apertado, sentindo o desconforto indo embora, assim como ontem durante nosso beijo, mesmo sem querer, sua presença me deixa em paz.

Suas pequenas mãos movem-se pelos meus cabelos em um gesto reconfortante. Respiro fundo, sentindo seu cheiro pela última vez antes de colocá-la no chão.

— Você quer mesmo trabalhar para o clube? — Seus olhos brilham com minha pergunta, afirmando com um aceno. O que me deixa decepcionado, pois queria ouvir sua voz mais uma vez. Pego meu celular na mesinha à procura de alguma mensagem importante. — Dormi por quanto tempo?

— Oito horas.

Olho para Amy, que encara o chão, envergonhada. Não sei o quanto sua voz a incomoda, mas não quero que ela sinta vergonha de algo que é lindo.

— Obrigado por falar comigo.

Seus olhos encontram os meus, acena levemente e começamos a andar em direção à cozinha. Ela congela na porta da cozinha, dando alguns passos para trás, esbarrando no meu corpo no processo. Olho por cima da sua cabeça para a minha camisa de ontem jogada ao chão.

Não sei onde minha cabeça estava quando a puxei para beijá-la, era como se meu corpo tivesse vida própria. Limpo minha garganta sem saber o que fazer diante dessa situação. Aperto minha mandíbula, porque não quero acreditar que estou atraído pela pequena lutadora à minha frente. Eu não tenho um tipo. O meu tipo são as mulheres, mas parece que meu companheiro de viagem está começando a ter preferências por baixinhas raivosas.

— Podemos não falar sobre isso — ofereço.

— Concorde.

Começamos a fazer nossa rotina no café da manhã deixando minha camisa de lado, sem nunca a tocar ou mencioná-la. Cinco minutos depois estamos em silêncio, comendo nossas panquecas quando decido trazer à tona um assunto delicado.

— Daqui a duas semanas é o Natal. — Amy olha desconfiada, mas

continua comendo. — Amélia está organizando um jantar, eu gostaria que você fosse.

Prometi para Amélia que iria participar uma última vez, mas depois de ontem entendi que não posso fazer isso sozinho. Voltar atrás não é uma opção, levar uma das prostitutas do clube muito menos. Amy parece ser a opção mais viável, sem contar que sua presença me acalma. Ela larga o garfo ao lado do prato, olhando para suas mãos. Observo suas mãos atentamente, esperando-a sinalizar, mas me surpreende ao começar a falar.

— Por que eu? Eu... eu... não sei como agir com as... pess.. oas. — Sua voz falha algumas vezes enquanto fala, como se não fosse acostumada a usá-la. — Não quero... que... você sinta vergonha de mim.

— Por causa da sua voz?

— Sim, não, quer dizer... você foi a primeira pessoa a falar comigo em dez anos. A que realmente quis me ouvir.

— E seu pai adotivo, vocês não se falavam?

— O único interesse dele eram as lutas. Existem maneiras de ensinar a lutar sem precisar falar.

— É assim que você pretende ensinar as meninas a lutarem? — Ela dá de ombros, voltando a mexer na comida do prato. — Quem é você, Amy? — Volto a repetir a pergunta, esperando uma resposta dessa vez.

Seus olhos brilham com lágrimas não derramadas pela primeira vez desde que a conheci.

— Apenas uma garota solitária. E você?

— O cara que quer te fazer companhia. — As palavras saem da minha boca sem que eu consiga me parar, é quando percebo que Philip encontrou alguém por quem ele acha que vale a pena lutar.

Amy

Mark começou a fazer perguntas sobre o acidente que matou meus pais e de como foi meu tempo nos lares adotivos. Na verdade, não tinha muito o que falar. Minha vida foi bastante simples e solitária, eu não tinha notado isso até hoje. Assim que as palavras saíram da minha boca, comecei a sentir o peso da verdade.

Por mais que eu tente falar ou me comunicar com o mundo, é como se uma barreira fosse colocada à minha frente. Minha mente começava a entrar em pânico só de pensar em falar com um desconhecido, minha voz era extremamente baixa e isso limitava minha comunicação. Eu não conseguia diferenciar os sons da minha voz para adequá-la ao ambiente. As pessoas não tinham paciência ou zombavam de mim, o constrangimento era maior do que a vontade de me comunicar. Ficar em silêncio enquanto observava as pessoas foi a maneira que encontrei para sobreviver. Comecei a imaginar, dar vida às pessoas que observava. O que fariam depois que saíssem do trabalho, encontrariam a sua esposa, filhos? Ou ficariam no apartamento deles, solitários, amargurados com a vida? Era divertido imaginar, ao mesmo tempo triste, porque não poderia fazer o mesmo para mim.

— Como era seu relacionamento com seus pais?

— Eles eram bons pais. — Levanto-me para começar a lavar os pratos, Mark me segue, ficando encostado ao lado da pia. — Até que meu pai conseguiu um novo emprego, acho que era em algum lugar perigoso, porque minha mãe sempre surtava. Foi assim que nossa família começou a desmoronar. As brigas começaram a se tornar violentas, até que chegou um ponto onde...

— O quê?

Fecho meus olhos quando as lembranças daquele dia começam a voltar.

— Eu... eu... — respiro fundo. — Nos meus sonhos, é... é... como se meu pai tivesse jogado o carro da ponte.

Começo a enxugar as lágrimas que descem pelo meu rosto. Nunca compartilhei isso com ninguém, mas enquanto o carro afundava, os olhos do meu pai ficaram presos nos meus pelo retrovisor até que invadiram o carro, tirando-me de lá. Quando voltaram para o salvar, o carro já estava muito fundo para alcançarem.

— Ei, ei, venha aqui. — Meu corpo começa a tremer quando Mark me abraça. — Não precisamos mais falar sobre isso.

Mark

— Informação interessante — Liam comenta do nosso lugar atrás da porta de vidro da academia.

Ally e Mandy estão no tatame, enquanto Amy demonstra alguns golpes de defesa pessoal. As meninas não parecem incomodadas com o silêncio de Amy, o que é um alívio para mim.

Depois de escutar toda a história da sua vida hoje de manhã, o sentimento de culpa permaneceu comigo pelo resto do dia por ter desconfiado do seu caráter. As informações que ela passou batem com as que Josh investigou, o que pode facilitar nossa jornada atrás de Michael.

— Há uma possibilidade da ligação dela com Michael ser muito mais do que a dívida com Andy.

— O pai dela era o contador que roubou cem mil do clube?

— Sim, dias antes do acidente.

— Será que a dívida que Michael cobra é dessa quantia? — Liam acena para Ally, que está dentro da academia, quando ela fica nos observando com o cenho franzido. — Andy era um dos membros do clube na época. Há uma chance de eles terem armado para ela.

— Josh não conseguiu nenhuma informação da conta bancária dela, se Rob tiver feito a transferência para seu nome há uma chance de Amy ser dona de uma boa quantia de dólares.

— O que nos leva a Michael e sua obsessão por dinheiro. Você sabe onde está Andy?

— Amy não mencionou muito sobre isso, apenas que ele a ensinou a lutar.

— Ele fez muito bem. — Volta a olhar para Amy, que se move perfeitamente em cada golpe, como se seu corpo fosse preparado para isso. — Precisamos encontrá-lo para começar a montar nosso quebra-cabeça.

Minha atenção volta para meninas, Mandy deve ter feito algum comentário, pois Ally inclina a cabeça para trás rindo, enquanto Amy contrai apenas o lábio em um pequeno sorriso. Todo o seu corpo contrai quando ela se fecha diante dos meus olhos, sua expressão corporal está na defensiva. Ally tenta falar com ela, mas recebe apenas um aceno em troca. Meus olhos ficam presos quando começo a entender sua forma de agir, completamente fascinado por essa garota.

— Se eu não te conhecesse, diria que você está apaixonado.

Não tenho tempo de responder, porque Liam invade a academia, deixando-me sozinho com meus pensamentos.

Eu não posso estar apaixonado. Ou posso?



Capítulo 20

Amy

Olho com o canto do olho para Mark sentado na outra ponta da mesa acompanhado por mais duas garotas. Não posso negar que elas são bonitas, o tipo de garota que chama atenção por onde passa. Não só por suas roupas, mas como se expressam. Os caras ao redor da mesa, tirando Liam e Dex, que descobri que são maridos da Ally e Mandy, respectivamente, são os únicos que não parecem enfeitiçados por elas.

Mark parece bem entretido com o que elas estão falando ou elas que estão. Não dá para entender, o riso histérico é bastante incômodo para prestar atenção. Por essa reação, retirei meu aparelho auditivo enquanto comia. O lugar estava muito barulhento para que eu conseguisse entender o que estavam falando, então apenas me entreguei ao silêncio que estou acostumada. O silêncio sempre é bem-vindo em momentos de aflição. A vontade de ir embora era grande, mas decidi ficar pela comida.

Não sei em qual momento Mark veio até mim, mas de repente ele estava ao meu lado afastando o meu cabelo para colocar o aparelho na minha orelha. A ponta dos seus dedos causa arrepios no meu corpo e me faz virar na sua direção.

— Olá. — Seus lábios contraem em um sorriso, desvio meu olhar para seus olhos antes de me concentrar na comida.

Mark se ajeita na cadeira antes de colocar o braço no apoio da minha. Escuto sua voz quando começa a falar com as pessoas ao redor da mesa, alguns sorriem divertidos com suas provocações, enquanto outros o ignoram.

A interação entre eles é aconchegante, no entanto, eu me sinto isolada por ficar de fora. O aparelho me permite ouvir apenas de um lado, o que significa que o outro lado é composto apenas por um zumbido distante. Tentar participar da conversa é impossível, não é como se eu fosse falar à vontade com eles. Sim, eu sou antissocial, fico me lamentando no poço da minha autopiedade, mas não sou menos por isso. Apenas não aprendi a lidar com minhas limitações. Tudo acontece no seu tempo e sei que um dia irei encontrar o meu.

Há uma parte minha que está ansiando pelo dia que não terei vergonha da minha voz, onde poderei gritar a plenos pulmões sem estremecer pelo som estridente, muito menos ficar envergonhada com os olhares tortos na minha direção. Minha voz não será mais um ponto fraco, ela vai ser a minha liberdade. Em breve, minha voz vai me levar para lugares inimagináveis.

Até lá continuo com a minha cabeça baixa evitando as pessoas ou discussões em grupos. Escrever ou assinalar é muito mais seguro no momento. Levanto os olhos do meu prato, observando os rostos sorridentes de cada um, nesse momento minha mente viaja para minha imaginação, onde tento descobrir, apenas pelas expressões corporais, o quanto eles são felizes. Liam e Ally parecem presos em sua pequena bolha de amor, com a filha no colo dele, eles mantêm uma conversa tirando sorrisos da pequena bolinha em seus braços. Mandy parece entretida com a conversa de Mark, enquanto a atenção de Dex é toda voltada ao seu filho. Há uma pequena disputa entre as mulheres pela atenção dos homens ao redor da mesa, enquanto eles parecem distraídos com os celulares ou presos em seus próprios mundos, completamente distraídos.

Já Mark, bem, Mark é como um cubo mágico cheio de fases. Quase como se ele escondesse o seu verdadeiro eu, só não descobri o motivo de ele fazer isso na frente de seus amigos. Em poucos momentos em que parece distraído, seus ombros se curvam em desânimo, enquanto um pequeno vinco nasce entre suas sobrancelhas até que alguém se aproxima trazendo de volta o sorriso esperto. Eu não posso ser a única que presta atenção no seu comportamento, mas por que ninguém fez nada para libertá-lo dessas correntes?

— A comida não vai aparecer magicamente no seu prato se você ficar encarando-o. Acredite, eu já fiz isso — Mark fala na minha orelha.

— *Sério? Você destruiu meu sonho de infância.* — *Sinalizo.*

— Meu ombro está livre se você quiser chorar. — Pisca, tomando um gole do suco à sua frente. Prendo meu lábio com os dentes, impedindo o sorriso. Levanto-me da cadeira, andando até a pia. Mandy vem logo depois carregando alguns pratos, assim como as outras garotas, começo a lavá-los, enquanto Mandy enxuga e Ally guarda. As garotas, que Mandy denominou como prostitutas, escapam, deixando todo o trabalho para nós. Os homens voltam a fazer a guarda, ficando apenas Liam, Dex, Mark e as crianças.

Mandy começa a falar rapidamente, ao mesmo tempo em que Ally apenas balança a cabeça em resposta. É quando percebo que ela não é tão diferente de mim, talvez uma conexão possa nascer entre a gente, apesar de ainda ficar desconfortável ao lado dela depois que Mark a afastou de mim. Olho por cima do ombro para ele, que me observa atentamente com os olhos sérios, seu olhar fica preso ao meu a todo momento, até que sou obrigada a desviar o olhar só para encontrar Ally e Mandy nos observando, enxugo minhas mãos depois que termino o meu trabalho e volto a me sentar à mesa.

A chuva ainda está forte, o que significa que Mark não vai querer voltar para casa hoje. Mexo minhas mãos em um gesto nervoso, tentando me concentrar na conversa ao redor, eu poderia levantar minha cabeça e tentar ler os lábios de cada um, mas eu pareceria uma doida.

— Vem, vamos assistir a um filme. — Olho ao redor da mesa pela primeira vez, notando que estamos sozinhos e Mark está com a mão estendida esperando a minha reação.

— Não...

— Vai ser legendado. — Sem esperar a minha resposta, ele me puxa da cadeira, guiando-me ao redor da casa até a sala.

Os bebês estão dormindo no pequeno cercadinho, enquanto os pais ficam abraçados no sofá. Sobrou apenas uma pequena poltrona que não cabe Mark e eu juntos. Mas isso não parece pará-lo, ele me diz para me sentar enquanto fica entre minhas pernas no chão. Algo completamente diferente do que eu imaginava, mas que mexeu comigo de uma forma boa.

Estou tão entretida com o filme, que me assusto quando Mark se levanta abruptamente para abraçar um pequeno garoto que corre em sua direção. O sorriso no seu rosto é impagável, sinceramente, eu entendo o quão bom é receber um abraço do Mark. O filme é pausado, fazendo-me levantar os olhos da tela.

O casal que me acolheu no centro comunitário no primeiro dia que Mark me encontrou está aqui com as duas crianças – uma linda menina de cabelos

castanhos abaixo do ombro com suas dobrinhas de bebê e um menino um pouco mais velho com a mesma tonalidade de cabelos. A mulher de cabelos ruivos olha na minha direção rapidamente antes de desviar o olhar para voltar a falar com Ally.

Sou pega de surpresa quando sinto pequenas mãozinhas tocando minhas pernas para impulsionar seu corpo até meu colo. Aperto minhas mãos contra o braço da poltrona, totalmente rígida pela ação do invasor, olho para Mark em desespero sem ter a menor ideia do que fazer com uma criança, mas o olhar em seu rosto parece divertido.

Alguém deve ter falado com Mark, pois ele vira seu rosto em direção ao casal antes de dispensá-los com as mãos. O pequeno intruso fica de joelhos em cima das minhas pernas, tocando levemente meu rosto com as mãos, uma em cada lado.

— Dodói — ele fala ao tocar a cicatriz na minha testa.

Pela primeira vez, desde o acidente, eu esqueci de cobri-la. O gesto é inesperado, o que me deixa completamente sem reação, olho para seus grandes olhos me encarando, mas ele continua apenas tocando meu rosto, nem um pouco incomodado por não ser correspondido. Em vez de sair, ele se acomoda ainda mais no meu colo, puxando minha mão para começar a brincar com meus dedos. Olho para Mark em desespero, mas sua expressão continua neutra, volto o meu olhar para a sala, mas todos parecem entretidos, nem um pouco incomodados que há uma criança no colo de uma desconhecida.

— Dói? — ele pergunta, analisando as cicatrizes nos nós dos meus dedos.

Sim, já doeu, mas não mais. Andy ensinou a lutar sem faixa ou qualquer tipo de proteção, ele dizia que quando nos protegemos nos tornamos fracos. Sangrar e rasgar é a melhor maneira de nos manter forte.

— *“Não vai doer se estiver muito calejado para sentir”* — ele dizia.

Andy tinha razão, não dói mais, no entanto, não é um alívio. Uma vez ele fez questão de quebrar o meu dedo quando reclamei que minhas mãos estavam dormentes.

— *“Se você pode sentir isso é porque ainda não está boa o suficiente.”*

Suas palavras ecoam pela minha consciência até que volto a olhar para o belo menino à minha frente.

— Não, não mais. — Ele não precisa saber das dores por trás de cada cicatriz.

Mark

Engraçado como uma criança pequena consegue enxergar mais detalhes do que você é capaz. Até hoje, eu nunca tinha notado as cicatrizes nas mãos de Amy, mas Noah conseguiu enxergá-las. O seu olhar perdido procurando uma resposta para Noah me destruiu aos poucos, eu sabia que sua resposta era uma mentira e que aquelas cicatrizes não machucavam sua pele, mas sim sua alma.

Noah continuava acariciando as mãos dela, sorrindo de vez em quando para Amy. Quando pedi para que Noah desse um abraço nela, não imaginava que iria se apegar a ela com tanta facilidade. Mas o pequeno homem parece ter o dom de saber o que é bom.

— Noah, a Mandy vai fazer cookies. — Sua cabeça se levanta ao ouvir a voz da mãe, um sorriso abre em seu rosto com a menção da palavra cookies antes de ele pular do colo de Amy para correr atrás de Mandy.

Amy olha para o pequeno corpo correndo em direção à cozinha, ainda tensa, seus olhos voltam para mim parecendo completamente assustada.

— Acho que fui trocada por cookies.

Rio do seu olhar assustado antes de desviar para suas mãos.

— Não tinha notado que elas estavam aí. — Amy começa a esconder suas mãos, mas eu a impeço. — Você é uma lutadora.

— Era a minha sobrevivência.

— Isso não muda nada. — Sua boca se abre para falar, no entanto, o som se perde quando a porta é aberta e Collin aparece.

— Sua avó pode ficar com as crianças hoje?

Amy

Eu estou bêbada. Não, não uma bêbada qualquer, mas aquele tipo que começa a ver coisas que não deveriam existir. Em algum momento entre assistir a um filme e a chegada de Livie e Collin no clube, eles decidiram que seria interessante dar uma festa de última hora.

Sim, a ideia pareceu bem interessante, já que nunca participei de uma, mas agora tudo o que consigo ver é Mark. Dos mais variados tipos. Meu olhar está vidrado à minha frente, tanto que quase não noto quando Mandy aparece com um copo com uma substância desconhecida para mim.

Ally e Livie estão ao meu lado conversando, mas eu estou completamente distraída fazendo a missão da minha vida de ingerir o líquido restante do copo. Minha visão está nublada para tentar ler seus lábios e meu aparelho está desligado por causa do barulho das músicas. Eu estou no meu momento perfeito de silêncio e alucinação.

Tocam meu ombro, viro-me para encontrar Mandy apontando para alguém atrás de nós. Mark está nos encarando com uma garrafa de cerveja nos lábios e o olhar franzido, a garota ao seu lado tenta alcançar seu pescoço, mas ele a afasta. Essa visão me faz querer vomitar, mas o álcool está muito bom para desperdiçá-lo rapidamente. Balanço meu copo pedindo mais, grata por Ally começar a entender os meus sinais. Elas não me forçaram a falar ou me rejeitaram por não consegui me comunicar, na verdade, elas acolheram como se eu fosse como elas. De alguma forma, isso aqueceu meu coração, e não foi o álcool. Sentir-me acolhida é algo que não estou acostumada, mas gosto.

Aos poucos, as meninas vão se afastando quando os caras as puxam para um canto afastado do clube. Não precisa ser muito inteligente para saber o que vai acontecer, enquanto isso eu aproveito o tempo exclusivamente para mim. Só preciso apontar algo no cardápio para ser servida, o bom disso tudo é que eles não se preocupam em olhar minha identidade. Em algum momento, o barman começa a querer conversar comigo, no entanto, apenas balanço a cabeça sem ter a menor ideia do que ele está falando. Contando que ele continue trazendo mais, eu concordarei com qualquer coisa que ele quiser.

Roubo mais um olhar para Mark, que está sozinho mexendo no telefone sem a presença de qualquer garota perto dele.

Muito bom.

Então a consciência me bate que eu posso estar com ciúmes de Mark.

Ciúmes não é algo bom de sentir, porque isso implica gostar. Eu sei que não gosto dele, aquele beijo no meio da cozinha não significou nada, apesar de que meu coração sempre pula em expectativa quando Mark se aproxima. Bebo mais um gole da minha bebida, quando o gosto amargo cobre minha boca, olho ao redor à procura de alguém que possa me fazer companhia, mas me encontro sozinha no meio de um mar de gente.

Levanto-me do banquinho com minhas pernas de bebê girafa, procurando me apoiar em qualquer superfície que apareça à minha frente. Minha mente está nebulosa quando continuo andando sem direção, pelo menos é isso que tento me convencer até que esbarro em Mark quando uma nova garota se aproxima. Seus braços seguram o meu corpo, evitando minha queda, e ao sentir seu corpo duro contra o meu, de repente me sinto quente ao me lembrar do toque da sua pele contra a minha.

Mark não tenta falar quando me pega em seus braços, endireitando-me, a garota loira começa a falar algo para ele, mas minha atenção está no pescoço de Mark. A distância da minha boca e ele é muito grande para tentar alcançar, o que me deixa completamente frustrada. De repente, minha visão muda do seu pescoço para o céu estrelado e eu sinto como se o meu corpo estivesse flutuando, meus olhos se fecham enquanto aproveito a viagem.

Em algum momento sou colocada em uma superfície plana e meu aparelho é ligado novamente.

— Quão bêbada você está?

— Voxxxxeeê é bonito. — Estico minha mão para tocar seu rosto com a barba por fazer. Ele vem deixando-a crescer cada vez mais.

— Vou preparar um banho para você. — Ele muda de assunto, mas o sorriso em seu rosto entrega que ele escutou.

Levanto-me da cama com cuidado, cambaleando um pouco antes de entrar no banheiro e encontrar a sua grande estatura curvada, deixando seus músculos em evidência.

Eu poderia beijá-lo.

— Podemos deixar o beijo para mais tarde — diz por cima do ombro, ainda sorrindo, o que deixa meu rosto escaldante por ter falado isso alto. — Hora do banho gelado.

Mark levanta meu corpo por debaixo dos braços, colocando-me sobre a pia, começando a tirar meu par de tênis.

— Você beija beeem... não que eu tenha com quem comparar, mas

voxeee é um dexxx.

Seus ombros balançam em um riso silencioso.

— Minha pequena coisa está falante hoje. — Suas mãos mudam para os botões da minha calça, algo me diz que essa intimidade deveria me incomodar, mas minha mente está muito feliz para tentar pará-lo. — Levante-se um pouco.

Faço o que ele diz e sinto a calça escorrer pelas minhas pernas.

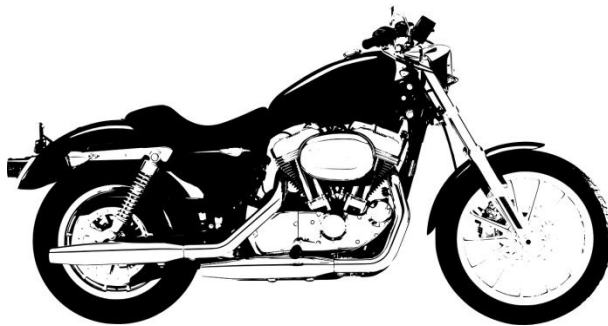
— Seu cheiro é bom. — Deito minha cabeça em seu ombro, sentindo seu cheiro até que preciso me afastar para que ele possa retirar minha blusa. Tento alcançar sua boca, mas ele se afasta, o que é um tiro na minha autoestima.

— Se isso acontecer é capaz de que você deforme meu rosto quando estiver lúcida.

— Eu não vou bater em voxxxxeee — digo, enrolando minhas pernas ao redor da sua cintura ao ser levantada da bancada.

— Todas sempre dizem isso. — Deito minha cabeça no seu ombro, porque está pesada demais para lidar com ela. — Vou ligar o chuveiro. — Contraio meu corpo esperando o choque térmico contra minha pele, mas a água cai aos poucos contra mim. É quando percebo que Mark está amenizando com seu corpo.

— Obrigada — suspiro antes de desmaiar.



Capítulo 21

Mark

Deixo Amy deitada na cama coberta por dois cobertores depois de não conseguir enxugar o seu cabelo muito bem. Recolho suas roupas do chão, levando-as para a lavanderia, esperando que fiquem secas até amanhã.

Por causa da chuva forte, decidi permanecer no clube durante essa noite, porque não queria arriscar uma viagem de longas horas em meio a um temporal, principalmente depois do acidente com seus pais. A chegada de Livie e Collin foi uma surpresa, e já que os novos pais precisavam de uma folga, decidimos dar uma festa, só não esperava que Amy fosse aproveitar mais do que todo mundo. Mas, pelo menos, eu a vi sorrindo mais do que duas vezes.

— Onde está a nossa Jackie Chan? — Mandy pergunta do seu lugar no colo de Dex.

Ally, que até então estava no celular provavelmente atormentando a pobre babá, resolve nos dar atenção.

— Está dormindo um pouco.

— Ela é a sua... garota? — Liv pergunta.

— Oh não, vocês sabem que não me envolvo com ninguém.

— Então por que você desprezou todas as meninas hoje? — Collin questiona.

— Porque Amy estava aqui.

— E?

Olho em seus olhos até que seus pensamentos começam a ficar claros para mim.

— Não, não. Não pense nisso. Ela mora comigo, seria estranho ficar com

alguém enquanto ela fica aqui sozinha.

— Você não ficou com ela em nenhum momento desde que a festa começou. — Ally me lembra.

— Desde quando você interage com as pessoas?

Ally revira os olhos para a minha pergunta.

— Não seria mais fácil você admitir o que sente por ela? Eu vi como você a olhava na academia, não é muito diferente de mim ou de Collin antes de cairmos por nossas garotas.

— Nunca foi sobre o que eu sinto, sim sobre o que ela merece. — Ando para longe deles, procurando um pouco de ar fresco.

Parecia tão fácil mostrar para os outros o que é o amor, mas para mim parece que estou me condenando a morte. Só não sei se essa morte será a única maneira de me libertar.

— O que você tanto esconde de nós, Mark?

Cerro minha mandíbula com a pergunta de Mandy.

— Eu não sei. — Olho para o horizonte iluminado pelas luzes da cidade, perguntando-me se existe mais alguém no mundo sofrendo com essa dor. Ela deita a cabeça no meu ombro, ficando em silêncio, respeitando o meu momento.

— Uma vez, alguém me disse que era preciso sangrar para poder cicatrizar. Por que você não deixa sair o que tem aí dentro?

— Porque não é bonito, Mandy.

— A única coisa linda é a nossa vida, mas isso depende da forma como a enxergamos. Meu pai abusou de mim quando eu tinha dez anos, você acha que isso é belo? Não, com certeza não. Mas Dex parece ter visto algo belo em mim, no fundo, sou grata por isso, porque se não tivesse me aberto para ele, eu não estaria aqui.

— Porra, Mandy. — Enxugo uma lágrima que desce pelo meu rosto, ela ri, mas seu rosto está molhado pelas lágrimas também.

— Nós não somos tão ruins por dentro, apenas incompreendidos.

— Pelo menos temos um ao outro.

— Você pode ter Amy, só precisa se permitir.

Beijo o topo da sua cabeça, puxando-a para um abraço apertado.

— Dói?

— O quê?

— Amar alguém.

— Dói mais quando a possibilidade de perdê-los existe.

Talvez seja por isso que dói tanto quando penso em Amy, a ideia de um dia ela se afastar machuca.

Mark

Estou deitado no sofá do meu quarto, distraído com a luz que vem da janela, quando o barulho de Amy se movendo na cama chama a minha atenção. Ela levanta a cabeça como se estivesse olhando ao redor antes de voltar a se deitar, minutos depois, quando assumo que está dormindo, sinto suas mãozinhas tocando meus braços, tentando puxar meu corpo para cima.

— Dormir.

Abro minha boca para responder, mas sei que é uma perda de tempo, já que ela não pode ouvir. Guiando-me até a cama, espera que eu me deite primeiro antes de subir em cima de mim para ligar o abajur. Com olhos semicerrados encara minha boca.

— Você não vai falar nada?

— Não consigo dormir.

— Fale de devagar, meu cérebro não está funcionando normalmente.

Rio, inclinando a cabeça para trás.

— Não vou conseguir dormir — repito.

Sua atenção fica focada em algo atrás da minha cabeça, por um instante imagino que ela pode ter dormido, até que faz algo que me deixa completamente sem reação. Desligando o abajur, Amy volta a se deitar, só que dessa vez leva minha mão com ela, colocando-a entre seus seios.

— Consegue sentir isso? Basta se concentrar nos meus batimentos. — Amy parece não ter ideia do que seu corpo causa em mim, no entanto, continuo me concentrando no som da sua voz e em seu ritmo cardíaco, que fica um pouco acelerado quando me aproximo do seu corpo. Fecho meus olhos, sentindo o cheiro do meu *shampoo* em seus cabelos até que sinto a sonolência invadir meu corpo, pela primeira vez em um longo tempo, consigo relaxar o suficiente para dormir.

Amy

Nunca mais vou beber.

Repito esse mantra todo o caminho até o banheiro. Mark está dormindo profundamente na cama, mas não quero arriscar, então apenas recolho o resto da minha dignidade e sigo para o banheiro. O ar frio bate contra minhas pernas nuas, é quando percebo que estou completamente sem roupa por baixo da camiseta de Mark. Alguns flashes da noite passada aparecem na minha mente, lembrando-me do meu quase ataque a Mark, mas decidi bloqueá-los por enquanto.

Fico debaixo do chuveiro sentindo a água escorrer pela minha pele sensível como um alívio, mesmo que a minha mente continue insistindo para me lembrar da noite anterior. Não posso acreditar que pedi para Mark me beijar. Gemo, batendo minha cabeça contra o azulejo da parede, só desligo o chuveiro quando minha pele começa a arder, enrolo meu corpo em uma toalha antes de abrir a porta em busca de roupa.

Grito de susto ao encontrar Mark do outro lado da porta com a cara amassada de sono, seus olhos varrem meu corpo por um instante, parecendo completamente chateado.

— Eu dormi. — Inclino a cabeça, por que não sei como isso parece ser algo ruim. — Você sabe quanto tempo eu não sei o que é isso?

Meus lábios formam um sorriso quando percebo que toda a minha pesquisa nos últimos dias deu certo. No entanto, meu sorriso é perdido quando Mark avança em minha direção, pressionado meu corpo contra a parede enquanto beija meus lábios com força. Suas mãos em conchas levantam-me pela minha bunda, deixando como única opção enrolar minhas pernas ao redor da sua cintura. O aperto que eu tinha contra a toalha diminui no momento em que me entrego totalmente aos beijos. Sou colocada na superfície fria do balcão, os beijos vão descendo por todo meu pescoço até chegar aos seios, onde ele os envolve com sua boca, chupando-os com maestria. Um gemido escapa da minha boca, mas não consigo identificar o tom, meu aparelho está em algum lugar do quarto e não sei se pedir para ele agora será uma boa ideia.

Prendo meus lábios entre os dentes quando sua boca continua a trabalhar em meus mamilos, deixando-me como uma poça de calor.

— Eu quero ouvir você, não tenha medo ou vergonha, somos só nos dois.
Suas mãos seguram meu rosto para que eu possa ler cada palavra que sai

dos seus lábios, aceno uma vez, concordando, e ele volta a me atacar com sua boca. Mas dessa vez seu polegar entra na jogada, quando corre pela minha perna até meu centro molhado. Estou completamente sensível e seu toque áspero só intensifica ainda mais o meu desejo. Ele brinca com meu clitóris ao mesmo tempo que me distrai com os beijos.

Sinto seu dedo entrar em mim, é um pouco desconfortável no início, mas logo se torna doloroso. Gemo de dor, o que faz com ele se afaste, mas continua me provocando. Quando brinca com meu mamilo e seu polegar pressiona meu clitóris, eu não consigo mais controlar a explosão que sai do meu corpo. Minha cabeça bate contra o espelho ao inclinar meu corpo completamente para ele. Seus lábios voltam para os meus, silenciando meus gritos.

Mark

Observo o rosto ofegante de Amy, enquanto ela tenta se recuperar, inclino-me em sua direção, beijando seu pescoço, completamente viciado em seu cheiro. Eu a pego no colo, levando-a até a cama, onde a deixo deitada coberta pelos cobertos.

— Vou buscar suas roupas na lavanderia.

Ela acena com o olhar sonolento, beijo seus lábios mais uma vez antes de sair.



— Se as roupas estão aqui, então... — Mandy me empurra com o quadril para ter acesso a máquina de lavar roupas. — Você seguiu os conselhos? — Olha por cima do ombro ao mesmo tempo que dobro as roupas de Amy.

— Talvez — sorrio.

— Bom — ela sorri, animada, mas muda de assunto rapidamente. — Dex estava dizendo que ela morava com Michael.

— Isso muda alguma coisa?

— Claro que não

— Mas...

— Se ela te machucar, você nunca mais vai vê-la.

— Assim como você queria fazer com Ally?

— Entre uma garota e meus meninos, sempre serão vocês. Foi horrível o que eu fiz? Sim, mas vocês em primeiro lugar.

— É por isso que você não tem amigas.

— Os homens sempre estragam nossa vida — ironiza.

Mandy foi a primeira garota que levamos a sério quando entrou no clube.

Amy

Encaro a porta do banheiro depois que termino de calçar meus tênis. Mark deixou minhas roupas na cama antes de beijar meus lábios levemente e voltar para o banheiro sem nenhuma palavra. Meu aparelho auditivo já está funcionando, mas o som ao redor é inaudível comparado às batidas do meu coração.

Ainda posso sentir seu toque contra minha pele. Seus dedos ásperos dentro de mim, os beijos molhados pelo meu pescoço e seios...

— Você está vermelha? — Eu me viro em direção à voz de Mark só para encontrá-lo enrolado em uma toalha, as tatuagens são nítidas em seu tronco molhado, deixando-me completamente hipnotizada pelo seu corpo. As tatuagens vão ficando cada vez mais perto, ao olhar para cima encontro os olhos escuros de Mark repletos de desejo. — Tenho mais embaixo.

Molho os meus lábios secos com a língua, sentindo meu núcleo queimar de desejo.

— Porra. — Mark segura meu queixo ao aproximar sua boca da minha em um beijo profundo, até que se afasta para gritar com alguém do outro lado da porta. A voz da pessoa do outro lado está um pouco abafada, mas Mark parece aborrecido, no entanto, seu rosto ameniza quando volta a falar comigo. — Precisamos ir, *baby*.



A garota chamada Chelsea fala comigo, apesar de estar entendendo boa parte do que ela fala, eu não tenho a menor vontade de responder. Prefiro guardar minha voz para Mark, que nesse momento está preparando o nosso café da manhã. A garota loira à minha frente continua falando e eu apenas aceno até que ela me faz uma pergunta.

— Então, Amy. Você vai com o Mark para a festa de Natal do clube? — Apesar de saber que ela não vai entender, eu sinalizo uma resposta qualquer, mas paro quando escuto o riso de Mark à minha direita. Com o sorriso no rosto, ele apenas balança a cabeça para mim, com vergonha de ter sido pega, abaixo minhas mãos e olho para Chelsea, que tem uma expressão de dúvida no rosto. — Me desculpe, querida. Eu não sabia que você não conseguia falar.

Mark se aproxima com duas canecas de café e as coloca à nossa frente

antes de pegar a dele.

— Na verdade, ela consegue, só que ela não quer falar com você.

Meus olhos aumentam de tamanho e eu cuspo o café quente quando queima minha língua. Mark beija o topo da minha cabeça, ainda rindo, antes de voltar para a pia. Faço um sinal de louco apontando para o Mark, e a garota sorri em cumplicidade.

Tomo mais um gole de café, encarando-a por cima da xícara. Ela não parece ser uma pessoa ruim, o que me faz odiá-la ainda mais por estar paquerando Mark. A minha única razão para tratá-la mal é o bom e velho ciúme.

Não posso deixar de notar como a garota se inclina para Mark quando ele se senta ao meu lado, ela joga os cabelos por cima do ombro, deixando seus seios avantajados em evidência. Olho para os meus próprios seios, encolhendo-me interiormente por serem quase imperceptíveis debaixo do sutiã esportivo. Tomo mais um gole do café, querendo que o líquido escaldante me distraia da cena à minha frente. Ambos estão envolvidos em uma conversa hilária, já que a garota sorri calorosamente. Desligo meu aparelho, suspirando e aliviada ao voltar para o meu próprio mundo, enquanto termino de tomar café, começo a planejar minha aula de hoje. Mark disse que mais três meninas vão entrar para a turma, é muito mais fácil apenas com Mandy e Ally, mas se for para me manter viva, vou precisar sair da minha zona de conforto por alguns instantes.

Volto a olhar para cima e fico assustada ao não encontrar mais a garota.

— Ela foi se preparar para a aula — Mark diz quando olho para ele. — Você desligou o aparelho?

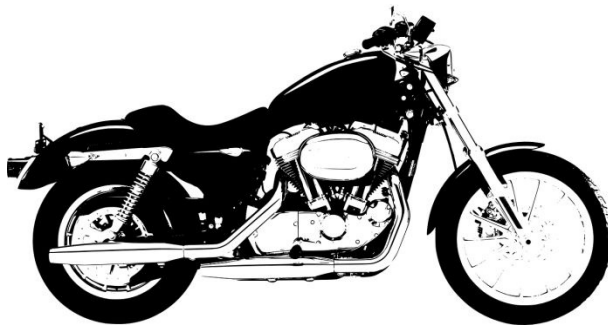
Dou de ombros, bebendo o último gole do meu café. Mark sorri, mas não parece um sorriso irritado. Ele parece um pouco... chateado quando se levanta e caminha até a pia. Volto a ligar meu aparelho, ignorando a queimação das lágrimas.

Às vezes, tudo o que eu queria fazer era voltar para o dia daquele acidente, gritar para os meus pais não entrarem naquele carro ou dizer a mim mesma para falar o máximo que puder, porque um dia isso vai ser tirado mim. Dizer que voltar a falar com confiança não vai ser fácil, conversar com um grupo de pessoas vai ser difícil e que vou querer ser aceita em lugares que não há espaço para mim. Que vai querer que seja você conversando com o cara que gosta, onde seu riso vai ser bonito e agradável. Sem precisar de um aparelho que deixa sua orelha dolorida e desconfortável.

— Vou precisar ficar fora por algumas horas. Consegue ficar bem com as meninas? — pergunta ao ficar à minha frente novamente.

— Sim. — O som sai um pouco rouco. Fecho meus olhos, tentando não estremecer.

— Tudo bem. — Mark sai do cômodo sem dizer mais nenhuma palavra. Uma lágrima escorre pelo meu rosto, enquanto o observo ir.



Capítulo 22

Mark

— Você está tomando a medicação?

Olho para um ponto qualquer no carpete da sala da minha terapeuta. Já faz quinze minutos que estou aqui e até agora não sei o que me motivou para vir depois de tanto tempo.

— Eu odeio meus pais. — As palavras saem da minha boca, assustando tanto a mim como a terapeuta, não pelo significado delas, mas por ser a primeira vez que falo em nossas consultas. — Estou cansado de fingir ser quem não sou.

— Quem é você, Philip?

— Eu não sei.

— Mas sabe quem é o Mark?

— Ninguém o conhece, ele não precisa agradar ninguém, precisa apenas ser ele mesmo.

— Por que Philip não pode ser assim também?

— Porque Philip não é ninguém.

— Você acha isso?

Dou de ombros, inclinando minha cabeça para trás.

— Meu nascimento foi um erro, minha mãe iria me abortar se não tivesse o risco de terminar estéril. Roger não queria correr o risco de ficar sem herdeiro, por isso a autorizou a continuar com a gravidez.

— Conte-me um pouco como era sua relação com Roger.

Respiro fundo.

— Passei a minha infância e adolescência tentando agradá-lo. As melhores notas, as melhores recomendações, o melhor em tudo, menos para ele,

até que descobri o motivo.

— O que você sentiu ao saber que ele não era seu pai?

Passo minhas mãos pelo rosto e cabelo, sentindo uma pressão no meu cérebro.

— Era como cair em um abismo onde não tinha ninguém que pudesse me segurar.

— Foi assim que nasceu o Mark? Foi nele que você conseguiu se agarrar?

Sorrio, balançando a cabeça, porque tudo parece uma grande loucura.

— Mark nasceu para defender Philip, que passou muitos anos se diminuindo e sem querer acabou perdendo sua essência.

— Você acha que ele precisa de alguém para defendê-lo? — Quando fico em silêncio, ela volta a falar. — Philip precisa tomar as próprias decisões, quando isso acontecer, Mark vai descobrir que ambos são a mesma pessoa.

— Eu sou louco?

— Não, está apenas tentando proteger a si mesmo, como faz com todos os outros.

Amy

Não é necessário ter uma audição biônica para saber quando estão falando de você. Enquanto estou em frente ao espelho demonstrando os golpes, as alunas novas estão na parte de trás conversando, mas com os olhos sempre em mim. Mandy e Ally parecem bem concentradas, diferente de mim, que já estou começando a ficar constrangida. Encerro a aula e vou para o banco recolher minhas coisas no mesmo momento em que Chelsea se aproxima.

— Você luta bem. — Seus olhos percorrem a minha estatura antes de cruzar os braços sobre o peito. Sorrio, acenando. — No início, eu não sabia o porquê de Mark estar interessado em você, confesso que continuo não sabendo o que o fez se apaixonar por uma retardada.

As palavras me deixam paralisada por alguns minutos, até que o efeito delas caem em mim. Ela não parece a mesma garota de horas atrás.

— Quanto tempo acha que ele vai aguentar escutar esse som até te chutar, retardada? — O tom da sua voz fica monótona, como se estivesse imitando a minha. Antes que eu consiga me parar, meu punho se choca contra o seu nariz, fazendo escorrer sangue pelo seu rosto.

— Amy. — Escuto o grito de Ally a distância, vendo-a se aproximar de mim. — O que você fez?

Olho para Chelsea mais uma vez, encolhida e com as mãos no nariz sangrando.

— Essa louca me bateu! Eu só estava tirando uma dúvida.

— Amy? — As palavras ficam presas na minha garganta e eu não consigo expulsá-las de mim. — Amy, se isso for verdade, você vai precisar deixar o clube.

Retardada. Retardada. Retardada.

— Por que vamos querer andar com uma retardada?

Pego o meu casaco e saio correndo pelo clube até a saída, completamente atordoada pelos meus pensamentos. Os membros do clube não tentam me impedir quando passo por eles em direção ao portão, o que me faz suspirar de alívio. Sigo a estrada de terra no meio das árvores em busca da rodovia que vim com Mark.

— Oi. — *Eu me aproximo do grupo de crianças no primeiro dia que chego ao abrigo. A conselheira do abrigo anterior disse que eu poderia voltar a falar novamente sem me importar com minha voz. A garota mais alta olha para*

mim por cima do ombro antes de comentar algo que não consigo ouvir. Continuo sorrindo, pois minha mãe sempre disse que os sorrisos nos fazem ser bem recebidos.

Eles continuam conversando como se minha presença não existisse. Com medo de eles não terem me ouvido, volto a repetir, colocando um pouco mais de força ao falar. O que faz com que a garota se vire com os olhos semicerrados na minha direção.

— Eu disse não quero uma retardada no meu grupo.

Apesar de não conseguir ler as palavras com muita facilidade, as poucas que compreendi foram bem claras.

Meu coração acelera quando um carro se aproxima de mim na estrada, olho para trás, mas em vez de sentir alívio, sinto uma raiva doentia espalhar pelo meu corpo ao encontrar Mark me olhando pelo para-brisa do carro. Sigo meu caminho até que suas mãos tocam meu braço, parando-me no lugar.

— Entre. — O som repentino de um trovão me faz estremecer e seguir sua ordem. Fecho meus olhos, encostando minha cabeça contra a janela, tentando o ignorar. — Você não vai falar comigo? — A minha arte de ignorar Mark só não é mais bem-sucedida porque ele está falando do lado em que minha audição funciona. Ainda com raiva pelo o que aconteceu com as meninas, deixo minha atenção focada na janela, tentando recuperar meu bom senso depois de ter agredido umas das minhas alunas. — Eu sei o que aconteceu, mas prefiro escutar sua versão.

A paisagem passa por mim, lembrando-me do dia que perdi minha audição, a mesma audição que serve como piada para várias pessoas.

— Ally disse que você socou uma das garotas.

— Ally disse. — Quero me socar por minha voz ter saído tão monótona, comprovando que a garota tem razão.

— Ally fez alguma coisa para você? — Fecho os olhos com força quando o interrogatório começa a fazer seu ponto em mim.

— *Só quero ir para casa.* — Sinalizo. Não estou me sentindo confiante o suficiente para falar.

— Eu quero ouvir sua voz.

Olho para ele com os olhos marejados ao sentir que estou perto do meu ponto de ruptura. Sua mandíbula cerra e ele desvia o olhar de volta para o trânsito. Horas depois voltamos para casa, onde me escondo no quarto presa no meu momento de autopiedade.

Mark

— Você acha que ela vai me odiar? — Ally pergunta ao telefone pela décima vez desde que ligou perguntando sobre Amy.

De acordo com ela, Amy socou Chelsea, aparentemente, sem motivo algum. O que poderia resultar na sua expulsão por ainda não ser um membro oficial. Ally, como *old lady* do presidente, não poderia apoiar Amy, mesmo que internamente ela o estivesse fazendo. Mas ela não liga de quebrar algumas regras para defender aqueles que gosta.

— Não, ela vai entender depois que você explicar seu lado. — Olho para a porta do quarto de Amy tentando descobrir se é o melhor momento para falar com ela.

— Graças a Deus. — Ela fica alguns minutos em silêncio antes de cair no riso novamente. — Você tinha que ver a cara da Chelsea. Sério. Quero ser a Amy quando crescer.

— Crescer é algo impossível para você.

— Idiota. Ela sabe se defender. — Suspiro, orgulhoso. — Tente descobrir o que a motivou a fazer isso, vou fazer questão de expulsar Chelsea pessoalmente.

— Você sabe que as outras garotas vão odiar você ainda mais.

— Não tenho motivos para querer amizade com quem deseja meu marido. — Escuto o barulho do choro da Suzan ao fundo. — Baby Girl acordou. Preciso ir!

Não tenho tempo de me despedir antes da linha ficar muda, levanto-me da minha posição no chão em frente a porta de Amy, nervoso com o que vou encontrar do outro lado. O quarto está um breu e completamente silencioso, Amy está encolhida na cama sob as cobertas. Eu me sento na cama e tiro os sapatos antes de me deitar ao seu lado, puxando seu corpo contra o meu.

— Saia — ela resmunga com a voz rouca de sono.

— Shhh. — Aperto seu corpo contra meu, sua pequena mão leva a minha até seu coração, suspiro aliviado, concentrando-me nas batidas até que meu corpo relaxa e a exaustão me cumprimenta.

Amy

Acordo pressionada a um corpo rígido, ao contrário do que eu imaginava, essa sensação me causou alívio ao invés de pânico. Recosto minha cabeça contra seu peito, querendo dar tudo de mim só para poder ouvir as batidas do seu coração. Seu corpo continua imóvel, então sei que ele ainda não acordou. Fecho meus olhos, imaginando como seria poder ouvir seu ronco suave ou seu coração no momento em que ele parece estar mais vulnerável, sem amarras ou mentiras.

Por alguma razão, uma imagem de nós dois deitados em um gramado e cercados por girassóis aparece na minha mente. Nesse cenário, consigo ouvir o barulho dos pássaros e o uivo do vento, Mark cantarola levemente ao meu lado uma música dos anos 80, enquanto aproveito o som da natureza. Tudo parece ser tão claro, que ao abrir os olhos a dor da perda é insuportável, aperto minha mão contra meu coração, levantando-me suavemente da cama para não despertá-lo. Tomo um banho rápido antes de descer para a cozinha em busca de cafeína.

Estou sentada em um dos bancos com a caneca de café entre minhas mãos, quando Amélia aparece carregando uma capa protetora de roupas em uma das mãos, enquanto a outra carrega uma mala enorme

— Oh, você está acordada. Onde está Mark?

— Dormindo.

Sua cabeça se vira na minha direção como a garota do exorcista e os olhos arregalados. Puxando um banquinho para si, ela joga seu corpo sobre ele como se suas pernas estivessem falhando.

— Sem medicação, nem nada? — Dou de ombros, porque na última vez ele estava realmente sóbrio. — Oh, céus. — Aperta seu rosto entre as mãos com o corpo tremendo, seus olhos brilhando com lágrimas voltam para mim e ela retorna a falar. — Mark sofre de ansiedade e insônia, nosso pai costumava invadir o quarto dele de madrugada para espancá-lo sempre que voltava de viagem. Nós nunca sabíamos quando seria o próximo dia, então ele começou a ficar acordado durante a noite para não ser pego de surpresa. Isso durou anos até que Mark conseguiu ultrapassar nosso pai na força, mas as marcas daquelas noites permaneceram com ele ao ponto de passar dias sem dormir, causando em seu corpo uma exaustão extrema.

— Por que você não ficava com ele em seu quarto? — Quero puxar minhas palavras de volta, mas não há mais tempo para isso. Amélia é tão inocente quanto Mark nessa história, ela era apenas uma criança quando isso

aconteceu e não poderia fazer muito para evitar as agressões.

— Eu tentei, como tentei, mas Mark não queria que a raiva se voltasse para mim. Isso nunca aconteceria, já que seu sangue corre em minhas veias, apesar de eu ter tirado todas as chances de terem um herdeiro masculino ao nascer, eles nunca me odiaram ao ponto da agressão física.

Corro minhas mãos pelo cabelo, sentindo-me enjoada com toda essa história.

— Você não pode dizer o que eu disse, Phili... Mark me mataria.

— Quantos anos durou?

— O que durou?

Pulamos no banco ao escutar a voz grossa de Mark. Seu cabelo molhado está solto na altura dos ombros, vestindo apenas uma calça preta, que pende nos quadris, deixando a tatuagem do seu tronco à mostra. Desvio o olhar, tentando ignorar a sensação de tê-lo entre minhas pernas. Ele beija o topo da cabeça de Amélia antes de ir até a cafeteira.

— Amy estava perguntando quanto tempo durou a última festa de Natal.
— Levanta uma maleta prateada. — Trouxe a roupa de vocês para o evento.

Olho para Mark com os arregalados, mas sua atenção está em Amélia.

— Você encontrou o que eu lhe pedi?

— O conjunto completo.

Mark pega os sacos de roupas em um dos braços, enquanto segura sua xícara de café com a outra.

— Bom...

— Está ansiosa para a festa? — Amélia volta para mim com os olhos ansiosos. Aceno, observando-os sobre a xícara de café. Nesse momento, não tenho a menor ideia se concordei ou não em ir para a festa com Mark, mas ele deve ter assumido uma resposta positiva. — Ótimo! Estarei aqui para nos preparar. — Ela se levanta da cadeira, arrumando a saia preta sem imperfeições. — Se cuida — fala para Mark. Ambos trocam olhares de afeto antes de Amélia se retirar. Ele a segue com o olhar até que deve escutar o barulho da porta fechando.

— Ela parece feliz — ele comenta.

— E você dormiu.

Um sorriso tímido brinca em seus lábios, Mark coloca tudo em cima da mesa antes de ocupar o banquinho que Amélia estava.

— Você vai me dizer o que aconteceu ontem?

Brinco com a alça da xícara, desviando o olhar.

— Não há muito o que contar, apenas as merdas de sempre.

— Chelsea é a favorita do grupo, deve ter acontecido algo muito mais grave do que “as merdas de sempre” para você socá-la. — Passo as mãos no meu rosto, exasperada, levantando-me, coloco a xícara na lava-louça antes de caminhar em direção à sala, mas a mão forte de Mark me impede. Ficamos nos encarando por minutos até que ele quebra o silêncio. — O que ela falou para você?

Eu não quero falar para ele, as palavras se tornam muito mais reais quando são ditas. A garota já está com o nariz quebrado e eu estou satisfeita com isso e não preciso de mais.

— Se você não responder, vou colocar minha mão entre suas pernas e negarei seu orgasmo até estar satisfeito com uma resposta. — Seu hálito quente contra minha orelha causa arrepios na minha pele, engulo em seco, afastando-me do seu toque.

Suas palavras parecem mais como uma promessa do que uma ameaça. Mesmo que um orgasmo não seja tão ruim, estamos ultrapassando linhas que não temos mais como voltar. Eu preciso dele, preciso de uma casa, preciso de um emprego. Não posso perder tudo por alguns minutos de prazer.

Mark é tudo o que eu não tive, não sei quanto tempo serei capaz de manter meu coração fora do campo.

— Retardada — sorrio, mesmo que as palavras estejam me queimando por dentro.

— Porra, não, — Sua voz cai para um tom ameaçador, fazendo-me recuar alguns passos.

— Ela não é a primeira e nem será a última a falar isso. É só um fato.

— Você não é retardada...

— Eu falo como uma — eu o corto. Falo as palavras claramente para ele entender a diferença entre as entonações.

— Você pode ter uma limitação, mas não isso não a faz uma retardada, Amy. Não existe retardados nesse mundo, apenas pessoas diferentes e todos nós somos diferentes um do outro.

Enxugo as lágrimas que escorrem pelo meu rosto com as mãos antes de voltar a falar.

— Fácil para você falar, quando tudo em você é magnificamente perfeito.

— Perfeição é questão de gosto. — Inclino minha cabeça quando suas palavras se tornam confusas. — Se você gosta de si mesmo, então você é a perfeição. Eu poderia citar milhões de coisas que odeio em mim, eu não sou perfeito, Amy. Mas você gosta de mim, mesmo que um pouco, e não adianta negar. Então sou perfeito para você. — O sorriso no seu rosto é lindo e causa um pequeno terremoto com as borboletas do meu estômago. Reviro os olhos, dando as costas para o seu sorriso perfeito. Sua mão segura meu braço, impedindo-me de ir muito longe. — Eu não estava brincando quando disse que você não é uma retardada. Admiro você mais do que qualquer pessoa que já conheci. Alguém com uma boa parte da audição prejudicada não conseguiria se manter em um ringue de lutas por tanto tempo.

— Mas as palavras ainda não deixam de machucar.

— Então deixe de acreditar nelas e faça delas a sua armadura.

Suspirando fundo, olho para as roupas querendo mudar de assunto.

— Eu disse que ia ao baile com você? — Alguns assuntos são difíceis de suportar. Mark parece entender minhas intenções e entra no jogo.

— Algo do tipo. — Ele pega o cabide coberto por um saco preto que esconde o conteúdo. — Esse é seu, mas só está permitida a olhar no dia.

— Eu poderia derrubar você facilmente. — Ergo uma sobrancelha. Seus olhos se estreitam, recordando o dia da nossa luta.

— Hoje eu estou motivado. — Ele abraça a roupa contra o peito antes de arrastar a mala que Amélia trouxe no chão. — Sairemos para o clube em dez minutos — fala por cima do ombro, desaparecendo em direção ao seu escritório.

Solto um suspiro exasperado, puxando um banquinho para me sentar, apoiando minha cabeça entre as mãos. Olhar para aquelas garotas é a última coisa que quero fazer hoje, mas não posso me dar ao luxo de sujar meu nome com o clube se pretendo me livrar de Michael.

Mark

— Encontramos Michael.

Levanto os olhos dos papéis sobre a mesa para encarar Liam.

— Mas nós já não sabíamos onde ele estava? — Fecho a pasta com os papéis das finanças do clube, voltando toda a minha atenção para Liam.

— Ele apareceu durante as nossas rondas na rodovia. Estava acompanhado por mais dois homens, mas não pareciam ser integrantes de algum clube. — Liam anda pela sala, passando as mãos pelos cabelos.

— O que ele disse?

— Era só Dex e eu, não tínhamos como pará-lo.

— Liam, o que ele falou para vocês?

— Ele pediu a cabeça de Amy em troca de alguns documentos sobre a fundação do clube. Se não entregarmos Amy, perdemos todos os direitos legais sobre o clube.

— Isso só pode acontecer se tiver algum herdeiro, certo? Caso contrário, você é o parente mais próximo a ele.

— Michael não conseguiria esconder um filho por tanto tempo. — Liam se senta na cadeira. — Ou conseguiria?

— Michael ainda hoje nos surpreende. Talvez devêssemos deixar Dylan investigá-lo ou poderíamos perguntar a Avery sobre a outra faceta de Michael.

— Ally não quer a sua mãe envolvida com os negócios do clube.

— Só nos resta esperar por Dylan.

O cenho franzido no seu rosto só mostra ainda mais o quanto ele está angustiado com essa notícia. O clube é muito mais que paredes e cerâmicas, ele é um lar para muita gente. Se um dia chegarmos a perdê-lo, a vida de muita gente estará em perigo. O nome do clube significa força, se não temos isso, estamos sozinhos.

— Você cogitou a ideia de entregar Amy a ele?

— É uma cabeça em troca de várias. — Aperto meus punhos, preparado para lutar por minha garota, nunca mais vou deixar Amy voltar para aquele lugar, nem que para isso eu precise abandonar minha família. — Mas Amy não pediu para entrar nesse jogo, ao contrário de todos nós. Nada mais justo do que lidarmos com as nossas consequências.

Suspiro, voltando a respirar aliviado. Pego os papéis que estava analisando e mostro a ele.

— Acho que encontrei algo que pode indicar o interesse Michael em Amy — falo enquanto ele folheia os papéis. — Rob começou a trabalhar no clube na mesma época em que seu pai estava investigando-o. Os números foram alterados mais de dez vezes em um mesmo mês, e nem mesmo um especialista conseguiria identificar a fraude.

— Você está me dizendo que o pai de Amy era um criminoso.

— Há uma chance, mas como você pode ver nos últimos números, houve um desfalque na contabilidade do clube para a conta de Amy Russell. Cem mil dólares foi o valor que Rob conseguiu desviar para Amy.

— Amy deve ser uma milionária a essa altura, certo? Se não tiver tido nenhuma movimentação na conta dela nos últimos anos.

— Não teve, pelo menos não desde o acidente, Josh encontrou um documento que só permite a movimentação quando ela completar vinte e um anos. Michael quer o dinheiro dele de volta, essa é a dívida que Amy tem com ele. — Cruzo os braços sobre a cabeça, jogando meu corpo no encosto da cadeira.

— Amy sabe disso?

— Não, nem do envolvimento do pai com o clube. Ela disse uma vez que, durante os sonhos, o pai joga o carro da ponte de propósito. Não sabemos até que ponto isso pode ser real.

— Talvez eles estavam sendo ameaçados, você lembra a data do acidente?

— Um dia depois da chacina dos seus pais.

Sua mandíbula tensiona quando toco no assunto. Liam nunca superou a morte dos pais, deve ser uma dor horrível, principalmente da forma bruta como eles foram tirados da sua vida.

— Ele deveria saber dos assassinatos para fugir do Michael tão rápido assim.

— Amy não sabe realmente o que aconteceu naquele dia, algumas vezes fala sobre velório, outras sobre a visita à casa da avó...

— Ela só tinha dez anos na época do acidente, não podíamos esperar muito. — Seu celular começa a tocar e ele se afasta para atender. — Hey, pequena...

Volto minha atenção para os papéis, querendo encerrar logo esse caso para voltar para casa.

— Parece que Suzan está com uma leve infecção na garganta, você se importa de fechar o clube para mim? — pergunta depois de encerrar a ligação.

— Não, pode ir cuidar das suas meninas.

— Obrigado.

Eu o espero fechar a porta antes de ligar para Mandy pedindo para cuidar de Amy e deixá-la entrar no meu quarto. Hoje é um dia que não podemos voltar para casa.

Amy

Entro na academia nem um pouco animada para ensinar a grande turma feliz a bater em alguém, no entanto, a única pessoa que encontro sentada no meio do tatame é Ally. Nossos olhos se encontram rapidamente antes de ela desviar o olhar, retiro meus tênis antes de subir no tatame com ela.

— As meninas ficaram com medo de você. — Dou de ombros. Ao mesmo tempo feliz e decepcionada. — Mandy está organizando o jantar de Natal, então seremos só nós duas. — Aceno e aponto para ela começar a se alongar. — Antes de tudo, eu preciso pedir desculpas por aquele dia. Sei, melhor do que ninguém, o quanto é insuportável conviver com aquelas garotas, mas a sua reação me pegou desprevenida, e mesmo que eu tenha adorado o que você fez, não é meu papel, como *old lady* do presidente, assumir um lado. Eu já sou odiada demais sem fazer uma escolha. Você vai me bater? — Ally pergunta depois que não demonstro nenhuma reação ao seu pedido de desculpa.

Ela acredita que estou com raiva dela, talvez estivesse no início, mas o ódio era por mim mesma. Por ter sido tão fraca e cedido às provocações. Nego com a cabeça, voltando a recolher meus pertences no chão. Minha cabeça está dolorida, assim como meu corpo, tudo o que mais quero nesse momento é voltar para casa com Mark.

— Obrigada por me ouvir — fala. Seus olhos voltam para baixo com a expressão tímida. Abro minha boca, mas volto a fechá-la. Ally percebe e toca meu braço. — Tudo bem, nem tudo precisa ser dito.

Eu a observo desaparecer antes de voltar minha atenção ao saco de areia.

— Olá, amiguinho. — Um pequeno sorriso cresce em meus lábios ao começar a chutá-lo com toda força.



Quando subo as escadas em direção à sala, encontro Ally atrapalhada com a bolsa de fraldas e Suzan em seu braço. Seu cabelo está preso em um coque, mas parece uma confusão em sua cabeça, seus óculos estão prestes a caírem do rosto, enquanto tenta organizar a bolsa ao mesmo tempo que Suzan chora. Eu me aproximo de ambas com cuidado, Ally olha para mim com os olhos assustados e vermelhos pelas lágrimas, que escorrem pelo seu rosto.

— Hey.

— Precisa de ajuda? — Minha voz é tão baixa, que tenho medo de ela não ter escutado.

— Por favor. — As lágrimas parecem descer ainda mais pelo seu rosto quando me aproximo recolhendo os itens que caíram da bolsa. — Suzan está com febre e estou com medo de ir ao médico sozinha pela primeira vez, eu sou estudante de medicina e mãe, isso não deveria me assustar — fala, abraçada ao pequeno corpo da filha. Em vez entregar a bolsa a ela, eu a coloco no meu ombro.

— Eu vou com você.

Quando penso que ela vai me abraçar, sua cabeça agita veemente e ela começa a andar em direção à garagem. O caminho até o hospital é rápido com Ally ultrapassando todos sinais vermelhos, chegamos ao hospital onde somos atendidas por uma velha enfermeira com sorriso agradável. As palavras dela parecem relaxar Ally, que suspira fundo e continua caminhando na frente, sigo atrás carregando a grande bolsa e ignorando meu ataque de pânico. As paredes brancas são assustadoras e o cheiro de éter traz de volta as memórias do dia do acidente.

Colocam Suzan deitada na grande cama do hospital, enquanto esperamos o atendimento médico. Não demora muito e Liam chega, beijando Ally nos lábios antes de notar minha presença no quarto.

— Mark sabe que você está aqui?

— Não, ela me ofereceu ajuda quando estava saindo do clube — Ally fala abraçada a Liam. — Obrigada, Amy.

Sorrio e fico feliz por ela não questionar minha fala. Um homem moreno de jaleco entra no quarto e aproveito o momento para sair, deixando-os a sós.



Capítulo 23

Amy

Limpo minhas mãos molhadas de suor no tecido da calça jeans, enquanto espero o médico atender a Suzan. O corredor está vazio, sem qualquer tipo de ruído, olho para o chão extremamente branco e consigo ver meu próprio reflexo.

As memórias da noite do acidente começam a retornar, tento de tudo para bloqueá-las, mas quanto mais tento não pensar, mais a minha mente repete os pensamentos. Eu não quero pensar nisso, porque nunca sei o quanto é real. Eles me trazem medo e fazem minha pele formigar, o medo de surtar ou ficar louca só faz com que os pensamentos se tornem ainda mais presentes. Minha mente começa a ficar confusa e meu batimento cardíaco acelera, busco algo que possa me trazer conforto, mas tudo se transforma em escuridão.

— *Garota entre oito e dez anos, não responde aos estímulos. O carro em que estava com a família foi encontrado no rio, ela é única sobrevivente.*

Única sobrevivente.

Única sobrevivente.

— *Vamos lá, garotinha. Mostre para mim que você é uma guerreira,*

venha para a luz.

— Ela ainda não acordou?

— Talvez seja melhor ela partir com os pais.

— Amy, é você? — Demora alguns minutos para que eu consiga voltar à realidade. Eu pisco algumas vezes e encaro o rosto envelhecido de Andy. Ele dá um sorriso amarelo, que deixa seus olhos enrugados. — Eu sabia que você ia sobreviver. — Seus olhos percorrem meu corpo encolhido contra a parede e param nas minhas mãos. — E com poucas cicatrizes.

Olho em volta, atordoada, ele oferece sua mão para me ajudar a levantar, aceito e ficamos nos encarando por alguns minutos.

— Você ainda não consegue falar?

Continuo encarando-o ainda sem reação, por muito tempo acreditei que ele poderia estar morto depois de ter desaparecido após a venda do clube. O que me manteve sã durante todos esses anos foi a esperança de poder reencontrá-lo para devolver o clube a ele. De poder pagar toda a dívida e ter o estabelecimento de volta, mas olhando-o assim, surpreso em me ver viva me faz questionar se ele realmente sabia o que estava fazendo quando me entregou com o clube para o Carter.

— Você ainda tem notícias do Carter? — Nego, completamente em choque com a situação à minha frente. — Pensei que ele não fosse deixar você viver. Por muito tempo, vivi com um peso na minha consciência imaginando que você estava morta, até que um homem veio atrás de mim para saber mais sobre você. Foi naquele momento que percebi que você tinha uma chance. — Seus olhos se enchem de lágrimas. — Por incrível que pareça, a minha filha me deu mais uma chance para ser pai e agora sou avô. Eles estão no outro corredor... se quiser conhecê-las. Posso explicar para você melhor sua história.

Balanço a cabeça, sentindo o peso do mundo querendo afundar em meus ombros. Aperto minhas unhas contra a palma da minha mão para confirmar se estou acordada ou se entrei em algum tipo de choque.

— É tudo muito confuso, mas quando eu lhe explicar sobre o passado do seu pai com Carter, tudo ficará mais claro. — Algo atrás dos meus ombros parece chamar sua atenção. — Eles estão chamando por você. — Olho para trás e encontro Liam, Ally e Suzan parados em frente à porta do quarto. — Me ligue quando estiver pronta. — Ele coloca um pequeno cartão na minha mão antes de dar as costas para mim.

Respirando fundo, ando em direção a eles. Liam mantém sua atenção em

Andy, enquanto Ally me dá um sorriso tenso.

— Desde quando você conhece o Andy?

Eu não tenho um papel e nem estou interessada em falar, então apenas decido ignorar a pergunta de Liam quando chegamos à garagem. O cartão queima no meu bolso, olho pela janela do carro ao mesmo tempo em que tento colocar em ordem toda a minha vida desde o acidente, de repente, tudo perdeu sentido.

Pelo retrovisor, consigo olhar para a moto de Liam seguindo o carro, um lembrete perfeito de que estou prestes a descobrir algo muito ruim sobre minha vida.

O clube e Carter estão ligados, de alguma forma terminei entre eles sem ter a menor noção do porquê.

Mark

Quando chego ao clube, depois das duas da manhã, tudo está em silêncio, completamente diferente das noites de sábado anteriores. Liam mandou uma mensagem avisando que Suzan estava bem, mas que Amy tinha encontrado Andy no hospital, como era de se esperar, ela não disse nada sobre isso, apenas se trancou no quarto desde a chegada do hospital. Ally e Suzan voltaram para a casa, fugindo do ambiente agitado do clube, e Liam foi com elas, deixando o lugar aos cuidados de Mandy e Dex.

Entro pela cozinha, onde o cheiro de menta me cumprimenta, pego uma maçã na cesta e subo as escadas de dois em dois degraus. Em vez de encontrar Amy dormindo, como imaginava, ela está sentada no parapeito da janela, sendo iluminada pela luz da lua. Fecho a porta e ela não expressa nenhuma reação que escutou, sua expressão corporal está tão concentrada, que tenho medo de assustá-la, então decido que acender a luz é a opção mais saudável.

Nossos olhos se encontram e ela sorri fracamente antes de sinalizar.

"Como foi seu dia?"

Não sei se ela está com seu aparelho, então sinalizo também.

"Senti sua falta."

Seu sorriso se torna mais amplo, descendo da janela, Amy anda até onde estou e enrola seus braços ao redor do meu corpo, suspirando profundamente. Quero perguntar a ela como foi sua conversa com Andy, mas não quero machucá-la sendo intrometido.

— Você precisa comer mais do que uma maçã.

Sinalizo ao tomar um passo de distância.

"Sua preocupação com meu corpo me emociona."

Revirando os olhos, ela se joga na cama, cobrindo seu corpo com o cobertor.

"Você quer falar comigo sobre hoje?"

— A dor ainda vai estar aqui amanhã. — Sua voz é dura, como se estivesse escondendo algo.

Essa é a sua última resposta antes de fechar os olhos e fingir que está dormindo. Desligo a luz, não querendo incomodar, e vou para o banheiro, onde tomo um longo banho, nessa noite eu não dormirei nada, porque o cartão de Andy me encara de cima do criado-mudo.



— Amy falou alguma coisa para você? — Mandy pergunta enquanto arruma a mesa para o café.

— Não, apesar de ter ficado até tarde me esperando.

— Liam disse que ela estava mais branca do que o normal depois do encontro com Andy. O que você acha que ele falou para ela?

— Ela deixou o cartão dele sobre a mesinha ontem à noite, o que quer que seja, não deve ser nenhum segredo.

— Bom, pelo menos parece que estamos mais próximos de nos livrar do Michael.

— Parece que sim. — Tomo o último gole de café antes de voltar a encher minha xícara com mais.

— Vocês conversaram sobre deixá-la encontrar Andy? Talvez seja uma armadilha do Michael, no final.

— Sim, Liam parece achar uma boa ideia se formos com ela. Andy está fora do radar há dois anos, de acordo com Josh, se ele fosse realmente uma ameaça, Michael não teria usado a cartada final com Liam.

— Será que a máfia está realmente envolvida com isso tudo? Depois de todo o lance com o cartel, eles teriam coragem de nos atacar?

— Seria um ataque precoce, o que os deixaria sem direito algum. Se Amy for realmente amuleto dele, ela tem a nossa marca, o que a faz nossa, já que eles a abandonaram. — Lavo a xícara na pia. — Mas tudo isso só é válido se ela tiver algo com eles, senão o único problema é Michael.

— Por que o clube não paga essa dívida e nos livramos dele? Amy merece um pouco de paz.

— Nós estamos falando de milhões no nome de Amy. Até que ela complete vinte e um anos, ele estará nos fazendo companhia.

— Aquele desgraçado. Um tiro no meio da testa faria bem a ele.

— Um visual diferente — brinco.

— Acho bom você ir ver se ela já acordou. — Mandy empurra uma bandeja com café da manhã de Amy na minha direção.

— É por isso que te amo. — Beijo o topo da sua cabeça ao passar por

ela.

Apesar de não admitir, ela está sempre preocupada com nossas garotas. Quando entro no quarto, Amy está sentada na cama encarando algo em suas mãos com o cabelo molhado solto em suas costas. Coloco a bandeja na mesinha ao lado antes de ajoelhar à sua frente. Um sorriso brinca em seus lábios, quando nossos olhos se encontram.

— Bom dia — sua voz rouca me cumprimenta.

— Como você está se sentindo?

— Confusa.

— Você quer falar sobre isso?

Ela enrola um fio solto do cobertor no seu dedo, levando seu tempo até começar a falar.

— É como se de repente dez anos da minha vida fossem tirados de mim. Será que tudo o que eu vivi foi uma mentira?

Eu entendo suas dúvidas, me questionei por muito tempo sobre isso após descobrir sobre meu verdadeiro pai.

— Seu pai trabalhava para o clube antes do acidente...

— Então o clube foi responsável pela morte deles?

— Não sei até que ponto tudo se liga. — O silêncio volta a reinar por alguns minutos até que Amy volta a falar sobre o cartão. — Mas é provável que sim, mesmo que indiretamente.

— O que estão escondendo de mim?

Suspirando, sento-me no chão à sua frente, colocando minhas costas contra a parede.

— Alguns anos antes do acidente, seu pai começou a trabalhar com o clube, seu escritório de contabilidade era o mais confiável da cidade, então não me espanta que Michael o tenha escolhido. Com o passar dos anos, seu pai começou a lavar o dinheiro que Michael ganhou, não sei como começou, mas ele também desviava dinheiro para uma conta em seu nome. Foram vários anos assim, até o dia do acidente. Desconfiamos que ele podia estar fugindo de Michael no dia que o acidente aconteceu.

— Onde está esse dinheiro?

— Em uma conta na Rússia, seu pai deixou algumas instruções para quando você completar vinte e um anos.

— Essa é a dívida que tenho com Michael?

— Provavelmente.

— Quanto?

— A essa altura? Alguns milhões.

O olhar em seu rosto é como se estivesse prestes a desmaiar, ela puxa algumas respirações profundas, voltando a encarar o cartão.

— Ele vai me matar.

Amy

— Nós não vamos deixá-lo tocar em você.

Meus sonhos eram repletos de pesadelos, até que desisti de dormir e fiquei olhando a paisagem pela janela, Mark chegou pouco tempo depois. Como queria evitar completamente uma conversa com ele, voltei para cama onde fingi dormir, mas não fui a única. Pelo canto do olho, observava sua movimentação pelo quarto, em algum momento acabei relaxando, o que só fez com que eu sonhasse mais uma vez com os rostos inertes dos meus pais. Meu corpo estava repleto de suor, então tomei um banho frio e esperei Mark voltar. E é aqui que estamos agora, com ele sentado no chão, enquanto tento não surtar com o que acabei de descobrir.

— De quantos milhões estamos falando?

— Não faço a menor ideia.

— Okay. Tudo bem. Você disse que um lutador chega a ganhar em média seis mil por luta, se eu lutava duas vezes por semana, durante quatro semanas, em dois anos. Michael chegou a ganhar comigo...

— Não sabemos realmente se esse foi o valor arrecadado.

— Argh. — Deito-me na cama, cobrindo meu rosto com as mãos. — Ele vai me matar, eu vi pessoas sendo mortas por muito menos.

— Sua fé em mim é emocionante. — Espio por entre os dedos quando coloca seu corpo entre minhas pernas, oferecendo suas mãos. — Ninguém em sã consciência vai tocar em você.

— O meu medo é que Michael não tenha consciência. — Observo como sua mandíbula enrijece. — Quero que você ligue para Andy.

— Você confia nele o suficiente para isso?

— Ele é a nossa última opção.

Sento-me na cama novamente ao mesmo tempo em que Mark fala ao telefone com Andy sem relutância, talvez ele esteja tão ansioso quanto eu para acabar com isso. A conversa não parece ser muito animadora ou é apenas o rosto de Mark que congelou em uma careta, mas enquanto falam, sinto minha pressão arterial subir. É como se de alguma forma meu corpo soubesse que minha vida está prestes a mudar. Mordo um pedaço da torrada com geleia, querendo garantir que não vou desmaiar após as palavras de Mark.

— Tudo bem. Nós vamos aguardar. — Mark coloca o telefone sobre a

mesinha e mudo minha atenção para seu rosto. — Ele disse que Michael entrou em contato com ele ontem depois do seu encontro no hospital. Parece que Michael está mantendo um olho em vocês dois, Andy quer garantir que o encontro entre vocês vai ser seguro antes de marcarem uma data. — Uma bola começa a crescer no meu estômago, acompanhado por uma ânsia de vômito. Coloco a torrada de volta na bandeja, concentrando-me em minha respiração. — Andy falou o que estava fazendo lá?

— Seu neto tinha acabado de nascer. Por quê?

Sua desconfiança está me fazendo sentir mal. Andy é a minha única chance de colocar um ponto final nessa história. Preciso saber o porquê do interesse de Michael em mim ou qual era o seu envolvimento com meu pai. Se minha mãe sabia desse novo trabalho, então era por isso que as brigas e discussões estavam cada vez mais frequentes. Também faria o mesmo se a minha família estivesse em perigo.

— Depois de tudo o que ele fez com você, ainda acredita que Andy é a melhor saída?

— *Você pode ficar aí sentada, chorando, enquanto zombam de você. Ou pode socar o rosto deles e chorar fingindo que é sua mão que dói e não seu ego.*

— Ele foi a figura mais próxima de pai que tive em cinco anos, acredito que ele mereça o benefício da dúvida.



Mark parece irritado quando seu celular toca e ele anda até a janela para atender, enquanto isso, fico sentada na cama encarando as cicatrizes em meus dedos. Mesmo com tudo o que aconteceu na minha vida ao longo dos anos, parece que a cada momento é como se as barreiras que me seguram estivessem prontas para romperem. A tatuagem em meu pulso traz um pouco de conforto, mas não o suficiente para acalmar meu coração.

— Liam está convocando o clube para uma reunião, você poderia esperar lá embaixo com as meninas?

— É sobre mim?

Sua voz nega, mas seus olhos não. Pego meu bloco de notas, sem querer acrescentar mais confusão ao pacote. Descemos as escadas em direção à sala de jogos e sou pega de surpresa quando o pequeno Noah se choca contra minhas pernas em um abraço apertado.

— Ele não é muito sociável com as pessoas, mas parece que você conquistou seu coração — Livie fala quando nossos olhares se encontram.

Sorrio para Noah antes de pegá-lo no colo e sussurrar em seu ouvido.

— Senti sua falta, amigo.

— Nos encontramos para um duelo mais tarde, pequeno homem! — Mark grita, apontando para Noah, do seu lugar na porta.

— Duelo! — Noah responde, levantando seu pequeno braço, o que arranca sorrisos de todas as garotas na sala, inclusive o meu.

Coloco-o no chão novamente, o que o faz correr em direção à pequena Emma, que está sentada em frente a vários bloquinhos de montar.

— Ally? Ally? Ally!

— O quê? — Ally levanta os olhos dos livros pela primeira vez desde que cheguei.

— Amy está aqui — Mandy anuncia. — Você pode sair do seu mundinho nerd por alguns minutos?

— Oh, Amy. Certo. — Ela se atrapalha um pouco ao longo da mesa que está ocupando e fecha todos os livros sobre anatomia antes de se sentar ao lado de Mandy no banco do balcão do bar. — Sobre o que vocês estão falando? — Ajeita rapidamente os óculos, que voltam a cair em seu nariz.

— Nós estávamos treinando um pouco a linguagem de sinais, já que Mark nos contou que é a sua única forma de comunicação. Infelizmente, a única que conseguiu evoluir foi Livie...

— Isso porque recebemos semana passada uma garotinha com problemas na audição, ela não é muda, mas se recusa a falar. Então, essa é a única maneira de nos comunicarmos, mesmo que ela tenha a sua própria linguagem, às vezes.

— Em nome de todo o grupo, quero te pedir desculpas por não conseguirmos nos adaptar. Estamos nos sentindo horríveis, mas Mark disse que você pode escrever, então, até sairmos do nível um, ainda há uma chance para as nossas conversas. Porque realmente queremos saber mais sobre você.

— *Você possui uma limitação, mas não precisa ter vergonha disso.*

— *Ninguém quer ouvir uma retardada falar.*

— *Ficar falando não está ajudando, é melhor ficar em silêncio, como sempre fez.*

— *Por que sua voz é horrível?*

— *Pode continuar em silêncio, ninguém vai sentir falta da sua voz*

mesmo.

— Um dia você vai estar pronta para apresentar sua voz ao mundo novamente, Amy. Quando quiser dar som às suas palavras, alguém estará lá para ouvir.

As vozes continuam indo e vindo na minha mente, lembrando-me do porquê parei de falar, embora Andy sempre insistisse que eu estaria pronta no momento certo, nunca acreditei realmente que esse momento chegaria. Apesar de Mark ter sido o primeiro a ouvir em anos de silêncio, falar com as meninas é como superar anos de tortura. Não sei se um dia realmente estarei pronta, mas só saberei quando tentar.

— Mark... mentiu... por mim. — Minha voz sai trêmula e desregular pelo nervosismo. Olho atentamente para seus rostos na espera de reprovação, mas tudo o que ganho é um grito de Livie, que leva as mãos à boca enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto.

— Eu não quero chorar, Livie. Fique quieta — Ally repreende, mas as lágrimas já enchem seus olhos.

Ao contrário de todos, como sempre, Mandy me aperta em um longo e apertado abraçado. Fico atônita, sem saber como reagir, de tudo o que imaginei, essa não era a reação que eu esperava.

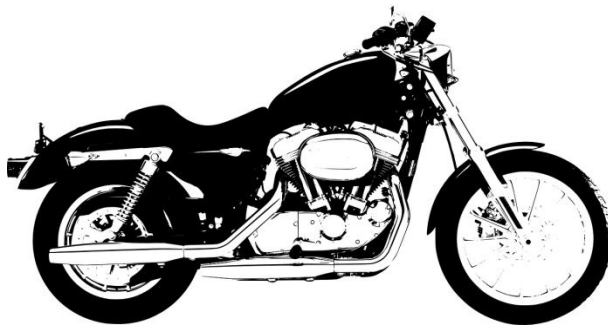
— Desculpa, desculpa, desculpa. Quando Noah contou que você conseguia falar, eu não acreditei, então ele — mais lágrimas escorrem pelo seu rosto — disse que você ia falar quando estivesse pronta. Oh, Deus, eu amo aquele garoto! — Livie começa a limpar as lágrimas, mordendo o lábio inferior para impedir que mais caiam.

Olho para Noah brincando com sua irmã, completamente alheio ao momento hormonal.

— É humanamente possível me congelar para me casar com Noah, Ally?

— Eu não quero você como nora, Mandy — Livie rebate, o que faz com que Mandy revire os olhos.

— Por que você passou tanto tempo sem falar? — Ally encerra a discussão com a pergunta de um milhão de dólares.



Capítulo 24

Mark

No momento em que encontrei apenas Liam, Collin e Josh na sala de reuniões, eu sabia que algo estava errado.

— Vamos direto ao assunto. — Sento-me ao fim da mesa esperando a bomba explodir.

— Não tinha nenhum registro de visitante com o nome Andy e nem de sua filha.

— Que ele nunca teve — Collin completa a frase de Liam.

— Ele pode ter usado um nome falso?

— O registro das câmeras de segurança o mostra seguindo o carro de Ally até o hospital e saindo logo depois de vocês — Josh explica.

— Um pouco amador para um veterano.

— Era isso que estávamos falando. Ele está querendo deixar algum sinal ou Amy não disse tudo da conversa entre os dois.

Como um sinal para nossas perguntas, escutamos um barulho de explosão do lado de fora do clube. Liam e Collin correm em direção às meninas, enquanto Josh e eu vamos na direção da explosão. Alguns membros do clube estão reunidos do lado de fora, completamente atônitos com a situação, não há sinal de feridos, mas a garagem foi completamente destruída pelo fogo e há apenas destroços.

— Tudo foi abaixo minutos depois que Billy acionou o alarme.

Olho para Billy sentado no chão sendo aparado por outros homens, sua roupa está suja e um lado do seu rosto está sangrando, mas parece que não teve danos maiores.

— Acho que descobrimos o sinal que Andy queria passar.

— O clube está sendo vigiado.

Os danos poderiam ter sido piores se os rapazes estivessem dentro da garagem no momento, parece que a pessoa que arquitetou o ataque não estava querendo causar nenhuma vítima.

— Mandem fechar o clube. Ninguém entra, ninguém sai. Quero a boate, fábrica e o alojamento das garotas verificados. Quem fez isso não vai parar tão cedo. — Os membros começam a se mover ao escutarem os gritos de Liam.



— Por que acusar um de nós, quando tudo começou após a chegada de Amy.

— Eu não virei o vice-presidente do clube aos vinte e dois anos sendo idiota, Cash. Eu sei que o traidor está nessa sala e juro que no momento que minhas mãos tocarem essa pessoa, arrancarei a pele dela com minhas próprias mãos. — O soco que ele dá na mesa faz com que o nosso assistente de ^{TI} trema, assustado.

Bato levemente em seu ombro, sorrindo para tranquilizá-lo e ele poder conseguir as imagens do clube que foram misteriosamente apagadas.

— Se você sabe quem foi, então acuse-o, Liam.

Não vou mentir, mas Cash tem bolas. Uma acusação errada pode tirar o *patch* de presidente. Liam o encara por um longo momento até que Cash é obrigado a desviar. Sinal de que é um traidor.

— Encontrei — o pequeno garoto sussurra.

Inclino-me para olhar as gravações da câmera de segurança. Mas o que encontro me deixa completamente atônito.

— É uma garota. — Liam parece tão atordoado quanto eu ao se aproximar do computador.

— Ou ela conhece o clube muito bem ou teve sorte, já que nenhuma câmera conseguiu filmar o rosto dela. E a garota está com o rosto livre.

Que porra é essa?

Tenho certeza de que não sou o único que está pensando isso, os caras começam a ficar ao redor da mesa para tentar identificar a garota, mas ela nunca foi vista aqui dentro. O único que continuou sentado foi Cash, com uma pequena

inclinação em seu lábio.

— Encontraram alguma coisa? — Collin pergunta, invadindo a sala.

— Que porra que um policial está fazendo aqui?

Após a morte do pai de criação de Livie, caso que Collin era responsável, Cash não ficou muito feliz em descobrir que tínhamos um informante da polícia dentro do clube. Parece que esqueletos no armário podem causar um certo desconforto na presença de policiais.

— Não esqueça que a porra desse policial está tirando sua bunda da cadeia. — Quando Collin chegou ao clube, não ficamos muito felizes em descobrir que ele trabalhava para o lado negro da força, no entanto, ele conseguiu nos convencer de que se entregarmos Michael para o FBI, o clube recebe algumas folgas das acusações e assim podemos continuar com a legitimação dele. — Encontraram uma bomba caseira no alojamento das mulheres e algumas dinamites no subsolo.

— Digital?

— Nada. Esse cara é um profissional.

— É uma garota. Nunca estive tão orgulhoso disso.

— Sério, Mark?

Dou de ombros para Liam, apesar de ela estar tentando nos matar, isso me deixa orgulhoso, foco toda minha atenção na imagem da garota, apenas a lateral do seu rosto é visível, mas levemente desfocada. Apesar de não ser muito nítida, no momento que encontrar esse rosto novamente eu saberei quem é.

Amy

Semanas passaram após o atentado à sede do clube, no entanto, ainda continuamos sem nenhuma ideia de quem é o responsável por todos os ataques. Houve algumas explosões em outras sedes do clube, mas sem nenhum ferido. Liam fechou o clube por tempo indeterminado. Livie e Collin estão morando no clube por enquanto, eles não querem arriscar que o envolvimento dele com o clube o prejudique, mesmo com seu trabalho para a polícia. Apesar de ter voltado a ficar infiltrado no clube após os ataques. Mark disse que Michael é seu caso principal e com ele ligado ao clube novamente, Collin precisa retornar. Ally e Suzan voltaram a morar no clube, apesar do ataque, o clube continua sendo o lugar mais seguro. Eu e Mark também nos mudamos, alguns membros do clube continuam me culpando por ter trazido a ira de Michael até o Silence Angels, apesar de Mark afirmar que os ataques não estão relacionados a mim, é perceptível que ele está mentindo. As primeiras semanas que sucederam aos ataques foram horríveis, eu não conseguia fazer nada, nem mesmo lutar.

Na hora das refeições, Mark era obrigado a levar para o nosso quarto, já que os olhares desprezíveis e a culpa eram horríveis de aguentar. Mas em certo momento Ally deu um ataque de raiva, onde ameaçou quebrar a cara de algumas pessoas e elas realmente passaram a respeitar sua *old lady*. Foi estranho ver aquela frágil garota brigando com um cara com o dobro da sua altura por minha causa, mas sou grata por isso, já que a hostilidade do clube amenizou.

Todos estão vivendo momentos de grande tensão, minha principal preocupação é Mark, que não tem relaxado nas últimas semanas. Vê-lo dormir é quase impossível, e quando acontece é um sono agitado com pesadelos que ele nunca comenta sobre.

Tudo se transformou em uma grande confusão e se eu pudesse voltar no tempo para arrancar o coração de Michael no nosso primeiro encontro, eu o faria.

— Se você piscar mais uma vez, eu vou arrancar seus olhos. — A voz autoritária de Amélia me traz à realidade.

Mark me deixou no apartamento dela antes de voltar para o clube e resolver mais algumas questões das ameaças que estão sofrendo. Hoje é o jantar de Natal e aniversário do Mark, o clima não poderia estar pior e a tensão entre Amélia e Mark é palpável.

Ela comentou algo sobre eu não poder deixar o lado de Mark ou a situação irá ficar pior que os atentados ao Silence Angels.

— Se Mark ousar se atrasar...

— Ele não vai. — Pelo menos espero que não, esse jantar parece ser muito importante para Amélia.

— Você já pode se vestir, tente fazer isso sem estragar minha arte.

— Sim, senhora. — Levanto-me com cuidado da cadeira e sigo até o banheiro fazendo o menor movimento possível para não provocar frizz no meu cabelo. Ele está preso em um meio rabo de cavalo e solto em cachos pelas minhas costas e há uma fivela com pedras vermelhas. Eu não tive coragem de olhar para o espelho, porque a imagem refletida ali traria as memórias da minha antiga vida, e a última coisa que preciso é estar com o emocional abalado.

O vestido vermelho com um decote em $\vee$ tem uma pequena fenda na perna esquerda. Com o comprimento até os pés, ele tem uma saia sem volume e o corpete valoriza minha cintura e busto. No final, ir para essa festa não é tão ruim.



Capítulo 25

Amy

Controlar a respiração nunca foi meu forte. Só de imaginar ficar em um ambiente repleto de pessoas faz com que meu psicológico entre em pânico. Agulhas começam a perfurar minha pele, o coração acelera como se fosse saltar para fora do meu corpo, enquanto em minha mente começa a passar um filme de todas as situações desastrosas que já aconteceram na minha vida desde que perdi a audição.

— Ficaremos só algumas horas. Tudo vai ficar bem. Eu tenho controle sobre isso — Amélia repete essa frase pela terceira vez desde que estacionamos em frente à sua casa, um homem com terno branco está parado do lado de fora do carro nos esperando sair. — Okay, não tropece, não caia, mantenha-se ereta e você vai conseguir sobreviver a esse salto. Ah, não deixe Mark e Roger sozinhos no mesmo ambiente.

Aceno concordando antes de segui-la e sair do carro. Mantenho meus olhos no chão, distraída com o vestido e sapato com medo de dar um passo em falso, quando estou perfeitamente estabilizada, levanto o olhar. Não sei bem o momento em que meus olhos se encontraram com os de Mark, mas o momento foi tão intenso que senti minha alma flutuar até a dele. Seu olhar parou no meu rosto por um bom momento antes de percorrer todo o meu corpo.

— *Porra.* — Ele sinaliza rapidamente em uma troca só nossa. Sorrio com o canto da boca, sentindo meu rosto esquentar. A Amy má está feliz por ter feito

um ponto com Mark. — Eu sou o tipo de pessoa que atira no próprio pé — Mark comenta ao enrolar seu braço ao redor da minha cintura.

— Eu sou a que entrega a arma — Amélia comenta em uma troca que só os dois entendem.

Tudo parece tão tranquilo até que uma massa de pessoas começa a nos rodear, várias vozes falando ao mesmo mais os flashes das câmeras estão me deixando atordoada. O braço de Mark aperta ainda mais contra mim, e com outro braço afasta as pessoas até que entramos no salão, onde volto a respirar novamente.

— Amélia?

— Ela consegue lidar com os repórteres, agora voltando para você — suas mãos seguram meu rosto, enquanto seus olhos ficam fixos em meus lábios —, vermelho sempre foi minha cor favorita. — Seus lábios tocam os meus, causando arrepios por todo meu corpo. Eu poderia me perder em seus lábios para sempre, é incrível como um simples toque pode me deixar viva novamente. — Vamos apenas ignorar as pessoas.

— Mostre-me o caminho — brinco.

Mark

Não vou mentir que ter Amy ao meu lado não me deixa mais calmo. É completamente reconfortante a ter comigo, apesar de estar nesse evento todos os anos, ainda não me acostumei a essa casa. É só questão de tempo até que Roger apareça com a alta sociedade e tente fazer seu ponto em como ele é magnífico e eu sou um desperdício de dinheiro. Eu só queria que, depois de tantos anos, as palavras parassem de ter tanto significado.

— Olha para você, quem é a bela garota ao seu lado?

Viro-me na direção da voz da tia Margot e Stuart, seu marido.

— É apenas minha tia Margot e tio Stuart — falo na orelha esquerda de Amy quando a sinto tensionar ao meu lado. — Você está radiante hoje, Mar. — Literalmente. Sua obsessão por brilho a faz usar roupas com paetês e exagerados colares e brincos de diamante. Desconfio que a maior parte da iluminação dessa sala venha da sua roupa.

— São seus olhos, Philip. — Posso sentir o olhar de Amy queimando a lateral da minha cabeça, evito olhar na sua direção a todo custo. Mesmo depois de tantos meses morando juntos, nunca tive coragem de falar sobre o meu nome. — Você viu sua mãe hoje? Ela parece estar melhor.

— Estávamos indo agora mesmo, se você nos der licença. — Beijo sua mão em sinal de respeito antes de dar o maior número de passos de distância levando Amy comigo.

— Philip?

— É uma longa história.

Amy não parece satisfeita com minha resposta, no entanto, deixa o assunto morrer apesar de cravar suas unhas com toda intensidade no meu braço. Há uma música suave vindo do salão de música e o burburinho das conversas aleatórias não parece estar incomodando. Continuamos seguindo pelo corredor, fugindo de participantes do partido de Roger querendo uma aproximação com o filho dele, como se minha presença fosse significativa para Roger.

— Para onde vamos?

— Quero te mostrar uma coisa. — Eu sigo para o jardim do fundo, o meu lugar favorito de toda a casa. O gazebo rústico foi a única parte da casa que consegui salvar antes de Roger a destruir na sua ânsia por uma casa moderna. Eu e a minha avó fizemos toda a decoração, reformando-o, mas a cada ano que passava, Roger proibia a presença dela na nossa casa a ponto de evitar

completamente sua presença, então era apenas eu cuidando e preservando-o, até que fui expulso de casa. Mas minha mãe passou a assumir esse papel de mantê-lo conservado até hoje.

— É tão lindo.

— Assim como você. — Beijo a curva entre seu pescoço e ombro, pressionando nossos corpos juntos. — Além dos seus pais, do que você mais sente falta desde o acidente?

— Das músicas. — Amy não hesita em responder, então nem penso duas vezes antes de cantar, levando seu corpo em uma dança suave. Encosto minha boca em sua orelha para que ela possa ouvir claramente as próximas palavras.

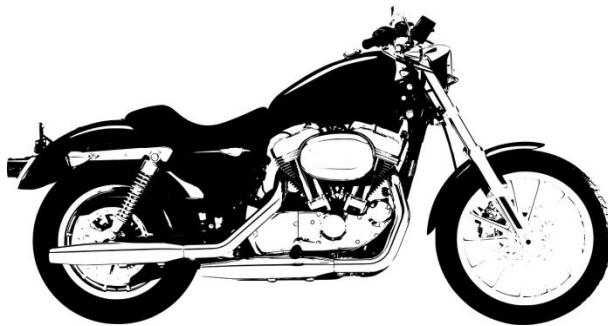
*Wise men say only fools rush in
But I can't help falling in love with you
Shall I stay?
Would it be a sin
If I can't help falling in love with you?
Like a river flows surely to the sea
Darling so it goes
Some things are meant to be
Take my hand, take my whole life too
For I can't help falling in love with you.*

Com a cabeça deitada no meu peito, sinto suas lágrimas molhando minha camisa. Acaricio suas costas, beijando o topo da sua cabeça, inalando o cheiro do seu *shampoo*.

— Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida. — Deixo suas palavras afundarem em mim, fazendo a escuridão começar a desvanecer.

***Can't Help Falling In Love - Elvis Presley
Homens sábios dizem
Que só os tolos se apaixonam
Mas eu não consigo evitar
Me apaixonar por você
Eu deveria ficar?
Seria um pecado
Se eu não consigo evitar
Me apaixonar por você?***

*Como um rio que corre
Certamente para o mar
Querida, é assim
Algumas coisas estão destinadas a acontecer
Pegue minha mão
Tome minha vida inteira também
Porque eu não consigo evitar
Me apaixonar por você
Como um rio que corre
Certamente para o mar
Querida, é assim
Algumas coisas estão destinadas a acontecer
Pegue minha mão
Tome minha vida inteira também
Porque eu não consigo evitar
Me apaixonar por você
Porque eu não consigo evitar
Me apaixonar por você*



Capítulo 26

Mark

— Você deixa meu mundo com mais som. — O som da sua voz embargada faz com que eu queira ser o cara que irá mostrar a ela os melhores sons, as melhores viagens e que juntos vamos fazer os melhores momentos.

— Amy, eu...

— Philip querido. Você veio. — Sou interrompido pela chegada da minha mãe no gazebo. — Margot disse que o viu trazendo uma garota aqui. Você deve ser Amy.

— Olá. — Amy me surpreende ao falar com minha mãe.

— Olá, querida. Você poderia me deixar a sós com meu filho por alguns minutos?

— Mãe, agora não.

— Por favor?

— Eu vou procurar Amélia — Amy sussurra.

Eu a observo se afastar até desaparecer pela porta por onde viemos.

— Você sumiu. — Seus olhos enchem de lágrimas e começo a sentir culpa por não fazer muito esforço para vê-la.

— Desculpe-me, não vou deixar mais isso acontecer. — Beijo o topo da sua cabeça quando se aproxima para dar um abraço. Sua pequena estatura fica tão frágil comparada com a minha. — Como você está?

— A minha terapeuta suspendeu alguns dos meus medicamentos. Estou ficando melhor — fala, orgulhosa.

— Acredito em você. — Enrolo seu braço no meu, levando-a até o banco de madeira na lateral do gazebo. — Você está fazendo um bom trabalho nesse

lugar.

— Queria que você tivesse orgulho de mim. — Suas palavras são como pequenas agulhas afundando em minha pele em um show de orgulho.

Seguro suas mãos entre as minhas, fazendo-a olhar em meus olhos.

— Eu sempre vou ter orgulho de você, *mommy*. Não importa o que aconteça entre mim e Roger.

— Como pude errar tanto com você? — Sua mão toca minha barba e sobe até o coque em cima da minha cabeça.

— Mãe...

— Bennet queria você.

Sou pego desprevenido por suas palavras, o que me faz recuar do seu toque.

— Ele já está morto, você não precisa mentir por ele.

— Já menti demais para você, filho. — Sua voz embarga. — Quando descobri que estava grávida, Bennet se ofereceu para assumir nosso relacionamento. Ele largaria o clube por nós dois, mas eu não poderia deixar nossa vida se submeter a isso. Então eu o abandonei para ficar com Roger, mas fui inocente demais para acreditar que Roger aceitaria cuidar do filho de outro homem.

— Não acredito nisso. — Levanto-me abruptamente, passando as mãos pelos meus cabelos, deixando um rastro de bagunça.

— Vida, eu preciso que você me escute.

— Não, não, não. Eu não vou ficar parado escutando você defender um homem que estragou a vida da minha irmã.

— Você se lembra do apanhador de sonhos que tinha no seu quarto? O que Roger quebrou no seu oitavo aniversário? Foi o presente que Bennet lhe deu no dia do seu nascimento, ele o pegou no colo enquanto Roger estava na lanchonete. Naquele dia, eu vi o amor que ele era capaz de lhe dar. Mas ao colocar você de volta no berço, ele não era mais o mesmo, depois desse dia todas as notícias relacionadas a ele eram sobre o quão cruel poderia ser com um inimigo. Eu o quebrei de mais maneiras do que posso me perdoar ao ter tirado você dele. — A sinceridade em seus olhos me faz parar.

Olho para o meu reflexo do outro lado da mesa. Demorou mais do que eu queria até encontrar o paradeiro do homem que dizem ser meu pai. Depois de uma breve temporada nos Silence Angels, descobri tudo que poderia

encontrar do presidente do Clube South Bike.

— *Está preparado para assumir meu lugar, filho?*

— *Sim.*

Eu realmente estava até que descobri tudo sobre a mulher presa no sótão e a jovem garota que morava no prostíbulo. Meu plano era continuar no lugar até libertar a mulher, mas tudo se perdeu quando encontrei Ally sendo espancada por ele. Nem um homem do meu tamanho aguentaria o peso daqueles golpes contra sua pele. Bennet estava preparado para matá-la, enquanto várias pessoas estavam felizes em assistir àquilo. Naquele momento, Bennet já tinha passado muitas informações sobre a administração do clube, tudo que aprendi serviu como uma moeda de troca para libertar minha pequena das mãos daquele monstro, mas isso não amenizou a surra que dei nele naquele dia. A partir daquele momento, Josh e eu conseguimos convencer Liam a sequestrar Ally da maneira menos perigosa. Com dezoito anos, procurei amor nos braços de uma pessoa que mostrou o lado mais obscuro de um ser humano.

— *Por que agora?*

— *Porque você precisa saber que foi amado por seus pais. Mesmo que por alguns minutos, Bennet o amou da maneira imperfeita dele. Eu te amo, filho. Tudo o que mais quero é poder trocar minha pele pela sua, seus gritos pelos meus, eu... eu só queria ter entrado na sua frente todas as vezes que Roger levantou a mão para você. Me desculpe, filho, se fui fraca demais para te proteger. Queria poder segurar seu corpo, enquanto chorava. Niná-lo em meu colo até dormir tranquilamente em seu quarto sem ter medo do que poderia acontecer no fim da noite, eu não fui o que você precisava, Philip.*

O couro queima quando choca contra minha pele repetidas vezes. Sinto minha calça molhar e o cheiro de urina preencher minhas narinas. Eu estou com muita dor e se me mover tudo vai ficar pior, tudo sempre fica pior. Assim como nas outras noites, eu só quero entender por que eu?

— *Seu pai vem ao jogo esse final de semana, Phil? — Encaro o rosto vermelho e suado de Ted antes de negar com um aceno. Meu pai está sempre ocupado para assistir aos meus jogos, então apenas parei de convidá-lo. Mommy também anda muito ocupada com as mulheres da sociedade para vir ao jogo de futebol, o que faz com que Amélia seja minha convidada. — Bom, meu pai está muito animado para nos assistir. Ele disse que terão olheiros pelo estádio.*

Naquele final de semana, um homem de terno chamou minha atenção no final da arquibancada, por muito tempo acreditei que poderia ter sido Roger,

mas com o passar dos anos a minha ilusão acabou.

— Como foi a escola hoje? — Papai continua distraído em seu celular, mesmo que mommy tenha pedido para se concentrar na refeição.

— Fui eleito o presidente do clube de matemática — falo na expectativa de que ele vá ficar orgulhoso.

— Você pode fazer melhor que isso.

Amy

Corredor. Virar à direita. Corredor. Frente. Corredor. Virar à esquerda.

Em algum momento durante o trajeto, termino ficando perdida na casa dos pais de Amélia. O lugar é extremamente grande e o fato da minha cabeça estar pesando por causa da pressão que o aparelho exerce sobre minha orelha deixa tudo ao meu redor uma completa confusão. Em algum momento acabo esbarrando em um homem de terno no corredor, ele está distraído olhando para o celular e ao levantar os olhos, seu olhar percorre todo meu corpo antes de um sorriso de escárnio crescer em seu rosto.

— Você é a puta que está acompanhando meu filho? — Demoro para entender o significado de suas palavras, até que mostra a tela do celular com uma reportagem onde aparece Amélia, Mark e eu. Tento voltar pelo corredor que entrei, mas suas mãos nojentas agarram meu braço. — Aonde você pensa que vai, pequena putinha? Eu posso pagar muito mais do que ele.

— Me solte!

Seu ataque físico para, mas o verbal continua.

— Ele também faz caso de caridade com as namoradas? — Antes que sua boca consiga encostar na minha pele, acerto meu joelho entre suas pernas, fazendo-o recuar, e golpeio seu nariz com o meu punho. — Porra! Você é louca, garota? — Avanço na sua direção, mas paro quando levanta as mãos em sinal de rendição. — Já entendi. Não vou mais tocar em você. — Sangue começa a escorrer pelo seu nariz e sorrio satisfeita. — Você sabe quem sou?

— Um filho da puta asqueroso? — Andy pode ter ensinado algumas palavras ruins para que eu pudesse usar durante as lutas, mesmo que eu nunca falasse. O sorriso ensanguentado o deixa um pouco assustador, mas a figura sentada no chão do corredor tentando estancar o sangue ameniza um pouco seu poder.

— Eu sou o senador, poderia fazer você ser presa em um estalar de dedos.

— Posso quebrar seu pescoço e fazer parecer ser um acidente antes de conseguir soletrar senador. Mas não que eu esteja ameaçando. — Dou de ombros inocentemente.

— Sua voz é estranha.

— Você é um idiota, mas não vejo ninguém falar isso em voz alta. — Seu riso preenche o ambiente antes silencioso, mas não causa nenhuma reação em

mim.

— Meu nome é Roger, se quiser saber. Desculpe pelo que fiz mais cedo, mas Philip não costuma tomar boas decisões.

— Ou é você que não está pronto para aceitá-lo como ele é? Mark construiu muito mais sozinho do que você quer admitir. — A escuridão aparece rapidamente em seus olhos e desaparece na mesma velocidade.

— Talvez eu sinta um pouco de inveja dele, mas a raiva domina, pois olhar para ele é como enxergar Bennet.

— Por que você está contando isso para mim?

— Porque minha filha está trancada no banheiro cortando sua pele acreditando que ninguém sabe.

Olho para a porta que ele aponta, preocupada com o estado de Amélia. Mark contou dos casos de ansiedade dela, mas não imaginava que era tão grave.

— Você fica aqui parado sabendo o que está acontecendo lá dentro?

— É por minha causa que ela está dentro.

Ignorando suas palavras, avanço em direção à porta esperando encontrá-la destrancada.

— Eu não conheço você e muito menos sua história, mas você vai acabar matando seus filhos se não mudar sua forma de ver o mundo. O mundo é muito mais do que está à sua frente, aprenda a olhar ao redor e a ouvir os gritos silenciosos dos seus filhos.



— Eu tinha trancado a porta — Amélia fala apressada, tentando esconder os cortes em seu abdômen e o sangue fresco. — Eu odeio cicatrizes. — Volta a guardar a lâmina na bolsa, limpando as mãos ensanguentadas na pia.

— Então por que você se corta?

— Porque eu me odeio. — Lágrimas escorrem pelo seu rosto, enquanto continua esfregando suas mãos repetidas vezes mesmo depois de estarem completamente limpas.

Meu cérebro emite um sinal de alerta quando me aproximo do seu corpo, desligo a torneira com cuidado para não tocá-la.

— Você já está limpa.

— Não, não, tem muito sangue. É muito sangue, o sangue dele ainda tá aqui.

— Amélia...

— Não consigo estancar o sangue dele...

— Amélia...

— Mamãe, não vai vir ajudar.

— Amélia! — Não queria gritar com ela, mas sua mente está perdida em um lugar de sofrimento. Ao olhar para mim é como se tivesse notado minha presença pela primeira vez desde que entrei no banheiro.

— Eu... eu... eu...

— Tudo bem, ataques de pânico são normais. Isso acontece quando estou perto de piscinas e banheiras. — Minhas palavras parecem relaxá-la um pouco, seus olhos olham para todos os cantos menos para mim, respirando fundo, começa a alisar a cintura do seu vestido, mas retrai ao tocar no ferimento. — O que aconteceu?

— Onde está Mark? Você não o deixou com papai, certo?

— Ele está em zona de segurança.

— Bom. — Respira aliviada, sentando-se na beira da banheira.

— Você vai me dizer o que provocou isso?

— Um jantar de Natal fracassado? Pelo menos ainda posso salvar o aniversário de Mark amanhã.

— O que Roger falou para você?

— A mesma coisa de sempre, o quanto está decepcionado com minhas atitudes e a do Mark, e como sua candidatura vai ser um fracasso por minha causa. — Lágrimas escorrem pelo seu rosto, borrando a maquiagem. — Desculpe por isso... é porque eu só queria que tudo fosse perfeito. Mark está certo quando disse que preciso sair da minha bolha de perfeição.

— Você precisa apenas parar de querer carregar sua família nas costas. Eles também precisam agir como adultos e você precisa aceitar as diferenças entre eles.

— Meu sonho é ter uma família unida, Amy. Queria acordar na manhã de Natal e encontrar presentes ao redor da árvore, queria sentir o cheiro de biscoito sendo assado na cozinha, queria que meu pai puxasse minha mãe para dançar ao som de um clichê natalino, queria que Mark puxasse minhas tranças quando tentasse abrir seus presentes. Eu só queria apagar seus gritos de dor no meio da

noite em seu quarto ou o som do seu braço quebrando, queria apagar o olhar de ódio de Roger para ele e o olhar vazio da minha mãe. — Seus olhos molhados de lágrimas me encaram. — Todo Natal é uma esperança que ambos vão se olhar e não vai ter nada além de amor e gratidão. Eu só queria refazer nossa história. — As palavras ficam presas em minha boca, porque realmente não sei o que dizer, a dor da Amélia é a mesma que a minha. Eu também queria poder refazer a história da minha família.



Capítulo 27

Amy

Estou no salão com Amélia orientando os garçons quando Mark aparece com os olhos vidrados e completamente atordoado. Segurando meu braço, beija sua irmã em despedida antes de caminhar até a saída.

— O que está acontecendo?

— Precisamos ir — fala apressado e completamente nervoso, dirigindo rapidamente sem ligar para os sinais vermelhos.

— Aconteceu alguma coisa com o clube?

Sua resposta é apenas o silêncio, afundo no banco do carona, completamente exausta dos últimos acontecimentos. Roger, Amélia e agora Mark. Quando chegamos ao clube, um dos membros abre o portão com o fuzil pendurado no pescoço, o que me faz tremer de susto. Seguimos na direção da casa, Mark destrava a porta, mas não faz menção de descer.

— Você pode descer.

— Não vai entrar? — pergunto, segurando a porta aberta.

— Preciso resolver algumas coisas. — Quando seus olhos encontram os

meus, noto a mesma escuridão de quando o encontrei destruindo seu escritório.

— Vou com você. — Não importa o que tenha acontecido naquela casa hoje, não há nada que me impeça ir com ele.

— Só desça do carro, Amy.

— Não — falo com o tom mais firme que consigo.

— Porra, Amy! — Descendo do carro completamente transtornado, Mark dá a volta no carro, entrando na casa e deixando-me sozinha.

Deixo os sapatos no chão do carro e o sigo correndo, suas pernas são enormes e o vestido longo impede que eu o alcance rapidamente. Com movimentos bruscos, Mark começa a tirar o paletó e gravata, enrolando as mangas na altura do cotovelo, ele volta a entrar no banheiro e retorna minutos depois com os olhos vermelhos e postura enrijecida. Observo seus movimentos atentamente, preparada para atacá-lo se for preciso. Ele continua traçando o mesmo caminho várias vezes, parando em frente à cômoda, onde segura um pequeno jarro florido, apertando-o repetidas vezes antes voltar a colocar no lugar.

— O que sua mãe disse?

— Nada. — Mark continua seguindo os mesmos passos, eu sei que ele quer explodir. Ele precisa explodir para se manter são.

— Grite comigo — peço ao notar que ele está à beira de um colapso.

— Eu não vou fazer. — Mark balança a cabeça, olhando-me como se eu fosse a coisa mais cômica que ele já viu.

— GRITE COMIGO, MARK!

— Eu não vou fazer isso, Amy!!

— Grite comigo!

— Eu não quero ouvir sua voz! — Dói? Sim, mas não machuca porque sei que isso o machuca também. — Eu estou morrendo por dentro! — Sua voz quebra, meus olhos ardem, leva tudo de mim para não despedaçar na sua frente. — Como eles podem ter mentido pra mim durante... porra. Dezoito anos?! Eu não queria dinheiro, eu só precisava de amor. Custa muito dar amor para uma criança? — Suas mãos puxam seu cabelo. — Por que eu? Por que tinha que acontecer comigo? Eu sou tão amaldiçoado, que a felicidade nunca vai bater à minha porta.

Tiro suas mãos do seu cabelo e as coloco ao redor do meu corpo, abraçando-o profundamente, enquanto sua voz quebra ao contar tudo o que

sofreu na infância. Das palavras cruéis do seu pai ao ataque físico durante a noite. Em algum momento, suas pernas começam a ceder e desmoronamos no chão com ele agarrado a mim, sua cabeça contra meu peito e suas lágrimas molhando o tecido do vestido.

— Você ainda pode correr. Philip é um chorão.

— Eu não vou a lugar nenhum. — Porque naquele momento eu também me apaixonei por Philip.

Seus lábios macios pressionam os meus em um beijo suave, inclino meu corpo em direção ao seu, quando suas mãos começam a entrar no meu vestido. O toque áspero contra minha pele me faz gemer e aprofundar o beijo. Segurando minhas pernas, ele levanta meu corpo para que eu esteja sentada sobre seu membro duro sem interromper o beijo em nenhum momento. Sua boca desce pelo meu pescoço em direção ao meu seio, chupando-os sobre o tecido.

— Estava com vontade de fazer isso desde que encontrei esse vestido. — Suas mãos levam as minhas até o zíper aberto, toco seu membro duro, o que deixa meu corpo mais quente de tesão. — Você quer isso, anjo?

— Eu quero você. — Balanço em seu colo, completamente excitada pelo toque. Mark rasga a parte de trás do meu vestido, deixando minha parte superior coberta só pelo sutiã. Sem qualquer cuidado, ele continua rasgando o meu vestido até que estou apenas de lingerie em cima dele. O pânico começa a invadir meu corpo quando ele se afasta rapidamente para tirar a calça. — Nunca fiz isso antes — falo apressadamente quando me coloca sobre a cama.

— Vou cuidar de você.

E assim ele faz. Sua boca percorre todo meu corpo em um beijo íntimo, deixando-me completamente excitada. Seus dedos ágeis tocam meu sexo, trazendo o gozo para perto e me levando ao pico do prazer quando estou prestes a explodir, sinto seu membro me invadir e uma explosão de dor e prazer toma conta do meu corpo. Mark tira a camisa rapidamente, enquanto tento me acostumar com essa nova sensação.

— Dói muito. — Choro. Minhas unhas arranham suas costas.

Ele segura minha mão em seu coração ao mesmo tempo que continua com as estocadas.

— Concentre-se no meu coração. — Suas palavras me fazem sorrir, momentaneamente, uma distração para dor. Mark beija meus lábios, sugando tudo de mim, ao mesmo tempo em que abro minhas pernas para acolher seu corpo ainda mais. Seus movimentos vão acelerando até que desmorona sobre

mim quando goza. Com uma mão ao meu lado para não me esmagar, ele percorre todo o caminho do meu corpo até o ponto onde estamos unidos e acaricia meu clitóris em movimentos suaves, então gozo com ele ainda dentro de mim. Sentindo-me completamente exausta.

Mark

Olho para o corpo adormecido de Amy na cama e a mancha do nosso gozo entre suas pernas. Eu nunca transei sem camisinha, até hoje. O desgaste emocional do dia me deixou completamente inconsequente em relação às minhas ações, mas não tenho arrependimento do que aconteceu há poucos minutos. Com cuidado para não acordá-la, eu a limpo suavemente com um pano molhado antes de cobri-la com o cobertor e me deitar ao seu lado, apesar de não ter a mínima chance de dormir, eu não quero deixá-la sozinha essa noite, quando ela foi a única a me segurar quando quebrei.

Amy

Acordo com algo úmido ao redor dos meus seios e um toque suave entre minhas pernas, demoro alguns minutos para que eu entenda o que está acontecendo. Ao abrir os olhos, encontro os fios loiros do cabelo de Mark cobrindo a visão dos meus seios.

— Mark — falo, mas o som não chega aos meus ouvidos. A pressão do aparelho não está mais na minha orelha. Abro a boca, mas será inútil, então puxo os cabelos do Mark, que aceita como um incentivo para continuar até que meu ventre começa a formigar e gozo com sua boca em meus seios e o toque suave dos seus dedos dentro de mim.

— Você é linda. — Sorrio, meio em êxtase, meio sonolenta. — Como está se sentindo?

"Perfeita."

Mark beija meus lábios antes de se levantar, meu cenho franze quando eu o encontro completamente vestido.

— Por mais que eu queira continuar na cama, você precisa almoçar.

Termino de ler seus lábios e olho para o despertador. Todo o estresse emocional me desgastou mais do que eu queria admitir. Enrolo meu corpo nu no lençol, beijo seus lábios rapidamente.

— Feliz aniversário. — Não sei se ele conseguiu ouvir o som perfeitamente, mas ele sorri amplamente para mim.

— Obrigado pelo presente.

Sua mão bate na minha bunda quando passo por ele em direção ao banheiro.



Depois de um almoço rápido em uma cozinha completamente vazia desde que chegamos ao clube, descemos em direção à sala de jogos. No momento que Mark abre a porta, sou surpreendida pela cena mais linda à minha frente, toda a família de Mark está reunida ao redor de um bolo em formato de carro, não seus pais, mas a família que o acolheu. Amélia sorri lindamente de trás do bolo sem tirar o olhar de Mark em nenhum momento desde que começou a tocar parabéns.

— Não, não, não. — Mark segura meu corpo na frente do dele, escondendo seu rosto em meu pescoço. — Eu os odeio, vamos fugir daqui?

Bato em seu braço, puxando-o para ficar ao meu lado, ele cede com relutância, sua mandíbula apertada tentando não demonstrar emoção. Inclino a cabeça para olhar seu rosto tão forte e ao mesmo tempo tão frágil. Sigo seu olhar e o encontro encarando uma Amélia completamente chorosa. Ela abre seus braços, convidando-o para um abraço, então Mark anda em passos rápidos até ela.

— É o primeiro aniversário dele — Ally fala ao meu lado. — Ele nunca comemorou o aniversário.

Olho com carinho para os dois irmãos ainda abraçados.

— Por quê?

— Seus pais estavam mais preocupados em organizar um grande jantar de Natal, do que o aniversário do filho.

— Eu quero a cabeça de todos na minha mesa amanhã! — grita depois que se afasta de Amélia.

— Você não tem moral alguma depois dessa foto.

Mark faz um sinal de arma para Collin antes de pegar Noah nos braços e acenar para que eu ande até ele.

— Quem pediu mais cerveja?

Mark

— Ele não estava na lista, ele não estava na lista, Mark. — Amélia começa a entrar em pânico e eu nunca odiei Josh tanto como nesse momento.

Ele demora um pouco para perceber a presença de Amélia, mas quando o faz o sorriso em seu rosto desaparece. — Eu vou embora...

— Não. — Entrego Noah para Amy, que olha preocupada para Amélia. Puxo Amélia para longe das pessoas, liberando o bolo para que Noah o corte enquanto fico a sós com ela. — Você está bem, lembra? Saindo da zona de conforto.

Amélia puxa uma respiração, ainda olhando para a porta.

— Por que ele está aqui? Eu não o chamei.

— O clube está em guerra, boneca. A presença dele é essencial aqui, assim como a sua.

— Eu não queria estragar sua festa.

— Você não estragou. — Seguro seu rosto entre minhas mãos. — Sempre nós dois, lembra?

— *Não se mexa, esse é o último curativo — Amélia sussurra. Olho sobre o meu ombro para o espelho e a vejo colocando alguns band-aids da Hello Kitty nas minhas costas.*

— *Quantos você já colocou? — pergunto com minha voz rouca de sono.*

— *Esse é o décimo, mas não está tão ruim assim — apressa-se a dizer. Minha pele está tão grossa das cicatrizes, mas ainda consigo sentir a dor.*

— *O que você acha de uma tatuagem para cobrir as cicatrizes?*

— *Vai precisar de uma tatuagem enorme.*

— Se ele se aproximar, eu o mordo. — A voz de Amélia tira-me dos meus devaneios.

— Não se esqueça de chutar as partes baixas. — Pisco, o que a faz sorrir. Abraço sua pequena estatura para voltarmos para dentro. Todos já estão distribuídos ao redor falando alegremente. Amy e Livie estão sentadas no chão com Noah e Emma tentando alimentá-los sem causar nenhuma bagunça. Procuro por Josh rapidamente e o encontro atrás do balcão nos observando, seus olhos estão fixos em Amélia, que tenta evitá-lo a todo custo. — Vamos nos sentar ali. — Aponto para onde Amy está. Josh mantém-se concentrado em Amélia, enquanto vira uma garrafa de cerveja.

Quando Amélia está confortável o suficiente para continuar uma conversa com as meninas, vou até Josh, que está claramente tentando ficar embriagado.

— Ficar bêbado não vai trazê-la de volta. — Tomo a garrafa de cerveja das suas mãos.

— Ela me odeia. — Ele não parou de olhar para ela nem um minuto desde que chegamos. — Minha presença costumava acalmá-la, agora traz pânico.

— Você precisa ter paciência com ela, assustá-la não vai melhorar nada para você. Beba um copo d'água e tente agir normalmente.

— Ela ainda me ama?

Pela postura corporal de Amélia, sei que ela está fazendo de tudo para não olhar na direção dele.

— Você precisa descobrir sozinho.

Amy

— Uma mulher não pode derrotar um homem em uma luta. — Ergo minha sobrelanceira para o comentário de mau gosto de Frankie. O cara está realmente me provocando desde que chegou, no entanto, continuei ignorando, distraída com a pequena Emma, enquanto Amélia falava com Livie sobre processos de adoção no Mundo de Carly.

Escuto o riso de Mark a distância e balanço a cabeça. Ele sabe, melhor do que ninguém, que uma mulher pode derrotar qualquer homem em uma luta justa. É tudo questão de jeito e não força. Olho com o canto do olho para Frankie, inclinando-me em sua direção para ouvir o resto da conversa.

— É impossível uma mulher me derrotar em uma luta, até mesmo na luta de braços.

— *Eu te desafio.* — Sinalizo.

— Oh porra! — Mark berra.

— O que ela disse? — Frankie pergunta, desconfiado.

— Ela vai acabar com você, foi muito bom ter te conhecido. — Mark bate no ombro dele, ainda rindo descontroladamente.

Reviro os olhos para Mark e aponto para Frankie.

— *Luta de braço ou corporal?*

Um sorriso irônico cresce em seu rosto em deboche quando Mark faz a pergunta.

— Vou pegar leve com você, docinho, vamos na de braço.

— Eu quero a corporal — Josh fala pela primeira vez desde que chegou. A expressão de Mark muda para preocupação pela primeira vez.

— *Você não vai fazer isso.*

Não respondo, apenas caminho para mesa, onde afasto as garrafas de cerveja e os pratos com bolo. Bato na mesa chamando Frankie.

— Gostei dela. — Ele faz um pequeno show se alongando antes de finalmente se sentar à minha frente. — Como você acha que pode ganhar de mim?

Dou de ombros colocando meu braço na posição, e o encaro com olhos semicerrados, esperando-o fazer o mesmo.

— Você ainda pode desistir, gatinha.

Dou o meu melhor sorriso antes de começar a colocar em prática tudo o que Andy me ensinou.

— *O principal erro de um lutador é estar confiante demais. Ele vai acreditar que você é pequena, frágil, e que a luta já está ganha. Olhe atentamente para a expressão corporal dele, há um breve segundo que o corpo dele vai relaxar e é nesse momento que você precisa atacar.*

“Se ele atacar antes?” Escrevo no bloquinho ao meu lado

— *Não vai. Ele é como predador, predador só sente desejo pela vítima na primeira ameaça de fuga. Por isso seus movimentos precisam ser controlados para que não haja uma reação, caso aconteça, suas chances de vencer vão diminuir.*

Andy sempre está certo. No segundo em que Frankie desvia o olhar para sorrir para Mark, a tensão escorre do seu ombro, o momento perfeito para aplicar a pressão certa em seu braço.

Bato na mesa, levantando os braços como vencedora e Mark começa a gritar. Há uma salva de palmas ao redor, quando Mark levanta meu corpo em seus braços.

— Sabia que você ia ganhar, Mestre Splinter.



Capítulo 28

Amy

— Falta Josh agora — sussurro em seu ouvido.

— Você não vai lutar contra ele.

— O quê? — Afastando seu toque, eu o encaro com as sobrancelhas franzidas.

— Não quero que você lute com ele hoje, principalmente com o que aconteceu ontem.

Abro a boca para responder, mas então a realidade do que aconteceu ontem me bate.

— Oh!

— Sim, Oh. Você pode estar acostumada a lutar com dor, mas não vou deixar isso acontecer mais.

Suas palavras fazem a queimação entre minhas pernas voltar, mas é um desconforto bom.

— Quero revanche!

— Aceite que o time das Tartarugas Ninja é melhor que o seu, Frankie!
— Mandy grita com seu filho Cameron nos braços. Frank bufa antes de ir para o frigobar atrás de mais cerveja.

— Como você faz isso? — Liam pergunta, claramente impressionado. Pela primeira vez desde que cheguei aqui, hoje ele realmente acreditou na minha história.

— Andy a ensinou — Mark responde antes que eu consiga fazer.

— Bom, pelo menos sei que minhas garotas estão em boas mãos. — Não há mais desconfiança em seus olhos, ela foi substituída por algo que não consigo identificar.

Aceno levemente com a cabeça e o observo sair atrás de Ally. Olhando ao redor, não encontro Josh e muito menos Amélia, não sei qual é o nível do relacionamento deles, mas quando olho para Mark, ele parece entender a pergunta em meus olhos.

— Eles precisam aprender a se aceitarem. — Seu olhar triste me pega de surpresa, então enrolo meus braços ao redor do seu corpo em um abraço apertado. Segundos depois ele corresponde, levantando meu corpo pelas minhas coxas, colocando-as ao seu redor.

— Eles estão nos chamando para irmos para a piscina. — Olho para trás, onde Ally está segurando a pequena Suzan e falando com Mark. Com o barulho e movimentação, acabei não conseguindo captar o som. Mark começa a caminhar comigo no colo, mas empurro seus ombros pedindo para descer. — O quê?

— Eu não vou.

— *Mamãe! Mamãe! Papai, nós precisamos tirá-la daqui!* — Olho para o rosto pálido do meu pai pelo retrovisor, tento empurrar a porta do carro, mas está cada vez mais difícil com a água entrando. Bato nos vidros e no teto, mas tudo é inútil. Olho para meu pai, mas ele apenas pisca quando a água começa a cobrir nossos pescoços. — *Pai, por favor!*

— *Não, Amy. Nós não podemos viver.*

— Amy? Amy, você está bem?

Balanço a cabeça, afastando as memórias da noite do acidente.

— Eu... eu... não quero ir. Estou cansada.

Mark olha desconfiado, não quero estragar seu aniversário, mas não posso ficar próxima de algo que me lembre tanto a morte dos meus pais. Eu odeio que esses lugares são gatilhos do dia do acidente, principalmente quando

não consigo diferenciar o real da minha imaginação.

— Você acabou de derrotar Frankie e estava pronta para lutar com Josh. O que mudou? Foi a piscina? Ally pode emprestar um biquíni para...

— Eu tenho medo.

— Medo do qu... oh sim. Por causa do acidente?

Aceno, pressionando meus olhos fechados.

— Nós não precisamos entrar, se não quiser. Ficamos apenas nas cadeiras ou perto da churrasqueira, isso é bom para você?

Não, não é bom. Mas não posso fugir disso para sempre, apesar das minhas pernas estarem trêmulas eu o sigo até a piscina. A água cristalina brilha sob a luz do sol, os gritos de diversão são como um interruptor para os meus pensamentos. Tento me concentrar neles, mas tudo o que consigo fazer é lembrar da pele fria da minha mãe sob a água. Olhos do meu pai nos meus enquanto a água nos levava cada vez mais para o fundo.

— Vou pegar algo para você beber. — Mark me deixa sentada em uma espreguiçadeira ao se afastar até o frigobar. Apesar do clima escaldante, minha pele se arrepia com frio e agulhas começam a pinicar minha pele, puxo a respiração presa em meu peito tantas vezes, que começa doer respirar.

— Você está um pouco pálida — Ally comenta, ajoelhando-se na minha frente. Forço um sorriso, mas não tenho êxito em deixar transparecer calma. Ela toca minha mão, fazendo meu corpo endurecer pelo contato. — Por que está olhando fixamente para piscina? Eles estão seguros com os pais. — Eu não deixaria meu filho de poucos meses em uma piscina mesmo que eu estivesse próxima.

— Mark?

— Ele precisou atender a uma ligação de Amélia, não deve demorar muito. — Ally ameniza com um sorriso. — Você está com medo de alguém? — pergunta, olhando ao redor. — Eu posso chamar Liam...

— Piscina... piscina... — Fecho meus olhos, com vergonha. Como posso ter derrotado um homem com o dobro do meu tamanho, mas não posso lidar com um buraco com água.

— Ah... eu tenho medo de tempestades. — Abro meus olhos com sua confissão. — Quando deram minha mãe como morta, eu passei a odiá-la com todo meu ser, até que o ódio se transformou em medo e... é sempre difícil. Sinceramente? Eu não tenho a menor ideia de como vou acalmar Suzan quando ela ficar aterrorizada com elas, mas um dia de cada vez, certo?

— Meus pais morreram afogados dentro do rio, eu não pude salvá-los.

— Você era apenas uma criança...

— Se eu soubesse nadar, poderia ter subido sem precisar de ajuda e alguém os teria ajudado e ainda estariam aqui.

— Culpa do sobrevivente. — Levanto a cabeça para encarar Mandy, que nos observa com os braços cruzados. — Você não tinha nem doze anos na época do acidente, como ia conseguir sobreviver e salvar seus pais juntos? Acidente acontece, pessoas morrem, essa é a vida, porque se não tivermos a incerteza da morte, não estaríamos vivendo. — Cubro meu rosto com as mãos, sentindo a pontada das suas palavras. — Eu não os conhecia, mas não importa o que tenha acontecido, eles estão felizes lá em cima por tudo o que você se tornou. Consegui sobreviver sozinha, onde tudo o que tinha era a força de vontade de continuar vivendo. Por alguma razão, nossas vidas saíram fora do eixo, mas estamos aqui, vivendo e aprendendo. Não quero imaginar ter que partir e deixar Cameron sozinho, no entanto, eu não posso controlar tudo, o que posso fazer é deixar boas lembranças na vida dele. E você — ela empurra meu ombro —, pode honrar a memória dos seus pais. Não deixe o legado deles morrer.

— *Você sabe que nós te amamos, sim? — Mamãe pergunta, sentada aos meus pés na cama. Ela olha para o meu pai sorrindo, apesar do seu olhar cansado, ele corresponde beijando minha testa.*

— *Nós prometemos que vamos parar de discutir na sua frente, você pediu uma família feliz e vamos trabalhar para isso.*

Sorrio para ambos, animada, essa foi a última noite que me colocaram para dormir enquanto cantavam Stevie Wonder - Isn't she lovely. Naquele momento, enquanto adormecia, imaginei nossa família feliz para sempre, mas quando acordei e encontrei meus pais ao redor da mesa, cansados e abatidos, foi apenas um sinal de que minha vida ia começar a desmoronar.

Mark

Depois que Amélia ligou pela terceira vez, eu resolvi atender por ser o número de chamadas urgentes. Do local que estava, consegui olhá-la, pedi para que Ally ficasse com ela alguns instantes e logo depois Mandy chegou para fazer companhia para as duas. Com as duas fazendo companhia para Amy, fiquei mais tranquilo para resolver as demandas de Amélia, que, no final, eram apenas negócios relacionados ao nosso pai. Em nenhum momento ela citou Josh ou o porquê de ambos terem saídos juntos, por fim, fiquei feliz por Roger ter dado uma tarefa para ela se distrair. Para o meu desgosto, ela acabou me envolvendo em um caso de processo penal e juntando ao fato que os ataques do clube não foram resolvidos, apesar de terem cessados nas últimas três semanas desde o Natal, tomou metade do meu tempo.

Meu relacionamento com Amy está cada vez mais intenso. Seu apetite por sexo é enorme e não posso reclamar, já que estamos fazendo cada vez mais nas últimas semanas, agora mesmo ela está sentada no meu colo ignorando completamente o filme na televisão. Desde que nos conhecemos, ela fez questão de assistir a todos os filmes, menos esse.

Sinto muito, Channing Tatum, mas você perdeu minha mulher para mim.

Corro minhas mãos pelas costas de Amy, fazendo com que ela se esfregue ainda mais contra mim. Tudo o que mais quero agora é tirar sua calcinha e me enfiar dentro do seu calor apertado, quando estou prestes a tirar a camisa sobre sua cabeça, uma batida desesperada atrapalha meus movimentos.

— O quê?!

— Noah está com você? Ele sumiu! — Livie grita, desesperada.

Amy encara-me com o cenho franzindo, saindo meu colo.

— Noah sumiu.

Com movimentos rápidos, ela começa a vestir seu short de dormir, saindo voando pela porta e levando Livie com ela. Demoro alguns segundos vestindo minha calça antes de descer para encontrá-las. O clube está em constante movimento, Livie está olhando ao redor dos destroços da garagem. Em nenhum momento encontro Amy dentro ou fora da casa, saio em direção à piscina, que geralmente é fechada, mas Noah pode estar dentro da casinha. Não preciso ir muito longe para ver dois corpos na piscina pela janela da cozinha. Corro em direção a eles, saltando na água gelada, nadando em direção a Amy, que está fazendo um grande esforço para não se afogar agarrada a Noah.

— Pronto, pronto. Peguei vocês.

Noah chora copiosamente escondendo o rosto no pescoço de Amy, enquanto ela parece completamente em choque. Aperto seus corpos junto ao meu, enquanto tento nadar em direção à escada, desde que Noah não quer soltar Amy para que eu possa impulsioná-los para cima.

— Collin! — grito algumas vezes na esperança de que alguém vá ouvir. Maldito dia que concordei fazer uma piscina de sete metros.

Não demora muito e Livie aparece correndo em direção à piscina.

— Oh meu Deus! Collin! — Ao escutar a voz da mãe, Noah se desprende de Amy e vai de bom grado para Livie, que está ajoelha na beira da piscina. Com apenas Amy para me preocupar, consigo elevar seu corpo, onde Collin a recebe, pego seu braço para impulsionar para cima. Amy encara fixamente Noah, que chora nos braços de Livie, completamente imóvel, puxo seu corpo para o meu na esperança de esquentá-la.

— Aqui. — Liam entrega duas toalhas e as coloca sobre Amy.

Ally se senta próxima a Livie, conversando com Noah para fazê-lo sorrir. Balanço Amy em meus braços quando sinto seu corpo começar a tremer, aos poucos, Noah vai acalmando e deitando a cabecinha em Livie. Os olhos de Collin estão cheios de água, eu nunca o vi chorar, apenas no dia que descobriu que Livie tinha sido atacada. Assim que o pequeno homem volta a agir normalmente, Amy solta um suspiro fundo, relaxando contra meu corpo, então é a vez de ela começar a chorar.

Amy

— *Por que você fez isso, pai? — grito, balançando a maçaneta da porta, o carro ainda está na superfície, mas está afundando cada vez mais rápido, sinto algo quente escorrer pelo meu rosto. O vidro do carro está quebrado, mas não sei se o rompimento dele será a melhor saída.*

— *Eu não posso proteger vocês, baby. A morte é uma forma de tê-las ao meu lado para sempre.*

— Noah. — Acordo sobressaltada, sentindo a pressão da água contra meu peito.

Uma mão quente toca meu ombro, puxando meu corpo de volta para a cama. O rosto sereno de Mark aparece, afastando os fios de cabelo do meu rosto.

— *Ele está dormindo agora.* — Mark sinaliza.

Fecho meus olhos, respirando fundo. Minha mente parou de raciocinar completamente quando encontrei Noah se debatendo na piscina, a água parecia puxá-lo cada vez mais para o fundo. Sinto algumas lágrimas escorrerem pelo meu rosto sem me importar em limpá-las. Meu corpo é puxado para uma posição sentada contra um corpo quente, Mark segura meu aparelho auditivo em sua mão, como se pedisse autorização para colocá-lo.

— Você está bem? — O hálito quente em meu ouvido é reconfortante comparado ao meu corpo frio, pressiono-me ainda mais contra ele, aproveitando a sensação calmante da sua pele. — Está um pouco febril.

— Vou sobreviver — suspiro, afundando minha cabeça em seu pescoço.

— Obrigado por salvar Noah, se você não tivesse... eu nem sei como estaríamos agora.

Não me lembro de como fui parar dentro da piscina com meu pequeno homem, a única lembrança que minha mente permite voltar é Mark estar segurando nossos corpos, impedindo-nos de afogar, depois tudo é um mar de escuridão.

— Ele vai ficar bem?

— Graças a você. — Seus lábios tocam minha testa.

Acredito que foi puro instinto ou o destino estava zombando da minha cara ao me levar em direção à cozinha. A porta estava trancada, então não tinha por que desconfiarem que Noah estava lá, mas um olhar pela janela foi o

suficiente para ver seu corpo se debatendo contra a água.



Mais tarde naquele dia, durante o jantar, Noah me deu um longo abraço seguido por Livie e um aperto de mão de Collin. Ele ficou a refeição toda sentado entre mim e Mark, o que trouxe comentários infantis sobre Noah estar se aproveitando do meu momento de fragilidade para acampar no meu coração. Noah, como uma criança bem resolvida, apenas o encarava antes de ignorá-lo e oferecer suas batatas fritas para mim, o que causou grande histeria ao redor da mesa.

O resto da semana passou tranquilamente, com exceção de uma virose que resolveu atacar meu corpo. Passei os últimos dias longe da academia, meu corpo não tinha muita força para sair da cama. Mark ameaçou ligar para George se eu não melhorasse nos próximos dias, por isso decidi ir para a academia hoje, apesar de sentir meu estômago revirando a cada passo que dou. Mark vai passar o dia com a irmã no escritório de advocacia, o que deixa o meu dia livre para convencer as pessoas que estou bem e elas podem convencer Mark que não estou mentindo.

Desço as escadas com cuidado até a academia, minha cabeça está completamente enevoada e eu poderia vomitar a qualquer momento, assim que a porta abre, há um alvoroço de gritos dentro da academia. Livie, Ally e Mandy pulam animadamente segurando um bolo de aniversário. Meus olhos aumentam de tamanho pela surpresa, não tenho a menor ideia de como descobriram o dia do meu aniversário, nem mesmo Mark sabe sobre isso.

— Como vocês descobriram?

— Mark nos contou hoje de manhã, ele disse que você vai receber um pequeno castigo por não ter contado sobre o aniversário, já que ele esperou até ontem por uma confissão — Ally fala.

Não vou mentir que fico ansiosa para receber o castigo de Mark, apesar de tudo.

Mandy estica o bolo na minha direção para apagar a vela, mas assim que o cheiro de baunilha atinge meu nariz, a única coisa que consigo fazer é correr em direção ao banheiro o mais rápido que posso para não vomitar no chão.



Capítulo 29

Amy

— Oh céus — resmungo, depois que vomito pela terceira vez.

Ally segura meu cabelo, às vezes medindo a temperatura do meu corpo.

— Se eu não conhecesse meu irmão, diria que você está grávida — brinca. Mas é nesse momento que percebo meu atraso, nos primeiros meses o médico disse que era normal por ter passado muito tempo na rua, mas na época eu não tinha uma vida sexual ativa. — Oh, oh. Acho que vamos precisar de um teste de gravidez, Mandy.

— Josh! — Mandy sai correndo atrás dele.

Começo a chorar violentamente, só para ser interrompida por outra crise de vômito. É quando a realidade da situação me atinge. Eu nem comecei o ensino médio, como posso me tornar mãe?

Sento-me no chão com Livie abraçada a mim, enquanto Ally e Mandy encaram o teste fixamente minutos depois.

Por que eles precisam demorar tanto?

— Positivo. Feliz aniversário? — Ally diz balançando o teste de

gravidez, olhando para Mandy em dúvida, enquanto termino de esvaziar meu estômago no banheiro.

— Eu vou ser tio? — Josh pergunta, colocando a cabeça para dentro do banheiro, seus olhos percorrem todo o lugar até parar em Ally. — Fique parada, não consigo olhar as listras.

— Quer que eu atire na sua bunda novamente? — Ally ameaça, com a ajuda de Livie começo a ficar em pé depois de garantir que meu estômago está vazio. — Traga uma soda e biscoito para Amy, e não conte para ninguém o que aconteceu aqui.

— Eles vão perguntar por que levei Mandy à farmácia.

— Você é um bom investigador, tenho certeza que vai conseguir sair dessa.

Ele abre a porta amplamente, dando espaço para eu passe com Livie, sento-me em um dos banquinhos segurando a cabeça em minhas mãos. Eu não tenho a menor ideia de como isso aconteceu, nós estávamos sempre protegidos. Quanto mais penso, mais meu estômago aperta em nervos. Mãos frias tocam meus braços, afastando minhas mãos do meu rosto, o rosto sereno de Ally aparece e meus lábios se curvam em um sorriso, mesmo que eu não tenha a menor vontade de sorrir.

— Se preferir, podemos ir à clínica antes de contar ao Mark, os testes não são sempre cem por cento seguros.

— Ele vai mandar alguém seguir vocês — Josh fala como um diabinho em nossos ombros.

— Por isso você vai conosco — Mandy fala.

— Podemos passar no Mundo de Carly antes, assim eles não vão desconfiar.

— Por favor. — Assim seguiremos em direção à clínica mais afastada do clube, onde ninguém nos reconhecerá. Josh nos deixa no Mundo de Carly, onde ficamos por um tempo até ele voltar depois de conferir se alguém nos seguiu.

Fico sentada segurando um pacote de biscoito água e sal, olhando fixamente para um ponto preto no tapete. As meninas se espalham ao redor atrás das crianças, mas tudo o que consigo pensar é no meu futuro com essa criança, ou melhor, no futuro que eu não poderei dar a ela. Mark e eu nunca chegamos a comentar sobre o rumo que o nosso relacionamento daria, se podemos classificar em algo, seria amigos de sexo. É praticamente tudo o que estamos fazendo nas últimas semanas.

Tomo um gole da minha soda quando sinto meu estômago revirar. Estou tão distraída com meus pensamentos, que demoro para notar a presença de uma pequena garotinha de cabelos loiros. Seus grandes olhos azuis me encaram, enquanto continua agarrada a um pequeno coelho surrado vermelho. Ela quase não pisca, totalmente concentrada em mim, parece tão solitária nessa grande casa encolhida entre a mesinha e o sofá. Meus lábios tremem em um sorriso fraco, mas não parece ter nenhum efeito sobre ela.

— Você viu uma pequena garotinha agarrada a um coelho vermelho? — Livie entra na sala com o cenho franzido.

Olho para a garota, que pressiona o dedo indicador nos lábios pedindo silêncio.

— Não, eu estou sozinha.

— Se você a encontrar, me avise. Ela chegou há poucos dias e sua adaptação está sendo difícil, sua mãe contou sobre o problema auditivo, mas ninguém consegue fazê-la falar mesmo depois de ter recebido um novo aparelho.

— Qual é o nome dela?

— Rose.

— Com certeza não está atrás do sofá.

Livie encara com o cenho franzido, mas logo seu rosto acende em compreensão. Ela tenta vir atrás da pequena, mas faço um sinal para manter distância, a princípio parece um pouco relutante, mas volta a sair, deixando-me sozinha com a pequena fugitiva. Coloco meu copo e biscoito em cima da mesa antes de me sentar no chão ao seu lado. Há um pequeno aparelho da Hello Kitty em sua orelha, não posso deixar de sorrir pelo cuidado que Livie está tendo com ela.

— Você é linda. — Seus olhos aumentam de tamanho antes de abaixar a cabeça, envergonhada. — Quantos anos você tem?

Em resposta, ela levanta três dedinhos. Um pouco mais nova que Noah, mas parece tão pequena agarrada ao seu melhor amigo.

— Seu aparelho é lindo. — Ela sorri, envergonhada, escondendo o aparelho com a pequena mãozinha. — Você quer ver o meu?

Seus olhos procuram a minha orelha em busca do meu aparelho, quando encontra, seus lábios formam um sorriso lindo.

— É *indo*. — Sua vozinha infantil cumprimenta meu ouvido e sorrio, aliviada por ter encontrado em mim uma figura de confiança.

Aos poucos, ela vai encurtando a distância entre nós e respondendo às minhas perguntas com palavras, sem mais aceno. Não entendo por que seus pais a abandonaram, talvez por sua condição auditiva, ou eles não têm condições de mantê-la, mas olhando-a assim, tão pequena... Nesse momento eu me dou conta que farei de tudo para manter meus filhos próximos a mim.

No final do dia, quando o médico confirma a minha gravidez de cinco semanas, os pequenos olhos de Rose é a primeira imagem que passa pela minha mente, então prometo que farei de tudo para trazê-la para casa comigo.

Eu não tenho a menor ideia de como cuidar de uma criança, principalmente uma recém-nascida, mas nenhum medo é comparado ao carinho que Rose conseguiu transbordar em poucas horas de conversa.

Mark

— Você vai levá-la para jantar?

— Uhum, ela nunca falou sobre oficializar nosso relacionamento, então pensei em pedi-la em namoro no nosso primeiro encontro. Apenas no caso de ela sentir alguma dúvida sobre nossa relação — falo, acompanhando Amélia até seu carro no estacionamento.

— Quem diria que Mark estaria preso a uma única mulher — Amélia zomba, abrindo a porta do carro.

— Posso fazer uma pergunta? — Seguro a porta do carro antes que feche e esmague os meus dedos. Ela dá de ombros, como se não ligasse muito para o que eu vou falar. — Por que sempre Mark, e nunca Philip?

— Você sempre respeitou as minhas dores, por isso queria fazer o mesmo por você. Você sempre foi meu Philip, mas se a fachada dura de Mark o deixa confortável, você sempre será meu Mark também. Apesar de não ter muita diferença entre ambos.

— Não sei se devo voltar a ser como Philip.

— Sempre que ligo à noite, desesperada, é o Philip que atende. Se você quer mesmo saber? Ele nunca foi embora, Mark é apenas uma parte independente que tem medo de assumir por ter medo da repreensão dos nossos pais. Não há Philip ou Mark, existe apenas você.

Beijo o topo de sua cabeça antes de fechar a porta e deixá-la ir. No meu caminho para o clube, suas palavras martelam na minha cabeça, não me lembro do exato momento em que comecei a me identificar como Mark, mas de uma certa forma essa nova identidade trouxe uma segurança que nunca tive perto dos meus pais. Era como se eu fosse imbatível contra o resto do mundo, então continuar como Mark era muito mais fácil, pois não tinha consequência e nem um passado. Tudo era perfeito da forma como eu queria que fosse. Respiro aliviado por finalmente ter entendido que eu posso ser quem eu quiser, porque o julgamento dos meus pais não é mais importante que o meu.

Chego ao clube sorrindo e ansioso para encontrar Amy, o ambiente está silencioso quando entro na cozinha apesar de Mandy e Livie estarem lá com as crianças.

— Onde está Amy e Ally?

— Ally está no escritório com Liam. — Mandy balança a pequena Suzan, que está firmemente agarrada a uma mamadeira. — Amy está no seu

quarto. — Não perco a nota de preocupação em sua voz, beijo a cabecinha careca de Suzan, que balança as mãozinhas.

— O que aconteceu?

Ela troca um olhar com Livie antes de dar de ombros.

— É melhor você descobrir por ela.

Inclino minha cabeça para trás, suspirando exasperado antes de correr para o meu quarto. Encontro Amy sentada mordendo o polegar, aproximo-me dela com cuidado, tocando sua testa preocupado que a virose possa ter piorado nos últimos dias.

— Olá, pequeno rato.

Ela sorri, mas lágrimas começam a encher seus olhos quando pula em meus braços, derrubando-nos no chão.

— Promete não me odiar?

Puxo seu corpo até que seu rosto esteja em frente ao meu, seus olhos estão vermelhos e inchados, como se estivesse chorando há muito tempo.

— Eu nunca faria isso. — Massageio sua cintura com o polegar sob a camisa na esperança de relaxá-la.

— As meninas me levaram ao médico hoje.

Sinto sua temperatura, mas não parece ser nada tão grave.

— E?

— Estou grávida. Cinco semanas, ou algo assim.

— Malditos espermatozoides. — É a única frase que sai da minha boca, o que faz com que ela faça uma careta para mim. — Desculpa, desculpa, desculpa — repito as palavras ao mesmo tempo em que beijo sua testa, nariz, bochecha e pescoço. — Eu não imaginei que isso fosse acontecer na nossa primeira vez, esqueci completamente de usar camisinha, foi a primeira vez que isso aconteceu. Deveria ter contado para você, mas com os acontecimentos das últimas semanas acabou passando despercebido. Tudo bem se você me odiar, eu também o faria se estivesse grávida de um cara como eu...

— A culpa foi minha também. — Suas palavras cortam minha divagação. — Eu meio que me aproveitei de você. — Seu rosto enrubesce.

Aperto seu corpo contra o meu, imaginando que daqui a alguns meses sua barriga estará inchada com nosso filho, isso se ela quiser mantê-lo.

— Eu estava bem consciente das minhas ações. — Chupo o lóbulo da sua orelha, fazendo-a gemer em resposta. — Preciso saber se você vai querer mantê-

lo — sussurro, com medo da sua resposta.

— Nunca faria mal para o nosso filho.

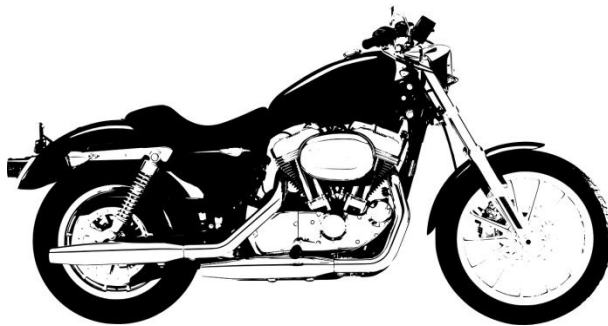
— Pode ser uma menina — sorrio.

— Quem perder troca a fralda nos três primeiros meses?

Semicerro meus olhos, mesmo assim aceito a aposta. Beijo seus lábios com cuidado, sentido seu abdômen ainda plano, tomo alguns centímetros de distância, segurando sua cabeça entre minhas mãos.

— Casa comigo?

— Não.



Capítulo 30

Mark

Ouvir aquelas palavras é como ter meu coração arrancado lentamente por suas mãos.

— Não posso me casar, porque você é...

— O quê? Fracassado? Idiota? Criminoso? Imaturo? — falo, levantando-me do chão com ela.

— ... o dono do meu coração inconsequente. Eu amo você, mas não posso me casar com você só porque estou grávida. Preciso ter certeza de que você me ama não só pelo filho que estamos esperando, mas por quem eu sou. — Seu corpo começa a tremer pelos soluços. — Eu tenho vinte e um anos e só estudei até os treze, você já tem uma vida pronta, uma família. Não posso chegar aqui e querer assumir tudo o que você construiu, porque nada disso é meu!

— Eu sou seu. — Encosto minha testa na dela. — Nada que eu construí antes importa se eu não tiver você comigo. *Homens sábios dizem que só os tolos se apaixonam, mas eu não consigo evitar me apaixonar por você. Eu deveria ficar? Seria um pecado, se eu não consigo evitar me apaixonar por você? Você não entendeu quando cantei para você pela primeira vez?*

Ela soca meu ombro e cobre o rosto com as mãos, quando as lágrimas começam a escorrer pelo seu rosto em fortes soluços. Amy é meu anjo lutador, meu pequeno rato e mãe do meu filho. Eu não vou descansar até ter meu anel em seu dedo anelar.

“Encontre a garota que vai partir seu coração, então case-se com ela.”
As palavras nunca fizeram tanto sentido como hoje.



Amy não quis sair para jantar, então comemoramos seu aniversário assistindo a toda a franquia de filmes adolescentes na Netflix. Em todo momento, minha mão ficou em seu abdômen, até que a ficha começou a cair e percebi que em pouco menos de oito meses eu serei pai. Para minha sorte, Amy adormeceu e pude sair do quarto em busca de conselhos dos melhores pais que já conheci.

— Você não usou preservativo? — Collin ironiza e Liam não consegue esconder o sorriso atrás do copo com uísque.

Esvazio minha terceira garrafa de cerveja, fazendo um péssimo trabalho em retirar o rótulo. Aconselhar os outros a usarem camisinha não é muito legal quando você mesmo esquece de usar.

— E se eu não conseguir trocar a fralda corretamente?

— Avery fez a maior parte do trabalho quando Suzan nasceu. Eu e Ally éramos um desastre completo, não tinha uma noite que não íamos dormir chorando com medo de falhar com nossa filha, até que Avery nos deixou sozinhos com ela e percebemos que cada um tinha um jeito especial de lidar com ela. Não há livros, documentários ou até mesmo conselhos que vão fazer você se tornar um bom pai, apenas sua vontade de ser o melhor vai te transformar em um.

— Livie vive falando isso. A primeira mamadeira que ela deu para Noah foi um vidro de ketchup velho com leite gelado da geladeira, ela não tinha muito com o que se virar, mas fez o seu melhor com seus dezesseis anos.

— Você é um ótimo tio, Mark. Se Suzan pudesse, ela estaria arrastando seu corpinho atrás de você, o mesmo acontece com Noah e Emma, até mesmo Cameron ama você, e olha que o pequeno puxou a personalidade de Dex. Não há nada para se preocupar, porque você nunca será como seus pais.

Bebo mais um gole da minha cerveja, deixando suas palavras afundarem em mim.

— Se algo acontecer comigo, prometem que nunca deixarão Amy voltar para aquele lugar? — A lembrança do seu pequeno corpo sangrando em meus braços depois de ter recebido uma facada ainda me atormenta durante a noite.

— Só se eu estiver morto — Liam afirma. — E isso não vai acontecer tão cedo.

Bato em seu ombro, agradecido por ter encontrado um irmão como ele.

— Agora, com Amy grávida, precisamos acelerar o processo de prisão de Michael, ele não vai parar apenas com as duas últimas cartas que encontramos no seu carro. — Amy não sabe que estamos recebendo ameaças, ela ainda se culpa pelos dois últimos atentados.

— O que o FBI acha de um acordo com a máfia?

— Eles não precisam saber de nada até Michael estar preso — Collin concorda.

— Nosso pequeno espião foi corrompido? — brinco.

— O sangue sempre em primeiro lugar, não é mesmo?

— Sempre.

— Mark? — Viro-me para trás e encontro uma pequena Amy sonolenta vestindo uma das minhas camisetas e seu short curto de dormir.

— Preciso cuidar da minha mulher, rapazes. — Não espero responderem. Pego seu corpo em meus braços com ela agarrada ao meu pescoço e subo as escadas com Amy completamente adormecida, apesar de todas as confusões nos últimos dias, consegui dormir perfeitamente bem ao lado da minha mulher e meu filho.

Amy

— Por que ela não fala comigo? — Mark pergunta quase chorando quando Rose esconde seu rosto em meu pescoço em um abraço apertado.

Algumas semanas se passaram desde que descobri sobre a gravidez. Amélia ficou extremamente feliz com a notícia que vai ser tia de primeira viagem e já começou a organizar o chá de bebê, mesmo que minha barriga ainda não tenha aparecido. O médico disse que é normal, porque sempre pratiquei exercício físico, mas ele pediu para que eu diminuísse meu ritmo nos últimos dias até o bebê estar perfeitamente alojado em sua nova casa. Enquanto isso, minhas visitas ao Mundo de Carly se tornaram cada vez mais frequentes desde que Livie contou que a única palavra que Rose fala é Amy.

Minha pequena guerreira estava encantada comigo, assim como eu por ela. Mark ficou curioso para saber quem era a pessoa que estava roubando seu lugar no meu coração, palavras dele não minhas, então resolvi apresentá-los, já que em breve entrarei com processo de adoção. Amélia disse que eu preciso conseguir estabilidade financeira e uma residência fixa antes de entrar com o pedido de adoção, porque uma vez recusado é quase impossível conseguir a guarda em uma segunda tentativa.

Por isso passei os últimos dias de repouso e tendo aulas a distância para terminar a escola e, quem sabe, entrar na universidade. Mark tem me ajudado a estudar e a cada resposta certa, vamos dizer que ganho uma recompensa um tanto diferente. O clube tem cogitado a ideia de abrir uma academia de luta com aulas de defesa pessoal para as mulheres, Liam me procurou perguntando se eu tinha interesse, e claro que disse sim. Pode demorar um pouco, mas em breve terei uma vida estável para poder levar minha pequena Rose para casa.

Com Rose de costas para ele, eu faço um sinal para que sente no chão em uma posição parecida com a que eu estou. Massageio as costas da pequena, falando suavemente no seu ouvido sobre o Mark até que ela começa a relaxar, apesar de ainda estar pressionada contra mim.

— Qual é o nome do seu coelho? — Mark pergunta no mesmo tom que usa para falar com Emma.

— Ted — Rose sussurra tão baixo, que Mark não escuta.

Ele me encara com o rosto enrugado, então sinalizo a resposta para ele.

— Ted é um nome lindo. Eu também tenho um melhor amigo. — Rose olha para ele com o canto do olho, esperando-o continuar. — Ele se chama Bob.

— Mark mostra um ursinho pardo que comprou no dia que contei sobre Rose, ele disse que toda rosa precisava de um amigo urso. — Você gosta dele? — Ela concorda com a cabeça, fazendo os pequenos fios do seu cabelo escaparem do rabo de cavalo. — Bom, acho que ele vai gostar de você também. — Estica o urso para ela, mas ao invés de pegar, Rose olha para mim pedindo autorização. Faço que sim, então ela se levanta devagar, andando lentamente até Mark. Rose pega o urso das mãos de Mark e corre até mim agarrada a ele.

— Como é que se fala?

— *Obigada.*

— Muito bem. — Massageio suas costas, sorrindo para Mark, enquanto a garotinha admira seu mais novo brinquedo.

— Você gosta de sorvete? — Semicerro meus olhos para Mark, porque seu jogo já está ficando baixo. Rose acena mais animada dessa vez. — Se você tocar a minha mão, eu posso levá-la até uma sorveteria. — Ele estica o braço com o punho cerrado e Rose o imita, tocando-o em um cumprimento.

— Vamos lá antes que a tia Liv chegue.

Rose sorri animada, ansiosa para burlar uma regra. Mark perguntou se poderíamos sair com Rose antes de chegarmos aqui, ela não costuma deixar que isso aconteça, mas como somos nós dois, ela decidiu dar um voto de confiança.

Carrego Rose todo o caminho até o carro, soltando-a apenas para colocá-la na cadeirinha de Noah que pegamos emprestado. Na sorveteria, Mark começa a alimentá-la com sorvete de chocolate e baunilha, o que conquista um pouco a confiança da garota, apesar de querer ficar todo tempo na minha perna.

Livie disse que pode ser sintomas do trauma de ser abandonada pela mãe em uma idade tão jovem. A mãe de Rose a deixou apenas com uma carta falando da falta de audição e seu pequeno coelho. Sem roupas, nem nada. Na carta tinha seu nome e idade, mas nada além disso. Livie ficou esperançosa de que a mulher fosse voltar, mas depois de uma semana ela desistiu. Rose já estava com um aparelho auditivo adequado para seu problema, no entanto, ela continuava isolada ou escondida a maior parte do tempo até o dia que nos encontramos.

Para deixá-la sozinha, eu preciso sair quando ela dorme e voltar antes que acorde ou então ela começa chorar, gritando por meu nome. Está cada vez mais difícil deixá-la sozinha e meu coração parte sempre que preciso. Quando estamos saindo, Rose está um pouco sonolenta, então Mark oferece para carregá-la, ele tem medo que eu pegue muito peso e machuque o bebê. Com relutância, eu a entrego, ela agita um pouquinho, mas logo volta a relaxar. Andamos em direção a uma pracinha, onde nos sentamos nos banquinhos, observando

algumas crianças brincarem.

— Ela realmente gosta de você — Mark comenta.

Rose tem a cabeça contra seu peito, chupando a orelha do seu coelhinho vermelho, enquanto dorme.

— Somos um pouco parecidas. — Afasto alguns fios de cabelo do seu rostinho.

— Amélia contou que você quer entrar com um processo de guarda...

— Mark, eu...

— Apesar de ter ficado um pouco puto por não ter confiado em mim, eu decidi que vou ajudá-la, se você quiser. Não se preocupe que o meu envolvimento com o clube não vai atrapalhar o processo.

— Não foi por isso, Mark. Eu amo você do jeito que você é. O clube também é minha família, mas não quero empurrá-lo para algo que você não quer. Pode ser loucura, mas quero Rose na minha vida.

— Eu também quero essa pequena interesseira na minha vida, você acha que não me apaixonei por ela quando correu em suas pernas gordinhas depois de ter roubado meu urso Bob? Eu amo aquele urso. — Sorrio para sua brincadeira. — Não estava brincando quando disse que quero você na minha vida. Mas para isso eu preciso que você confie em mim com suas escolhas.

— É tudo muito novo para mim.

— Por isso precisamos estar juntos nessa. — Deito minha cabeça em seu ombro, inspirando o seu perfume. — Vou esperar você terminar sua prova do supletivo para entrar com um processo de guarda.

— Mas isso é na próxima semana! — exclamo. — Nem consegui um emprego ainda.

— Só precisamos de uma papelada tendo você responsável pela academia do clube e tudo estará pronto. Tenho certeza, *baby*. Rose vai estar conosco antes da sua barriga aparecer.

— Promete?

— Palavra de escoteiro.

— Você já foi um escoteiro?

— Claro, eu sei dar nós como ninguém.

Sua cabeça inclina para o lado em questionamento.

— Nós não são coisas de marinheiros?

— Apenas formalidades, querida.

Mark

Hoje é o grande dia. Michael nadou, nadou até começar a se afogar. Depois de anos à procura do velho, nós finalmente conseguimos encontrá-lo com provas suficientes para mandá-lo para uma bela vida na cadeia. O que é realmente um alívio, desde que Rose está cada vez mais presente em nossas vidas, e Michael começou a usá-la como uma ameaça. Amy não tem a menor ideia do que está acontecendo, o clube fica grato por isso, desde que seus hormônios da gravidez começaram a transformá-la em uma mamãe canguru. Seu abdômen está um pouco mais avantajado e ela está cada vez mais linda com meu filho dentro, sim, é um menino. Amy acertou e tenho mais alguns meses de fraldas para trocar.

— Mark! — Escuto o grito de Amy a distância, antes que eu consiga abrir a porta, ela a escancara, batendo-a contra a parede.

— Ela fala? — Sim, nós conseguimos esconder seu segredo por um bom tempo de todos os membros do clube, menos das meninas.

— Que porra é essa?! — Pego os papéis das suas mãos trêmulas. É uma das cartas de Michael, uma das que ele conta detalhadamente tudo o que vai fazer com Rose se não liberamos os cinquenta milhões da conta de Amy para ele.

— *Baby*, nós vamos resolver isso.

— Como?

— Nós estamos saindo agora. Collin vai estar à espera com o FBI, antes de entregarmos o dinheiro, eles entram em ação e tudo termina.

— Eu vou com você — Amy coloca as mãos na sua cintura, o que chama minha atenção para seu abdômen avantajado.

— Oh, não.

— Eu aguentei as ameaças dele por três anos. Chorei até dormir, porque a dor da fome e nos meus músculos era insuportável. Dormi ao lado de poças de urina, porque eram os únicos locais seguros, onde não precisava me preocupar em ser morta ou violentada. Eu me humilhei, chorei e sangrei CADA. MALDITO. DIA nos últimos três anos, porque era comigo. COMIGO! Mas eu não vou deixar aquele pedaço de merda tocar em um fio de cabelo da minha filha.

— Amy, você não vai a lugar nenhum armada e grávida. — Cruzo os braços sobre meu peito afirmando meu ponto, mas ela só ergue a sobrancelha,

passando por mim.

Pegando uma das armas sobre a mesa, Amy não olha na minha direção quando sai do escritório.

— Ela está armada e grávida, Mark. — Liam aponta, enquanto continuo inerte, observando-a sair.

Corro atrás dela e tiro a arma com cuidado das suas mãos, dando graças a Deus ao encontrá-la sem munição.

— Okay, okay. Você vai, mas sem arma. E vai usar um colete para proteger a barriga.

— Bom, pensei que teria que estragar seu rostinho. — Ela parece satisfeita com minha resposta, apesar de ter um furacão de emoções dentro de mim. Amy não vai aceitar um não como resposta, prefiro que vá acompanhada por alguém de confiança do que sozinha e escondida.

Amy

Eu não estou sendo irresponsável por estar grávida e no meio da linha de fogo, tudo o que quero nesse momento é me livrar do Michael. Depois de toda a dor que ele trouxe à minha vida, e quando finalmente encontro a felicidade, ele começa a ameaçá-la com suas palavras podres.

Eu não vou deixar que nada aconteça com Rose, não depois de tudo o que ela passou tão nova. Fico sentada no carro ao lado de Collin vestindo uma roupa azul com capacete e colete a prova de balas. Mark me obrigou a usar, apesar de estar me sentindo ridícula com esse peso extra na minha barriga.

— Você consegue escutar o que eles estão falando?

— Sim, parece que Michael não está no local combinado.

— Oh! — Aperto minhas mãos em apreensão, preocupada que ele possa ir atrás de Rose, como está escrito na carta.

— Ela vai ficar bem, eu prometo. — Collin toca minhas pernas cobertas pela calça leggings.

Respiro fundo, olhando para a entrada suja do clube.

— Ele descobriu que viríamos. Mark e Liam estão com vocês? Okay, continuem procurando.

— O que aconteceu?

— Michael desapareceu, ele não pode ter ido muito longe. Estávamos vigiando-o há uma semana.

Brinco com um fio solto da minha calça, quando suas palavras começam a deixar sua marca em mim.

— Eu sei onde ele está! — Saio do carro correndo com Collin atrás de mim. Ele puxa meu braço, parando-me no lugar.

— O que você está fazendo?!

— Eu sei onde ele está! — Aponto para uma pequena porta atrás do tambor de lixo. — Há uma sala secreta onde ele costumava se esconder sempre que a máfia vinha visitar o clube.

Collin fala rapidamente no rádio do seu uniforme quando começa a se preparar para atacar. Ele empurra meu corpo para atrás do seu, dando espaço para que seus companheiros derrubem a porta. Há vários gritos antes que o silêncio finalmente reine, nesse meio tempo meu corpo começa a tremer em expectativa pelo que vai acontecer nos próximos minutos. Estou praticamente

entre o Inferno e a Terra, louca para me liberar dessa inconstância, a prisão de Michael não significa apenas a segurança de Rose, mas a minha tão sonhada liberdade. Eu finalmente vou saber o motivo de toda essa perseguição, finalmente vou poder me despedir dos meus pais em paz.

— Hey, o que você está fazendo aqui? — Mark pergunta, prendendo meu corpo contra o seu.

— Ela nos ajudou a descobrir o esconderijo.

— Mestre Splinter sempre me surpreendendo.

— Liberado, nós podemos entrar — Collin anuncia e de repente não me sinto mais tão segura sobre reencontrá-lo.

Apertando a mão de Mark com um pouco mais de força do que o necessário, entro no pequeno quarto e há vários homens ao redor apontando as armas para Michael ajoelhado com as mãos amarradas em suas costas. Sua cabeça fica ereta com a mesma pose superior, mesmo que seu lábio inferior trema de raiva, depois de tanto tempo, eu conheço perfeitamente cada expressão corporal dele antes de surtar e descontar sua raiva em mim. Eu tive sorte quando ele começou a perceber que seus ataques estavam afetando o meu desempenho nas lutas.

— Meus robôs finalmente se encontraram — ele ri, mas é interrompido por uma tosse seca.

Demoro um pouco para entender o que ele está falando, até Liam aparecer ao meu lado.

— Você não sabe o quanto eu esperei por esse momento. — Liam abaixa na altura dos seus olhos. — Espero que aproveite seu tempo na prisão.

— Seu reinado não vai durar muito tempo, garoto — Michael rebate quando Liam retorna para o lugar. — Você quer saber o que aconteceu com sua família?

Nego, porque realmente não quero saber nada que venha dele.

— Tudo o que você disser vai ser usado contra você — Collin avisa.

— Você sabe qual é o meu destino na cadeia, seu imbecil.

— Eu quero ir embora. — Puxo o braço de Mark.

— Sua avó foi morta por mim! Por isso seu pai ficou desesperado para fugir, porque a próxima seria você. Mas ele era um porco tão covarde, que preferiu matar toda família jogando o carro no rio.

Não me lembro como cheguei até ele, mas tudo o que sinto são os ossos

do seu nariz quebrando contra meu punho. Mark me tira de cima dele, só depois de um tempo que percebo que as minhas ações poderiam ter me matado se um dos policiais tivesse atirado. Com Michael sangrando, eles finalmente o levam, deixando apenas Liam, Mark e eu no local.



— Nós concordamos que não vamos denunciar, Amy. Na verdade, a maioria ficou impressionado por sua facilidade em socá-lo tão rapidamente — Collin fala quando Mark entrega um copo de água assim que chegamos à delegacia.

— Como vão explicar o nariz quebrado? — Liam pergunta do canto da sala com os braços cruzados.

— Ele quebrou durante a fuga. — Respiro aliviada, entregando o copo vazio para Mark. — Michael tem uma longa lista de crimes nas costas e com a confissão de assassinato da sua avó, minha aposta é que ele morra na cadeia.

— Sem contar os inimigos que ele colecionou durante a vida — Mark nos lembra.

— Quero ver Rose.

— Vamos apenas oficializar seu depoimento e te liberamos.

Depois de quase duas horas falando tudo o que vi durante o tempo que passei com ele, somos liberados. Mark me leva direto para o Mundo de Carly, onde passo o resto da tarde brincando com Rose. Deixo uma parte do meu coração com ela em sua pequena cama quando preciso voltar para casa, estou completamente exausta por todos os acontecimentos que tive durante o dia. Descobrir que Michael foi o responsável pela morte da minha avó foi como um soco no estômago.

Saio do banheiro enrolada em uma toalha, encontrando Mark sentado ao pé da cama segurando vários papéis. Aproximo-me do seu corpo, colocando minhas pernas ao redor do seu quadril, ele coloca os papéis ao seu lado, dando toda atenção para mim.

— Você está bem?

— Preciso de você. — Mordisco sua orelha, não preciso de muito esforço para tê-lo dentro de mim novamente. Abro minhas pernas amplamente para ele, deixando-me completamente à mercê do seu toque. Sua boca suga meus seios sensíveis e me perco na explosão do orgasmo, adormecendo tranquilamente ao

seu lado.



Capítulo 31

Amy

Acordo sentindo a falta do corpo de Mark ao meu lado. Caleb resolveu fazer um playground na minha bexiga, tomo um banho rápido antes de descer em busca de comida, mas antes que consiga chegar à cozinha, noto uma pequena mochila rosa no sofá. Ando na ponta dos pés até a cozinha, onde lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto no momento em que encontro Mark sentado no chão com Rose entre suas pernas e ele a alimenta com o que parece ser uma mistura de iogurte e aveia. Cubro minha boca com as mãos para evitar que meus soluços a assustem.

— Ela não é muito fã de cadeira.

Não, não mesmo. Rose acompanha o olhar de Mark e assim que nossos olhos se encontram, ela dá o sorriso mais lindo que alguém pode receber. Aquele sorriso que secretamente diz a você que tudo vai ficar. Sua boca está cheia de iogurte e escorre um pouco pelo seu rosto, então Mark delicadamente a limpa com um guardanapo. Sento-me ao lado deles, enxugando as lágrimas que decidem cair.

— O que está acontecendo?

— Eu prometi que ela seria nossa antes que sua barriga crescesse. Só não esperava que Michael desse tanto trabalho.

Beijo seus lábios, mas somos interrompidos por Rose pedindo mais comida. E assim passamos o resto do dia, sentados no chão sendo completamente enrolados no dedo mindinho da nossa pequena fadinha.



Semanas depois, finalmente tenho o encontro com Andy, e é como um encerramento da minha história antes de Mark para que eu finalmente recomece com a minha nova vida.

— Quando seu pai descobriu sobre o assassinato dos pais de Liam, ele começou a transferir muito dinheiro para sua conta. Eu não sei o que ele esperava fazendo isso, mas seu desespero estava tão grande, que já estava ficando nítido. Michael esperou até seu plano ser concluído para finalmente atacá-lo, ele começou a jogar com o psicológico ao ponto de seu pai já não ter mais controle sobre a própria vida. Sua última jogada foi a morte da sua avó, tinha alguns membros do clube que iam sequestrá-la para vendê-la para a máfia russa. Acredito que seu pai estava tão transtornado, que não pensou duas vezes antes de jogar o carro naquele rio. Mas isso são apenas suposições, Amy. Eu não posso afirmar que o seu pai realmente tentou matar sua família.

Enxugo as lágrimas que escorrem pelo meu rosto com as lembranças do dia do acidente. Minha avó tinha escorregado e caído durante o banho, por isso fomos para o funeral naquele dia. Agora tudo o que consigo pensar é se ela sofreu muito antes de morrer.

— Como... ela... morreu?

— Ela não sofreu, eu posso garantir a você.

— Como posso saber que não está falando isso só para me consolar?

— Porque fui eu que a matei. Um tiro na cabeça enquanto dormia. — Um gemido de dor escapa dos meus lábios e me curvo como se uma descarga elétrica tivesse atingido meu corpo. Pelo canto do olho, consigo ver Liam segurando Mark para que ele não avance. — Eu nunca vou me perdoar por isso, Amy. Mas foi melhor pelas minhas mãos do que a de outra pessoa.

— Por quê?

— Eu não sei, esse é o nosso mundo. Seu pai escolheu o caminho errado.

— Todas as vezes que você me ensinou sobre a luta foi apenas para Michael?

— Não, no dia que cheguei ao orfanato e encontrei sua pequena figura encolhida no chão, eu sabia que a única forma de me redimir seria ensinando aquilo que eu mais sei fazer, lutar. Eu não poderia nos salvar de Michael, então eu ensinei você a se defender sozinha. — Cubro meu rosto com as mãos, deixando suas palavras fazerem seu ponto em mim. — Infelizmente não posso voltar atrás e salvar sua família.

— Eu passei os últimos anos lutando para te encontrar. Pensei que poderia recuperar a academia para você

— Oh, Amy... eu nunca mereci te conhecer. — Ele toca minhas mãos sobre a mesa. — Não vou pedir perdão pelo que eu fiz, porque não mereço sua misericórdia. Mas só quero que você saiba que seus pais estariam orgulhosos da pessoa que você se tornou. Saiba disso.

Antes de sair, ele deixa uma pasta sobre mesa. Abro-a rapidamente e encontro o mesmo kit que meu pai me deu no meu aniversário.

— *Precisamos de uma casa maior, não é mesmo? — Meu pai pergunta enquanto cola meus últimos desenhos na parede, não acho que desenho tão bem, mas cada vez que lhe mostro ele parece extremamente orgulhoso.*

— *Poderíamos colocar no teto? — Minha mãe ironiza, brincando com meu pai. Ela beija minha bochecha quando passa por mim colocando a comida sobre a mesa.*

— *Não é uma má ideia, baby. Essa casa vai valer milhões com os desenhos dela espalhados ao redor.*

— *O que você acha, Amy?*

— *A comida está muito boa — falo, distraída.*

Essa foi a última vez que tivemos uma refeição tranquila.

Mark

— É errado eu não odiar o clube por ter sido a causa da morte dos meus pais? — Amy pergunta depois que chegamos em casa do seu encontro com Andy. Ela está deitada na cama com Rose dormindo ao seu lado, enquanto massageio suas pernas inchadas.

— Talvez porque você saiba que no fundo não foi o clube que matou seus pais, e sim uma única pessoa — sussurro para não acordar Rose.

— Nunca consegui me despedir deles. — Seus olhos enchem de lágrimas. — Nem ao menos sei onde seus corpos foram enterrados. — Ela desvia o olhar para a pequena deitada ao seu lado, que está chupando a orelha do ursinho Bob. De alguma forma, ela está cada vez mais apegada a ele, seu coelhinho Ted quase não tem vez.

Olhando-a assim, tão confortável, me faz lembrar do dia que eu a encontrei sentada nas escadas com o rosto vermelho de tanto chorar. Livie disse que ela começou a chorar quando não encontrou Amy depois que acordou, a única forma de acalmá-la foi levando-a até a entrada, onde ambas ficaram esperando Amy chegar. Seus olhos brilharam com um lindo sorriso quando contei que a levaria até Amy e, pela primeira vez desde que chegou ao centro, ela abraçou Livie. Talvez, de certa forma, ela sabia que era uma despedida, mas a pequena não sabia que Livie ainda fará parte da sua vida por muito tempo.

Ainda fico admirado como elas conseguiram se completar mesmo com suas limitações, como se tivessem nascido uma para outra. Amy e eu decidimos levá-la para acompanhamento psicológico uma vez por semana, não sabemos o quanto ser abandonada a afetou, mas também não queremos que isso a afete em suas relações no futuro. Ela só consegue dormir no nosso quarto, e precisamos trazê-la de volta antes que acorde.

— Infelizmente, não posso mudar o que aconteceu na sua vida e como o envolvimento com o clube destruiu sua família, não posso apagar seu passado, mas quero escrever seu futuro. Quero fazer novas lembranças para tentar apagar tudo aquilo que já aconteceu com você.

— Você já faz. Todos os dias. Você me deu algo que eu nunca pensei que conseguiria novamente, se não tivesse me encontrado naquele beco escuro, eu não sei onde estaria hoje.

— Se eu não tivesse te encontrado — beijo sua barriga inchada —, eu não teria uma razão para continuar.

A chegada de Amy na minha vida a transformou completamente, eu estava tão preso no meu mundo de dor, que tudo o que conseguia fazer era reviver esses momentos como um drástico efeito borboleta. Olhar em seus olhos e ver a sede pela vida é como aprender todos dias que você pode renascer mesmo no seu pior momento.



Levo Rose para seu quarto, colocando-a em sua pequena cama, esperando sua respiração estabilizar para retornar ao meu quarto onde Amy já está adormecida. Sua boca está ligeiramente aberta e seu corpo agarrado ao travesseiro. Por muito tempo, eu fiquei acordado durante a noite por medo de ser surpreendido por Roger, meu corpo foi tão afetado por aquela rotina, que permaneceu assim por vários anos. Ainda é difícil relaxar e confiar, os pesadelos continuam, mas hoje eu sei que estou na minha casa e com minha família. E ninguém pode tirar isso de mim.



Amy estava linda com sua barriga de seis meses segurando Rose como se fosse uma boneca. Elas andavam em volta do palanque quando a pequena começou a se irritar com o barulho dos fotógrafos. Eu costumava odiá-los também, mas acabou fazendo parte da minha vida. Mesmo fugindo por tanto tempo, não consegui escapar do senador. Minha mãe estava melhorando e eu não queria que minhas desavenças com Roger destruíssem tudo o que ela construiu até hoje. Eu já sou um homem formado e preciso lidar com meu passado, por isso estou ao lado do meu pai, usando um terno preto no calor de trinta e cinco graus, enquanto ele discursa na inauguração da praça. Amélia está do seu lado esquerdo, simplesmente linda. Ignorando completamente a presença de Josh empoleirado ao lado da moto, não preciso dizer que estou fazendo um grande esforço para não sorrir. Tudo está fluindo perfeitamente, a família do senador está de volta à ativa.

Olho mais uma vez para Amy até que o barulho de motocicletas me assusta. O *patch* deles é desconhecido, antes que eu consiga correr, Josh está ao lado de Amy, protegendo-a, pego minha arma, mas sou surpreendido quando um homem de terno aponta a arma em minha direção. Meu corpo paralisa completamente, ficando sem reação ao escutar o disparo. Eu sabia que iria

morrer e meu único pensamento é que não conseguirei escutar o riso de Amy novamente.

Quando estou preparado para sentir a dor atravessando meu corpo, sou jogado no chão. Reagindo rápido, consigo acertar a cabeça do atirador com um tiro certo, um tiroteio começa ao redor, mas deixo meu foco apenas em Roger deitado em meus braços.

— Que merda você fez? — Abro sua camisa em busca do sangramento, minhas mãos estão trêmulas, quando o idiota continua sorrindo e olhando para mim.

— Nunca pensei que sangraria por alguém que não fosse da minha família, mas... você é meu... filho... por fim.

— Eu não...

— Shhh. Eu só não queria que você se tornasse como ele, mas acho que exagerei. — Sua voz começa a perder a força e seus olhos se fecham. — Me perdoe.

— Não, não, não. Não pense em morrer nos meus braços, porra! — grito para seus seguranças, que estão tentando acalmar a confusão que se transformou. — Eu não perdoo você, então não ouse morrer. — O infeliz sorri levemente, mas continua com os olhos fechados.

Amy

Amélia anda de um lado para outro falando ao telefone, Mark está abraçado com a sua mãe perto da porta por onde os médicos entraram com seu pai. Estou sentada com Rose no meu colo, com ela de frente para mim fazendo círculos na minha barriga. Ainda não sei bem o que aconteceu, tudo o que me lembro era de estar mostrando as rosas no jardim quando Josh chegou abruptamente nos arrastando até um local seguro. Mark não sabe dizer se o atentado contra ele foi organizado por Michael, mas o *patch* do ^{MC} era desconhecido. Eles tinham apenas um alvo – Mark. Mas felizmente eles falharam.

Três pessoas morreram e sete ficaram feridas no tiroteio. Apenas dois civis ficaram feridos, o que foi um alívio, já que na inauguração tinham várias crianças. O prefeito e sua família não ficaram feridos, apenas Roger, que pulou na frente de Mark para evitar que ele fosse atingido pela bala. Agora todos nós estamos aflitos esperando o término da cirurgia.

— Família do senhor Baker?

Todos se reúnem ao redor do médico enquanto o escutam falar. O som fica abafado para eu conseguir escutar alguma coisa, então começo a me distrair com Rose.

— Amy? — Levanto o olhar para Mark, que tem a expressão apreensiva no rosto.

— O que foi? — pergunto, preocupada com os olhares que estou recebendo.

— Ele quer falar com você.

— Hum? — Meu cenho franze.

— Roger quer falar com você. — Mark tira Rose dos meus braços e ela se agarra ao seu pescoço como uma pequena macaquinha. Ele oferece sua mão para que eu me levante, com a barriga crescendo cada vez mais, fica um pouco difícil de mover ao redor.

— Por aqui, senhora Baker. — Não corrijo o meu sobrenome, mesmo não sendo casada com Mark, não por falta de insistência dele, claro. Sigo o médico pelo corredor, ficando levemente enjoada com o cheiro séptico do lugar. — Você tem vinte minutos.

Aceno levemente ao entrar no quarto branco.

Roger está deitado na cama com o olhar abatido e o rosto pálido. Há

vários equipamentos ligados a ele, o que me faz estremecer.

— Você pode se sentar aqui. — Indica a cadeira ao seu lado com o olhar.
— Estar grávida combina com você.

— Obrigada? — Coloco minhas mãos sobre meu colo, brincando com as unhas, esperando-o falar

— Eu estou nessa situação por sua causa.

— Como? — Minha voz sai aguda, porque estou realmente surpresa com sua declaração. Não sei como realmente minhas ações o levaram até onde ele está.

— Calma. — Ele se mexe desconfortável na cama antes de voltar a falar.
— Você me fez enxergar o mal que eu estava fazendo para os meus filhos, em especial para Mark. Quando eu os vi hoje, percebi o quanto estava perdendo, passei tanto tempo tentando salvá-lo de ser como o pai, que acabei me tornando um monstro.

— Tudo o que fez para ele nos últimos anos é porque tinha medo de ele se tornar como Bennet?

— Sempre fiz com que ele se superasse. Você não sabe o quanto tenho orgulho da pessoa que ele se tornou, apesar de ter entrado em pânico quando descobri seu envolvimento com o MC. Eu tinha medo que isso o matasse e, o ataque de hoje foi feito pelos aliados de Bennet atrás de vingança. Mark é um traidor e você sabe o que acontece com um traidor?

— Morre.

— Eu fracassei em afastá-lo do clube.

— O clube é o que faz o sangue correr em suas veias. Você nunca conseguiria afastá-lo.

— Hoje eu sei disso. — Seus olhos fecham e um gemido de dor escapa de seus lábios. — Depois que o perdi.

— Por que está falando isso para mim?

— Não sei, eu gosto de você. — Bufo com sua resposta, mas depois fico constrangida. Massageio meu abdômen, nervosa com o rumo que a conversa está levando. — Como vai se chamar?

— Caleb.

— Lindo nome.

Não tenho tempo de agradecer, porque a enfermeira entra no quarto avisando que o horário acabou, antes de sair olho para seus olhos.

— Sete de julho, às duas horas da tarde, é o aniversário de Rose. É sua última chance. Eu não o conheço, e muito menos sei da metade da história de vocês, mas eu gostaria de ter tido uma segunda chance com meus pais.



Epílogo 1

Amy

Vivemos em uma inconstância de pensamentos, ações e escolhas. Buscamos, a nossa vida toda, a estabilidade, mas esquecemos que são as incertezas que nos movem. Por muito tempo, minhas preocupações eram se eu conseguiria vencer a próxima luta, se Michael realmente me mataria, se conseguiria comer ou até mesmo dormir.

Mas o conhecer trouxe estabilidade para algumas coisas, mas também trouxe incertezas. Incertezas se eu conseguiria manter nosso filho vivo depois que ele nascesse, se eu conseguiria terminar a universidade tendo duas crianças para cuidar e, a principal, se eu conseguiria voltar a ter uma vida normal depois de tudo.

Talvez normal não se encaixe em nosso vocabulário e eu estou realmente aprendendo a apreciar isso. Após a prisão de Michael, a nossa vida entrou em uma rotina, Mark voltou a falar com seus pais, mesmo que seu relacionamento com Roger ainda seja instável. Há muita mágoa para ser discutida ao longo do tempo, o interesse de Roger pela pequena Rose é incrível. Talvez ela tenha sido a principal influência para Mark começar a perdoar seu pai.

Cada dia que passa, ela se torna uma pequena guerreira, completamente apaixonada por seu irmão Caleb. Poucos conseguem se aproximar dele sem a permissão dela, isso é realmente cativante, principalmente quando seu instinto protetor aflora em relação a ele. Rose começou a ganhar uma certa independência após o nascimento de Caleb, ao invés de dormir conosco, ela passou a adormecer ao lado do irmão. Ainda continuamos muito apegadas uma a outra e Mark quase não tem vez, porque nós duas sempre o vencemos. Não posso negar que ele é um cara muito paciente, principalmente depois que eu o soquei durante o parto, talvez eu possa ter aliviado o pagamento da aposta como uma forma de me redimir.

O clube está cada vez mais presente em nossa vida, com a expulsão de Cash por traição, o clima começou a amenizar. Com a confissão de Michael sobre vários crimes, Cash foi indiciado como cúmplice por ser o atirador que ceifou a vida dos pais de Liam em um atentado cruel. Foram necessários cinco homens e Ally para conseguir afastar Liam dele, o homem que apertou o gatilho estava ao seu lado o tempo todo como se nada tivesse acontecido. Se a polícia não estivesse envolvida, Cash com certeza não estaria mais entre nós. O FBI já não está mais acampado no clube, apenas Collin, que continua em sua jornada de vida dupla, mas isso meio que acabou se transformando em sua família.

Depois de doze anos, finalmente consegui ter uma despedida com meus pais. Mark me levou até o cemitério e ficou sentado em um dos bancos afastados, enquanto eu tinha meu momento a sós com eles. Eles foram enterrados lado a lado, ao contrário do que eu imaginava, não chorei. Apenas uma lágrima escorreu pelo meu rosto, porque aquilo não era uma despedida, era apenas o começo. Quero continuar acreditando que eles estarão sempre ao meu lado, que escutarei suas brigas pelo melhor pedaço de bacon, que estarão na plateia no dia da minha formatura, que vão continuar colocando os desenhos de seus netos nas paredes, porque, apesar de tudo, eles ainda estão comigo. Não é uma despedida, só um até logo.

Meu pai pode não ter tomado a decisão correta naquela tarde, mas eu nunca o odiarei por isso. Eles eram minha família e eu os amo por isso. Assim como amo a família que construí com Mark. Principalmente a forma como ele sempre consegue me surpreender.



Estou sentada no chão da nossa casa com Rose e Caleb, quando Mark

chega por trás, levantando-me. Rose observa com seus grandes olhos azuis a loucura do seu pai.

— O que você está fazendo? — pergunto, quando ele começa a me guiar no ritmo da música que toca ao fundo. O som ainda não é claro, então ele ainda precisa cantar para mim às vezes.

— Você quer saber o meu som favorito no mundo todo? — Seus lábios escovam meu queixo em beijos dolorosamente lentos.

— Caleb chorando para ser alimentado? — brinco, sorrindo em seus lábios.

— É o jeito que você conversa com os meus filhos, fazendo-os se sentirem especiais. — Ele me roda em círculos antes recitar a letra no meu ouvido.

Forever, and ever, you'll stay in my heart

And I will love you

Forever, and ever, we never will part

Oh, how I love you

Together, forever, that's how it must be

To live without you

Would only mean heartbreak for me

Riso borbulha do meu corpo com a sua imitação barata de Aretha Franklin. Ele continua me guiando em uma dança nem um pouco parecida com jazz, no entanto, parece levar Rose ao êxtase sempre que gira o meu corpo.

Não precisa ser perfeito, precisa ser apenas meu.

Mark

O destino é um merda e eu amo o que ele me trouxe.



Seus olhos brilhavam, pois sua alma sorria. Ela rodava nos braços do marido, enquanto seus filhos assistiam, mal sabiam eles que estariam marcando-os para sempre com aquela memória. Estava completamente fascinado por aquela perfeitamente imperfeita família, olhei os filhos no chão sentados assistindo aos pais dançarem. Minha filha finalmente estava feliz, ela já não sentia fome, frio ou dor. Então eu finalmente pude descansar em paz.

Fim

I Say a Little Prayer

Aretha Franklin

Pra sempre e sempre, você ficará no meu coração

E eu te amarei

Para sempre e sempre, nós nunca nos separaremos

Oh, como eu te amo

Juntos, pra sempre, é como tem que ser

Viver sem você

Só partiria meu coração



Epílogo 2

Mark

A pequena coisinha está sentada à mesa pelas últimas duas semanas observando a movimentação do clube. Quando perguntei se precisava de ajuda, ela pediu para levá-la a um lugar mais calmo.

— Você está precisando de um emprego? — Liam pergunta com os braços cruzados. A garota joga os papéis sobre a mesa antes de falar pela primeira vez.

— Por que eu precisaria de um emprego, quando tudo isso é meu?

Não estava mentindo quando disse que nunca esqueço um rosto. Olhar para essa garota me faz lembrar que Michael não estava blefando com sua ameaça.

Continua em...



Série Law Angel's



Agradecimentos

Finalmente chegamos ao último livro da série. E pensar que tudo começou quando um garoto sequestrou a garota. Silence Angels é muito mais do que uma história de motoqueiros, é a história de uma família. E em como toda família, cada um possui uma particularidade.

Nesse tempo que passei acompanhada dessa família, aprendi a me reinventar, assim como cada um desses personagens incríveis. Espero que tenham gostado deles tanto quanto eu.

Esse não é o fim, apenas um começo.

Table of Contents

Capítulo 1	Mark
Capítulo 2	Amy
Capítulo 3	Mark
Capítulo 4	Mark
Capítulo 5	Amy
Capítulo 6	Amy
Capítulo 7	Mark
Capítulo 8	Mark
Capítulo 9	Mark
Capítulo 10	Amy
Capítulo 11	Amy
Capítulo 12	Mark
Capítulo 13	Mark
Capítulo 14	Mark
Capítulo 15	Mark
Capítulo 16	Mark
Capítulo 17	Mark
Capítulo 18	Mark
Capítulo 20	Amy
Capítulo 21	Mark
Capítulo 22	Mark
Capítulo 23	Amy
Capítulo 24	Mark
Capítulo 25	Amy
Capítulo 26	Mark
Capítulo 27	Amy
Capítulo 28	Amy
Capítulo 29	Amy
Capítulo 30	Mark
Capítulo 31	Amy
Epílogo 1	Amy
Epílogo 2	Mark